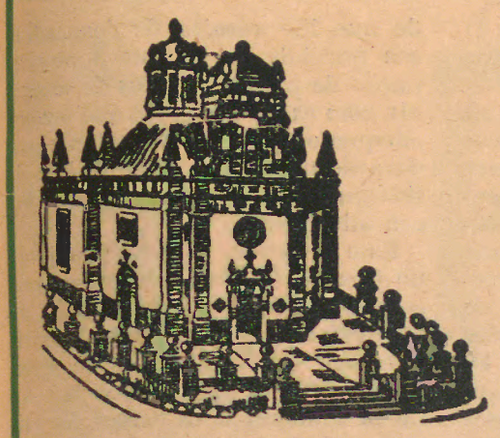
C. M. B
Biblioteca

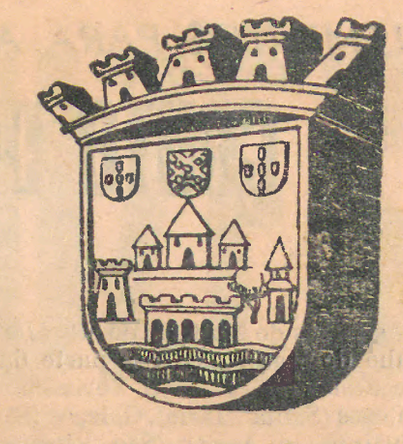
À Biblioteca Municipal BARCELOS

Ano XX AVENÇA Quinta-Feira 1 de Maio de 1969 N.o 993



Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Proprietário: Nunes de Oliveira
Comp. e Imp.: EDITORA POVEIRA — Póvoa de Varzim
Director e Editor: Ilídio Joaquim Nunes de Oliveira (Dr.)
Telefone: Vistodos — 96167
Redacção e Administração: Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras
Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 82465 — BARCELOS

SEJAM BEM-VINDOS!

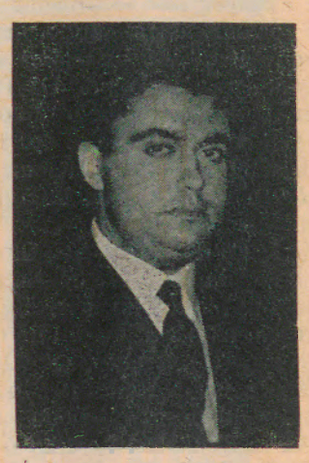
Engenheiro RUI SANCHES

É IS que Barcelos — a cidade alcaide por excelência — está em festa. E não se trata da expressão vulgar que emana de festões naturais — seus jardins e cômoros alindados pela Primavera, o verde de seus tapetes que estão na cobertura dos campos e das árvores, no murmurar das fontes, e rio, como no topázio de seu céu ímpar — não se trata dessa combinação de cores multímoda para nos pararmos na quietude bucólica de seus agros e montes. Nem das Festas das Cruzes, ou seu pendão.

É que Barcelos, rompida a sebe das incompreensões, tem aí a visita de dois homens ilustres do Governo: — o ministro das Obras Públicas e o Subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência — Eng. Rui Sanches e Dr. Nogueira de Brito.

E por isso está em festa.

Mais do que isso: — crê nas virtudes — como sempre aconteceu — dos homens que lhe comandam os destinos, e lhe conferem aval que, a — par do bairrismo de seus Filhos, garante seu progresso e dimensão, a que tem jus até por



Dr. JOSÉ LUÍS NOGUEIRA DE BRITO

suas qualidades inatas e por seus méritos históricos.

Dai o nosso viva: — Sejam bem-vindos!

Seja bem-vindo Sr. Ministro das Obras Públicas!

Seja bem-vindo Snr. Subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência!

Barcelos — do Alcaide de Faria e de D. António Barroso — orgulha-se da vossa visita que é de trabalhos e ao mesmo tempo de cortesia. Orgulha-se, e vive-a em todo o seu esplendor que lhe emprestam as suas «Festas das Cruzes», tão singulares, tão ímpares, tão nobres.

Recebei, por isso, o nosso preito.

Deixai que sob vossos pés se vejam os verdes dos nossos hossanas.

Mas reparai também: — queremos que esta festa se repita.

Vinde cá mais vezes!

E esse — que é filho desta Terra — aceite, de um modo especial, o cunho do nosso respeito como símbolo da confiança que nele todos os barcelenses deposi-

COMENDADOR ANTÓNIO MARIA SANTOS DA CUNHA

tam — o Dr. Luís Nogueira de Brito.

Por Barcelos! Por Portugal!

Sejam Bem-Vindos!

Dr. António Vasco Maciel Barreto de Faria

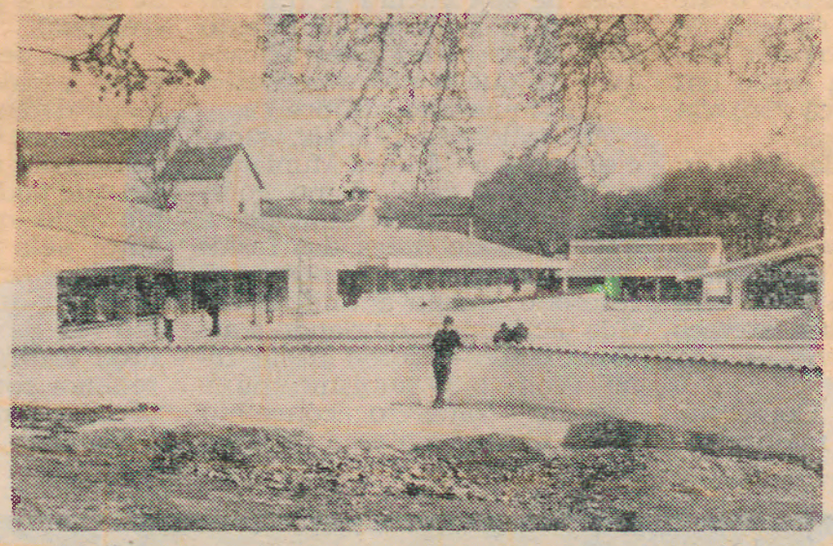
Não é difícil a nenhum barcelense dedicar algumas palavras elogiosas ao seu ilustre Presidente da Câmara Municipal.

Ainda não estão decorridos dois anos, só os completará para Setembro próximo, e já conquistou a admiração e o coração dos seus conterrâneos, bem como a simpatia das pessoas que superintendem nos vários Departamentos Ministeriais com que tem contactado. E não surpreende que assim aconteça se tivermos presente as suas extraordinárias qualidades de trabalho e de inteligência, a sua dedicação aos problemas mais instantes e modo incansável como acompanha a evolução dos estudos que conduzem à resolução desses mesmos problemas. O descanço não conta para o Senhor Dr. António Vasco de Faria que vive activa e permanentemente, de forma intensiva, tudo que possa levar ao progresso e engrandecimento, da sua e nossa terra.

Mas não se confina essa acção apenas ao que se relaciona com a Cidade. Atente-se na sua exaustiva peregrinação a todas as freguesias do Concelho, para serenamente e pessoalmente, como se impunha, se inteirar das suas mais prementes necessidades, podendo assim estabelecer, para certos casos, planos prioritários a satisfazer, noutros casos, justas e inadiáveis aspirações.

Não vamos, neste momento, enumerar em que se traduziu até agora a actividade do ilustre Presidente da Câmara Municipal. Entendemos que brevemente surgirá a melhor oportunidade para o efeito e, mais do que isso, para os barcelenses, em unissono, manifestarem ao Senhor Dr. António Vasco de Faria o seu pleno apoio e o seu mais profundo reconhecimento — o dia 21 de Setembro em que se comemora o 2.º ano da sua posse.

Aqui fica a sugestão, certos de que será um dia que todos os barcelenses viverão com entusiasmo!



O novo Mercado Municipal de Barcelos, a inaugurar no dia 3 de Maio por Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, Eng.º RUI SANCHES

PROGRAMA DAS VISITAS MINISTERIAIS

Dia 2 de Maio — VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA:

Às 15 horas — Recepção a Sua Excelência no limite do concelho, em Barqueiros;

Às 15,15 horas — Sessão de boas-vindas no Salão Nobre dos Paços do Concelho;

Às 16 horas — Desfile desde o Largo de D. António Barroso, pelas Ruas Infante D. Henrique, de D. António Barroso, Largo da Porta Nova e visita à exposição de artesanato barcelense (bordados e tecelagem) no Centro de Artesanato;

Às 17 horas — Visita à exposição-venda de artigos de terapêutica ocupacional, na casa de Saúde de S. João de Deus;

Às 18 horas — Exposição de fotografia na Biblioteca Municipal, do barcelense Silva Gajo;

Às 21,30 horas — Serão para Trabalhadores, organizado pela F. N. A. T., a que se digna assistir aquele membro do Governo.

Dia 3 de Maio — VISITA DE SUA EXCELÊNCIA O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS:

Às 9,45 horas — Recepção a Sua Excelência no limite do concelho, em Barqueiros;

Às 10 horas — Bênção e inauguração do novo Mercado Municipal.

Governador Civil de Braga

Dentre as personalidades que estarão presentes em Barcelos, no decorrer das Festas das Cruzes, conta-se o ilustre Governador Civil, Comendador António Maria Santos da Cunha. Personalidade bem conhecida de todos disfruta este nosso querido amigo, tanto no Distrito como no Concelho de Barcelos, do maior respeito e viva simpatia, pelo que a sua presença é sempre assinalada com grande satisfação.

A sua estadia durante 12 anos na Presidência da Câmara de Braga ficou indelèvelmente marcada por empreendimentos que transformaram por completo a fisionomia da Cidade, concorrendo decisivamente para o seu progresso e para o bem-estar da população. Agora como Governador Civil muito irá lucrar o Distrito com o seu reconhecido entusiasmo dinamizador, sendo apenas indispensável que todos o acompanhem com igual entusiasmo e interesse, criando à sua volta um clima de unidade e boa compreensão.

No que aos barcelenses diz respeito assim acontecerá e com o seu incondicional apoio poderá contar o Senhor Governador Civil.

Ao interpretarmos os sentimentos dos barcelenses daqui saudamos o Senhor Comendador António Santos da Cunha, ao mesmo tempo que lhe testemunhamos a mais firme e leal colaboração.

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DO

COUTO DE S. MARTINHO DE MANHENTE

Pela Dr.a MARIA CELESTE ANDRADE DA COSTA FERNANDES

As terras do Mosteiro de São Martinho de Manhente, com parte das freguesias de Tamel (S. Veríssimo), Galegos (Santa Maria), Galegos (São Martinho) e Areias (São Vicente) foram coutadas a Gomes Ramires por D. Afonso Henriques.

Não obstante a afirmação de que o donatário era abade do Mosteiro, o certo é que não se aponta a razão respectiva pois a Carta do Couto não a diz ou sequer a insinua.

A análise dos elementos intrínsecos dos contextos das cópias da carta régia de doação do Couto do Mosteiro de São Martinho de Manhente reveste-se de dificuldades que tais elementos constitutivos não ajudam a resolver.

Os de ordem histórica que envolve como os de natureza diplomática, não são de molde a permitir-nos estabelecer uma perfeita conjugação entre uns e outros, como veremos, por forma, até, a poder situar esta carta de privilégio numa cronologia isenta de dúvidas.

À falta de original que nos possibilite o estudo dos caracteres internos e externos, limitamo-nos a fazê-lo através de inserções, confirmações régias posteriores ou cópias certificadas, como ponto de partida para se poder concluir se se trataria de documento inicialmente autêntico, ou pelo menos não completamente falso.

Merecem, pois, apreciação nesta carta de doação a subscrição, endereço ,saudação, cláusulas finais cominatórias penais e espirituais, de outorga, o formulário respectivo coevo e até a especial necessidade do «consensum» que neste caso se reveste de particular interesse relacionando-o no caso vertente, como elemente de validação do acto.

Passando a analisar a carta régia e reportando-nos à data textual do códice n.º 8750 da Biblioteca Nacional de Lisboa — Fundo Geral —, o documento em apreço revela que D. Afonso Henriques, em Janeiro de 1128 (Era de César de 1166), fez couto das terras do Mosteiro de São Martinho de Manhente a Gomes Ramires, e que este coutamento tinha o consenso de D. Teresa.

Ressaltam da Carta do Couto factores que comprometem a genuidade inicial respectiva.

É obscura a simultaneidade da presença de D. Teresa junto do filho («in presentia matris mea») no Castelo de Faria e, consequentemente, do consenso por ela dado à doação, além de outros factores de ordem histórica e diplomática que apreciaremos, elementos estes que teremos de conjugar com a data textual e com o facto, a acrescer a outros de figurar como confirmantes Egas Moniz, Diogo Gonçalves — «curiae dapifer» — e Menendus — «chanceler».

Quanto ao estabelecimento do ponto cronológico da carta régia, podemos abstrair-nos da referência que a ela faz Alexandre Herculano e à antecedente Carta de Couto de São Vicente de Fragoso (Dezembro, 1127). Este historiador admite um primeiro período de guerra aberta entre D. Teresa e o filho em 1127 a que se teriam seguido alguns meses de concórdia e a estes, por sua vez, se seguiria um período em que mais se acenderam as dissidências que haviam de culminar com a derrota das hostes da Rainha em S. Mamede em 23 de Julho de 1128 ou em 24 de Junho do mesmo ano segundo a Crónica dos Godos.

Baseia-se exactamente na Carta do Couto de São Vicente de Fragoso para situar o início do período de rebeldia a que se seguiu o período de concórdia:

Consenso de D. Teresa ao coutamento do Mosteiro de São Martinho de Manhente. Mas as razões que invoca relacionadas com a data do primeiro documento a que se alude, são hoje julgadas improcedentes.

Não se exclui a existência de um partido dissidente formado por importantes próceres do tempo. Empenhadamente a ele se ligaram, numa coligação perfeita, D. Paio Mendes, seu irmão Soeiro Mendes e Egas Moniz que incentivando o ânimo do Infante o prepararam prolongada e psicològicamente para feitos de rasgada projecção, moldando-lhe a personalidade que bem cedo se definiu e que tão justificados receios haveria de causar à sua progenitora.

Conclui, assim, pela ausência de fundamento documentado que possa levar a considerarem-se dois períodos de rebeldia de D. Afonso Henriques até à destituição de D. Teresa do governo da terra portucalense, afirmando que a precedeu um só a partir de Abril de 1128.

É certo que Alexandre Herculano fundamentou a tese em que defende a existência do primeiro período de rebelião do Infante na Carta de Couto de São Vicente de Fragoso e na data textual desta doação a que dá todo o crédito, baseado numa razão diplomática relacionada com o registo que acusa a data de Dezembro de 1127 em dois códices da Chancelaria de D. Afonso III.

Um destes existe nos Arquivos da Junta de Freguesia de Fragoso, do concelho de Barcelos, que Alexandre Herculano expressamente consultou deslocando-se aqui, e que a nós também foi dado ver, constatando que ainda conserva o selo de chumbo pendente.

É de ponderar que após a elaboração de códices para as Inquirições de D. Afonso III, alguns diplomas falsos do século anterior foram tomados como genuínos e confirmados obtendo, assim, força jurídica, assinalando-se que a Carta de doação do Couto de São Vicente de Fragoso fora decalcada na do Mosteiro de Tibães, concluindo-se, assim, que se trata de antecipação da data textual, classificando-se de improcedente o primeiro período de rebeldia iniciado com a data do Couto de Fragoso, com interrupção na data do consenso dado por D. Teresa e sua presença no Castelo de Faria, para a doação do Couto do Mosteiro de São Martinho de Manhente.

Referindo-se que o sinal e legenda do Infante é índice seguro da prévia organização da sua chancelaria, conclui que a data do Couto de Fragoso não é anterior a Agosto de 1128. E assim sendo, mesmo que pudesse admitir-se como verosímil o consenso dado por D. Teresa ao coutamento feito pelo filho, na sua presença, no Castelo de Faria, as subscrições comprometem, na verdade, a genuinidade inicial, do documento.

O facto de D. Teresa, também em Janeiro de 1128 ter coutado o Mosteiro de Vilela do concelho de Paredes afasta a plausibilidade de, no mesmo mês e ano, ter D. Afonso Henriques coutado o Mosteiro de Manhente num período em que aquela, de parceria com o seu valido Peres de Trava, governava a terra portucalense.

Não exclui, no entanto, o Doutor Torquato de Sousa Soares, totalmente a hipótese da presença de D. Teresa e de Fernando Peres de Trava no Castelo de Faria com D. Afonso Henriques em Janeiro de 1128, depois de aludir à crise que em 1126 impendia sobre a terra portucalense e a outros factos, entre os quais avultam o da necessidade de D. Teresa se unir ao velho Conde Pedro Froylaz — pai de Fernando Peres de Trava — depois de aludir à colaboração dos barões portugueses e dos Prelados a D. Urraca com intuitos de reinvindicação a favor de D. Afonso Henriques para que este não ficasse incurso no crime de felonia que à mãe abrangera; ao hábil manejo da intriga de D. Teresa para uma desarticulação de forças que contra si se tinham adensado; aos receios que provocara ao Arcebispo de Braga D. Paio Mendes e que o levaram a refugiar-se em Zamora, então sob o domínio de D. Urraca, e de conceituar que este levara também consigo D. Afonso Henriques que ali fora armar-se cavaleiro como era costume dos reis; à paz que se seguira, ao regresso de D. Paio Mendes a Portugal e ainda às circunstâncias de situações que não agradavam ao Infante, não obstante aparecer como confirmante de um documento de doação feito por D. Teresa (31 de Março de 1128). E acrescenta que essa presença significaria, talvez, «o propósito de restabelecer a ordem em toda a terra portucalense».

Não exclui, portanto, a possibilidade do consenso dado por D. Teresa à doação do Couto de São Martinho de Manhente.

Tratar-se-ia de um acto de sagacidade diplomática e política o consenso por ela dado à doação que D. Afonso Henriques fizera após ter-se apercebido do destacado pendor do Infante para a acção conducente à obtenção da soberania? Não o teria ela feito pela necessidade de que lhe surgira de demonstrar aos parciais do Infante a preocupação de partilhar actos de soberania com este como meio que melhor adequado julgou para obter a moderação no avanço da actividade da fidalguia portuguesa que então lhe era adversa?

Este consenso, presença conjunta no Castelo de Faria, torna-se inverosímil, porque a organização da chancelaria de D. Afonso Henriques não antecede o mês de Agosto de 1128 e nas subscrições da Carta indicam-se os cargos dos oficiais palatinos e entre eles o do «curiae dapifer» e «chanceler» ou «cancelario» respectivamente, no documento atribuídos a Diogo Gonçalves e Menendus.

A simultaneidade da presença de D. Teresa em Portugal e a existência da Cúria de D. Afonso Henriques não primam pela coerência. A validade do documento inicial não é, pois, incontroversa.

Quanto a Egas Moniz, confirmou documentos de D. Henrique deste 1106 («continens» de São Martinho de Mouros em 1110 e 1111) e pela última vez em 30 de Outubro de 1116; prestou vassalagem a D. Urraca, em Braga, com outros magnates do grupo que guerreava D. Teresa em 17 de Junho de 1120; deixou de figurar em actos públicos em 1122 e só voltou a aparecer ao lado do Infante nos actos de soberania deste, como rebelde, em data que pouco antecede a Batalha de S. Mamede.

As fórmulas usadas na Carta de Couto do Mosteiro de São Martinho de Manhente, coincidem com as mais antigas de D. Afonso Henriques, principalmente as que passam a indicar-se, ou seja, as cartas de Couto do Mosteiro de Pedroso (Vila Nova de Gaia), em 3 de Agosto de 1128; do Castelo da Coja (Arganil) à Sé de Coimbra em 3 de Setembro de 1128; de Barrô e Aguada de Baixo (Águeda), à Sé de Coimbra em 15 de Fevereiro de 1132; do Mosteiro de Sparandei (Viseu), Vilar de Sabugosa (Tondela), Freixedo (Santa Comba Dão) e Midões (Tábua) e de uma propriedade reguenga no Couto de Asnos a favor do Mosteiro de Lorvão, em 20 de Março de 1133; do Mosteiro de Cucujães (Oliveira de Azeméis) em 7 de Julho de 1139; do Couto de Santa Marinha de Vilarinho (Vilarinho de Parada — Sabrosa), em 10 de Abril de 140; do Couto do Mosteiro de São Cristóvão de Rio Tinto, doação de parte de Soutelo (Gondomar), de uma igreja Cresconianes, em 20 de Maio de 1140.

Decompondo a carta de doação do Couto do Mosteiro de São Martinho de Manhente, verifica-se que contém:

— Na invocação: «In nomine Sanctae et individuae trinitatis (Patri et filli et Spiritus Sancti Trinitas indivisa quae nunquam érit fenienda per cuncta seculorum secula...»

— Na subscrição: «Ego egregius infans Alfonsus gloriosissime Hispaniae imperatoris nepos et comitis domini Henrici et Theresiae reginae filius...»

— No endereço: «tibi Gomesione Ramire facio cautum.»

— No motivo: «pro remedio animae mea et meorum parentum et pro servitio quod mihi fecisti et facturus es et etiam pro amore et fidelitade quod erga me habes...»

— Cláusulas cominatórias: «qui predicti cauti terminum intrauerit, quingentos solidos abbati predicti monasterii vel illi qui suam pulsaverit vocem regia potestate dare cogatur et in super quantium damnuem facerit quadrupliciter componat a Sancta Mater Ecclesia sit segregatus cum Surda traditore anathematis sententia perpetim puniatur...»

E no escatocolo:

— Elementos toprográfico da data: «in castro Fariae.»

— Elemento cronológico: «octavo Idus Januarii sub Era 1166...»

— Subscrições: «Pelagius bracharensis episcopus, Egas Monis, Pelagius Paes, Mendes Gonçalves, Didacus Gonçalves (curiae dapiter), Menendus (infancis conciliarius) Laurentius Gonçalves de Sousa, Menendus Petris.»

Deste formulário, isoladamente considerado, não podem tirar-se ilacções que conduzam à conclusão de se tratar de documento falso.

(Continua na página 27)

FESTAS DAS CRUZES

Por ARTUR BASTO

As Festas das Cruzes deste ano, sob a égide do Grémio do Comércio e da Comissão Municipal do Turismo, serão um cartaz vivo da típica romaria do Norte de Nortugal.

E não resta dúvida, que são precisamente estas duas entidades — Grémio e Turismo — que mais obrigação têm de realizar as festas da cidade, dado que cada uma delas têm empenhados os seus interesses que, no final de contas, são comuns.

O Grémio do Comércio, através de muitas manifestações de sua iniciativa, pugnou sempre pelo desenvolvimento das várias actividades artesanais de que o nosso concelho é um riquíssimo alfôbre.

As entidades oficiais, especialmente a Câmara Municipal e Comissão de Turismo, compreendendo perfeitamente a oportunidade única das festas para propaganda do nosso artesanato, colaboram neste sentido ,activando, ajudando e até executando — como neste caso — com o Organismo máximo do comércio concelhio, nesta obra gigantesca de grande alcance político-económico-regional.

Assim se compreende que estas entidades apareçam de mãos dadas a trabalhar pelo progresso de Barcelos, numa comunhão de ideias e interesses que podem servir de exemplo pelo muito que tem de amor pela terra.

Assim está certo. Assim se justifica que Grémio e Turismo se tenham entendido e num esforço ultra-bairrista se tenham constituído em comissão executiva das festas.

Barcelos, Cruzes de 1969.

Panorâmica aérea da Cidade de Barcelos

FESTAS DAS CRUZES

PROGRAMA

1 DE MAIO * Quinta-Feira

«DIA DE ESPANHA»

FEIRA FRANCA

11,30 HORAS:

Sessão de Boas Vindas às Autoridades Espanholas no Salão Nobre dos Paços do Concelho;

12,30 HORAS:

Inauguração da Exposição de Artesanato Barcelense (BORDADOS E TECELAGEM) na Torre do Largo da Porta Nova;

15,00 HORAS:

Visita à FEIRA FRANCA que é saliente repositório dos valores e manifestações artesanais e etnográficas do nosso csncelho;

17,00 HORAS:

Inauguração da Exposição de Fotografia na Câmara Municipal, do barcelense Silva Gajo (Silva do «Janeiro»);

17,30 HORAS:

Exibição no Largo da Porta Nova, de um GRUPO ESPANHOL DE COROS E DANÇAS;

21,30 HORAS:

No Parque da Cidade:

Festival Internacional de Oquei em Patins

e exibição de duas equipas femininas de Oquei de Salão (organização do Oquei Clube de Barcelos);

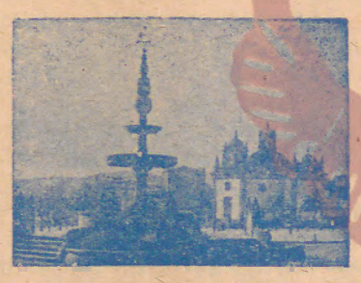
24,00 HORAS:

Grandiosa Sessão de Fogo Preso

na margem esquerda do Rio Cávado, em frente à Esplanada do Turismo.

DURANTE O DIA:

Bandas de música, grupos de cabeçudos e gigantones, de Zés Pereiras e agrupamentos típicos.



2 DE MAIO * Sexta-Feira

Continuação da Feira Franca

11,00 HORAS:

Inauguração da EXPOSIÇÃO—VENDA DE ARTIGOS DE TERAPÊUTICA OCUPACIONAL na Casa de Saúde S. João de Deus.

21,30 HORAS:

No Parque da Cidade:

Serão para Trabalhadores

com os melhores artistas nacionais, organizado pela F. N. A. T.

DURANTE O DIA:

Bandas de música, grupos de Zés Pereiras, de cabeçudos e gigantones e agrupamentos típicos.

3 DE MAIO * Sábado

Grande FEIRA FRANCA das CRUZES

(o mais completo mostruário de etnografia e folclore do País)

10,15 HORAS:

Sua Excelência, o Ministro das Obras Públicas, acompanhado de altas individualidades, procederá à

inauguração do Mercado Municipal

11,00 HORAS:

Cerimónias religiosas no Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz;

17,00 HORAS:

Majestosa Procissão da Invenção da Santa Cruz

18,30 HORAS:

KARTING

Treinos para o PRIMEIRO CIRCUITO «TARGA»;

21,30 HORAS:

KARTING

PRIMEIRO CIRCUITO **TARGA,** prova a contar para o Campeonato Nacional de Karting.

24,00 HORAS

Grandiosa

Sessão do FOGO DAS CRUZES,

lançado da Quinta do Aparício.

DURANTE O DIA:

Bandas de música, grupos de Zés Pereiras, de cabeçudos e gigantones e agrupamentos típicos.

4 DE MAIO * Domingo

Continuação da GRANDE FEIRA FRANCA

14,30 HORAS:

Desfile, desde a Esplanada do Turismo até ao Parque da Cidade, dos Grupos participantes no Festival Folclórico Internacional;

15,30 HORAS:

Festival Folclórico Internacional

no Parque da Cidade, com a colaboração de ranchos folclóricos portugueses e espanhóis;

23,30 HORAS:

Grandiosa sessão de Fogo Aquático

com as margens do Rio Cávado iluminadas por 60.000 lumes vivos.

DURANTE O DIA:

Bandas de música, Grupo de Zés Pereiras, de cabeçudos e gigantones e agrupamentos típicos.

NOTA:

O acesso a Barcelos e estacionamento dentro da cidade, serão devidamente organizados por brigadas da P. V. T. e P. S. P.

A Fronteira de Valença estará aberta durante os dias de Festa.

1 A 4 DE MAIO DE 1969

As últimas Festas das CRUZES do século passado

De «O PRIMEIRO DE JANEIRO» de 4 de Maio de 1899;

«Barcellos, 3 de Maio de 1899
(Do nosso correspondente)

AS FESTAS DAS CRUZES

Decorrem com a maior animação as festas e feira das Cruzes.

Hontem, realizou-se a anunciada festa ao Senhor da Cruz, feita a expensas do insigne maestro, nosso conterrâneo, sr. Miguel Angelo.

A missa principiou ao meio-dia. A orquestra, sob a regência do sr. Miguel Angelo, era toda composta de distintos músicos d'essa cidade, e executou magistralmente a missa, composição do illustre maestro expressamente escripta para esta festa.

O sr. Miguel Angelo foi felicíssimo na composição da missa.

É uma música nova, inteiramente fóra do vultar, e que agrada ainda aquelles que nada percebem de música.

Causou sensação a execução da «Rêverie» de Schumann, que foi brilhantemente interpretada por todos os executantes.

Também agradou muito uma ária de barítono cantada pelo sr. Raul Angelo, acompanhada a orgão por seu pai.

Ao evangelho, subiu ao púlpito o notável orador sagrado, nosso conterrâneo e amigo, rev. António Villa Chã Esteves, produzindo um excellente discurso.

Esta festa, foi, com certeza, a melhor parte dos festejos das Cruzes.

À noite houve brilhantes illuminações no jardim público, Campo da Feira, Templo do Bom Jesus, largo da Calçada e rua Direita. A especializar, as illuminações do jardim público e rua Direita, que produziram um magnífico efeito.

Durante o arraial tocaram a banda Barcellense e as dos bombeiros voluntários d'aqui, da Póvoa de Varzim e de Famalicão, e queimou-se um variado e lindíssimo fogo d'artifício.

Hoje, primeiro dia de feira, a concorrência de forasteiros é extraordinária.

NOTAS de Silva Gajo:

Miguel Ângelo, filho de Bento de Araújo Pereira e de Ludovina Rosa de Jesus, nasceu em Barcelinhos em 24 de Janeiro de 1843 e faleceu no Porto, em 2 de Fevereiro de 1901.

*

Da «História da Música», de Moreira de Sá:

. . . . . .

...o maior pianista e compositor português da última metade do século XIX. E se como pianista foi prodigiosamente assombroso, como compositor também nos legou uma obra muito vasta e verdadeiramente genial — obra que se extinguirá totalmente só quando Euterpe for apeado do seu altar millenário, quando o caruncho tiver destruído o último piano, quando for estrangulada a última garganta harmoniosa, e quando, enfim, a sensibilidade tiver para sempre desaparecido da face do mundo.

. . . . . .

\#

Do nosso ilustre amigo e conterrâneo, Sr. Silva Gajo, recebemos, a acompanhar a notícia acima transcrita, uma carta que, pelo interesse de que se reveste, não podemos fugir à tentação de publicá-la na íntegra. Que nos desculpe o nosso querido amigo.

«*Meu caro Amigo:*

Acuso a sua estimada carta, em que me pede *qualquer coisa* para o n.º especial do seu jornal, por ocasião das próximas Festas das Cruzes.

Parece-me não ser desacertada a transcrição da notícia dada pelo meu querido «Janeiro» em Maio de 1899.

Devo-lhe dizer que o nosso Ilustre conterrâneo Miguel Ângelo não conseguiu fugir ao destino dos Grandes Homens, pois pouco antes de 2 anos, depois dessa grande Festa, doido e falto de recursos, falecia numa Casa de Saúde no Porto.

Do grupo coral que o acompanhou a Barcelos, fazia parte como tenor o José de Brito, falecido em 12 de Dezembro de 1963. Éramos amigos há 40 anos. Foi ele que se me apresentou na rua. Veio ao meu encontro, aprumado na sua farda bem tratada e peito constelado de medalhas:

— Sei que é de Barcelos. Eu nasci no Porto, mas sou d'alma e coração da sua linda Terra. A larga convivência e amizade que tive com dois ilustres Barcelenses criaram em mim um grande amor à terra que lhes foi berço.

— Quem eram eles?

— Miguel Ângelo e Guilherme Gomes Fernandes.

A minha paixão pela música levou-me a uma grande estima e admiração pelo grande maestro, a quem acompanhei a Barcelos em Maio de 1899. Ainda tenho todo os papéis dessa missa.

Pedi-lha, ao que ele imediatamente respondeu:

— É você quem a levará para Barcelos, entregando-a a quem de direito.

Anos depois, sou procurado no «Janeiro» pelo Amigo José de Brito, que me entrega um volumoso embrulho com os papéis da referida música. Agradeci-lhe num apertadíssimo abraço e ao outro dia vim a Barcelos fazer a entrega, que *até à data não foi agradecida.*

. . . . . .

Há meses, fui informado no Porto que tinha aparecido ali um cavalheiro a oferecer à venda uma música inédita de Miguel Ângelo!...

. . . . . .

Vou tratar do caso.

Com um apertado do seu amigo

SILVA GAJO

Pedra Furada, 15-4-69.»

OS TURISTAS RUSSOS visitaram BARCELOS

Na última quinta-feira, cerca das 17,50 horas, acompanhados pelos Srs. Aníbal André, Vice-Presidente do Grémio das Agências de Viagem, e Ivan W. Karmazine, intérprete, visitaram esta cidade os turistas russos que há dias estiveram no nosso país.

Depois de percorrerem o nosso mercado semanal — precisamente ao desfazer da feira — os visitantes entraram na Torre da Porta Nova, sendo aí recebidos pelos Srs. Carlos Basto, Presidente da C. M. T., Dr.a D. Maria da Glória Pinheiro e Bártolo Paiva, vereadores municipais, Artur Basto, Presidente do Grémio do Comércio, Eng.º Mário Azevedo, Presidente do Centro de Artesanato, membros da Comissão Executiva das Festas das Cruzes, etc., etc..

Depois de saudados pelo Sr. Carlos Basto e de obsequiados com lembranças da nossa terra, os visitantes fizeram uma rápida visita ao Centro de Artesanato, mostrando-se encantados com tudo aquilo que viram.

Na despedida, a popular artista do cinema soviético, Lídia Smirnova, uma loira simpática, agradeceu, em seu nome e no dos seus companheiros, as lembranças e o modo carinhoso como foram recebidos em Barcelos.

Tanto a referida estrela cinematográfica como o famoso bailarino Iuri Jdanov, do Balshoi, foram incansáveis a dar autógrafos aos seus admiradores que irrompiam da multidão de curiosos que ali se juntara.

Durante a visita, os turistas fizeram filmes e fotografias sem conta.

Cerca das 19 horas, entre acenos, os visitantes russos retiraram rumo a Viana do Castelo.

Barraca de Chá no recinto da Feira das CRUZES

No recinto da Feira das Cruzes, abre hoje ao público a barraca de Chá, a favor dos pobres protegidos pela Conferência de S. Vicente de Paulo (Senhoras), de Santa Maria Maior.

As Senhoras da Conferência, como nos anos anteriores, esperam que os barcelenses não a deixem de frequentar e, desde já agradecem, muito reconhecidas, a compreensão e o auxílio de todos os visitantes em favor dos pobres seus protegidos.

BARCELOS — *O Largo da Porta Nova*

Anda pela África o Saudosismo Lusíada...

Por amável deferência, chegam-nos à mão, vindas do Centro de Angola, duas composições poéticas de Julieta Fatal que, na mare cheia de banalidades do chamado modernismo, brilham como estrelas da autêntica Poesia.

A autora, a despeito de calcorrear terras do Ultramar, é metropolitana, e nas horas vagas do seu labor doméstico, com verdadeiro mérito, dedica-se às Letras. É uma Poetisa com talento e personalidade, como o comprova este — «Do Não Objectivável», onde é visível o jogo hábil das ideias em cena, com o engenhoso trocadilho das palavras, a dar novidade e originalidade à personal Poesia de Julieta Fatal.

«DO NÃO OBJECTIVÁVEL

Há a graça de subir
na descida de descer,
como a rua por abrir
Com direito de viver!

Bi-partido, repartido
abiombado o sentir!

E o fracasso de mentir,
que é fracasso
ter um norte
e andar perdido!

Abordável toda a costa
e o barco ao largo a fugir!

Ai o gosto de descer
neste jeito de subir!...»

Apreciem agora este saudoso *«Adeus»*, que até nos faz lembrar aquela mimosa poesia do quinhentista João Roiz, que principia assim:

«Senhora partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém...»

Vejam como a inspirada Poetisa nos dá o seu «Adeus» tão repassado de saudade lusíada — «o delicioso pungir de acerbo espinho»! — que a nostalgia consome, lá ao longe do torrão nativo, tão querido e tão desejado:

ADEUS!...

«Adeus que parto sem hora
nem dia por mim marcado,
porque este partir de mim,
não vem deste mim de agora:
Vem de outro mim embrulhado
nesta partida sem hora...
— Adeus que parto sem hora,
nem dia por mim sonhado:
Parto ao cuidado de quem
por mim não teve cuidado
por não cuidar de ninguém...
Adeus que parto em pecado
no pecado desta hora...
— Ai este partir de mim
que não vem di mim agora...»

É assim máscula, vigorosa e sentida a Poesia de Julieta — Artista de cunho quinhentista que sabe vestir o pensamento com a elegante indumentária de sonoras palavras. É Poeta deste século.

Não conhecemos, pessoalmente, esta distinta Senhora; mas a sua maneira de fazer Arte denota viva inteligência, talento de subido quilate e vincada personalidade.

Oxalá tenha saúde para reanimar a Poesia Nacional, algo dessorada e carecida de assistência... clínica...

M. de B.

Sociedade

ANIVERSÁRIO

Quinta-feira, 24

Manuel Luís Santos Machado e Menina Maria Manuela Torres Matos.

Sexta-feira, 25

D. Ana Torres Matos de Macedo Gayo e D. Maria Leonor Portela Correia Guimarães.

Sábado, 26

D. Laura Matos Lopes Almeida Viana Lopes e D. Maria Manuela Pires Guedes Encarnação.

Domingo, 27

D. Júlia Augusta Maia Matos Almeida.

Segunda-feira, 28

D. Carmen Gonçalves da Costa Reis e José Rogério Gaspar Medeiros.

Terça-feira, 6

António Donato Correia Oliveira e Menina Lídia Maria Rodrigues Carvalho.

Quarta-feira, 7

Pedro Henrique Calheiros da Silva Moreira.

Quinta-feira, 8

Sérgio Silva, Padre Benjamim Salgado, Menina Maria Alice Natividade Miranda Veiga, Menina Marsa Deolinda Matos de Macedo Gayo, Menino Eduardo Fernando Machado Figueiredo, Menina Maria Orlandina Basto Pacheco Rodrigues e Menino José Augusto Faria Viana Lopes.

Sexta-feira, 9

D. Maria Isabel Carvalho Matos e D. Ilda Marques Gomes de Araújo.

Sábado, 10

D. Fernanda Glória Martins Ferreira.

Domingo, 11

Alexandre Castro, Manina Maria Adelaide da Rocha Leite e Dr.a D. Ana Maria de Figueiredo Pereira Machado.

Quarta-feira, 14

Dr.a D. Maria Fernanda Beleza reira.

Dr. Vítor Marques

Festeja hoje mais um aniversário natalício este nosso querido amigo, ilustre Vice-Presidente da Edilidade Barcelense e distinto notário nesta comarca.

Por tal motivo, apresentamos ao Sr. Dr. Vítor Marques efusivos cumprimentos de parabéns, com votos de muita saúde e longa vida.

Dr. Mário Cerqueira Correia

Ocorre hoje também, o aniversário natalício deste nosso bom amigo e assinante, ilustre Director da Escola Técnica de Matosinhos e que na nossa terra desempenhou idêntico cargo e ainda o de Presidente da C. M. Turismo.

Ao registarmos o acontecimento, endereçamos ao Sr. Dr. Mário Cerqueira Correia as nossas saudações, desejando-lhe muitos anos de vida repletos das maiores felicidades.

AVISO

Pede-se às pessoas que tiverem dinheiro neste mealheiro o favor de comparecer no dia 10 do corrente, às 19 horas, no Estabelecimento pegado ao Lugar de Santo António — perto da Estação da C. P. de Barcelos — a fim de receberem, na presença de três testemunhas, as respectivas cotas.

Barcelos, 1 de Maio de 1969

O Proprietário

Manuel Teixeira de Abreu

MALHAS Sonix Barcelos PORTUGAL

MALHAS

INTERIORES E EXTERIORES

Em Algodão
Mousse-Nylon
Fibras Acrílicas

Telefone 82844 CASAL DE NIL BARCELOS

FOTO CENTRAL

Aven. Dr. Oliveira Salazar

Telefone 82728

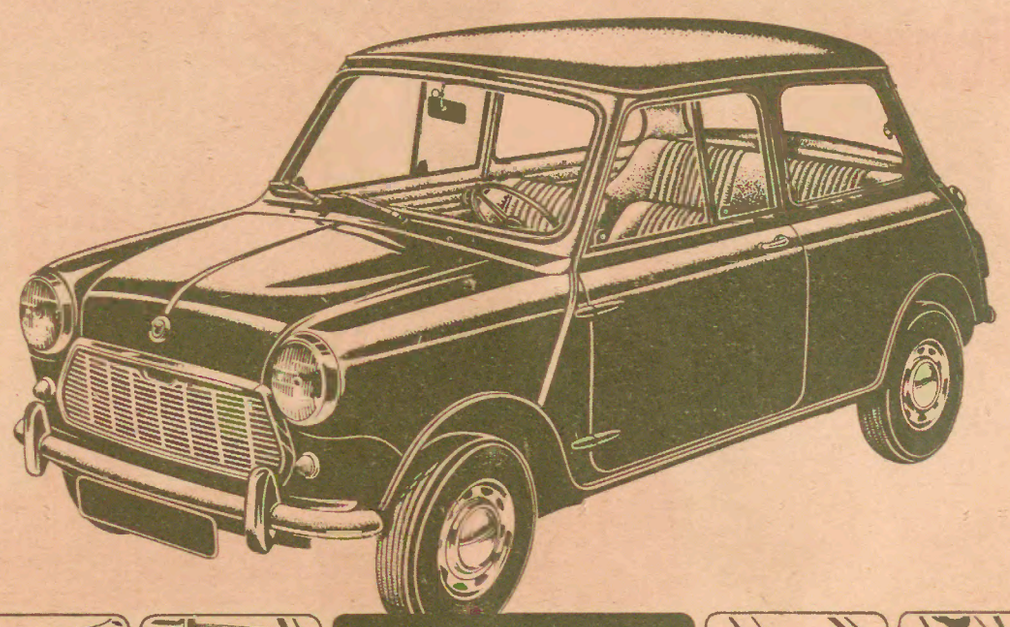
BARCELOS

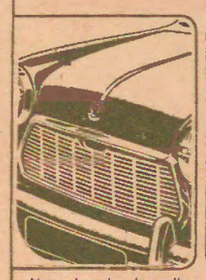
DROGARIA
PINTO ROSA
DE
CARLOS DA COSTA PINTO ROSA

PERFUMARIAS
TINTAS
DROGAS
VERNIZES

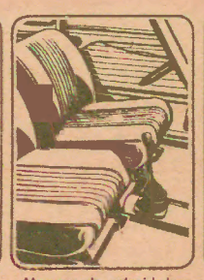
Rua D. António Barroso, 25
BARCELOS

DE MORRIS 850
A MORRIS 1000
PROMOÇÃO POR DISTINÇÃO!

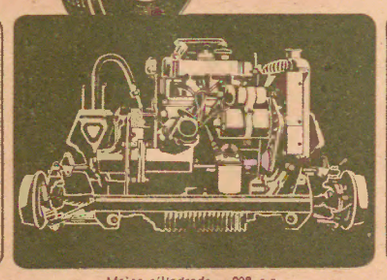




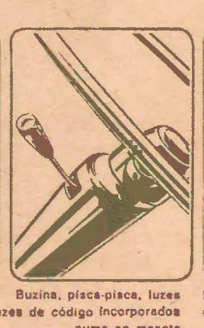
Novo desenho de grelha, do emblema e paragem automática dos limpa pára-brisas



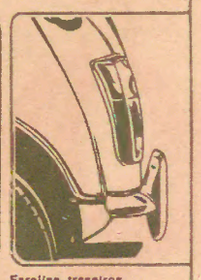
Alavanca de velocidades e sistema de comando tipo Cooper



Maior cilindrada — 998 c.c. Maior potência e menor roteção 38 H.P. a 5.250 r.p.m.



Buzina, pisca-pisca, luzes e luzes de código incorporados numa so maneta na coluna de direcção



Farolins traseiros de nova concepção

Na história do automóvel, o Morris 850 evidenciou-se como um carro verdadeiramente excepcional. É um facto. Hoje é com orgulho que podemos dizer que tornamos ainda melhor o Morris Mini. É agora o Morris 1000. Como que promovido por distinção, passa a ter um motor mais potente que lhe dá um arranque de maior força e um maior poder de velocidade em qualquer mudança. E além das modificações já indicadas separadamente, o Morris 1000 apresenta um novo desenho de estofos mais cómodos, um menor raio de viragem e um painel de instrumentos com manómetro de óleo e termómetro de água. Melhorámos um carro excepcional! Venha experimenté-lo e verá que temos razão o Morris 1000 é de facto ainda melhor!

Em Barcelos – Garagem Castro – Filial em Esposende

CALDEIRARIA
CUNHA
DE
João da Cunha Ferreira

Trabalhos de arte em cobre, polidos, rústicos e estanhados. Antiguidades em cobre e estanho.

Telef. 82494

Campo de S. José BARCELOS

FOTOGRAFIA
ROBIM

Galeria de Arte Retratos Artísticos

Retratos para Cartões de Identidade, Civis, Militares e Passaportes – Reproduções e Esmaltes Fotográficos – Retratos artísticos em todos os tamanhos.

*

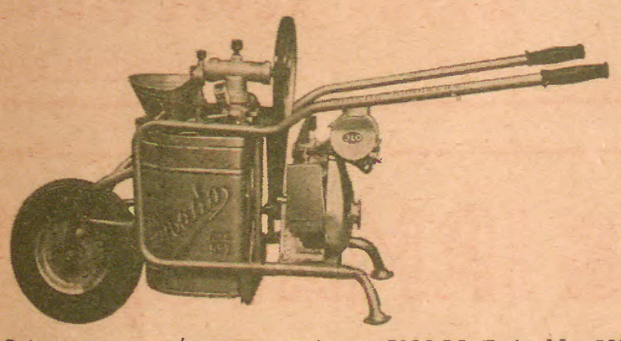
Rolos para máquina de amadores, das melhores marcas: Selo, Kodak e Agfa
SERVIÇOS DE REPORTAGEM
MOLDURAS E PASSE-PARTOUTS

Rua D. António Barroso, 43-45 telf- 82925
BARCELOS

CASA SIALAL

FUNDADA EM 1947

Sociedade Industrial de Alfaias Agrícolas, Limitada



Pulverizador «CÁVADO» Fabrico SIALAL Ref.ª N.º 532

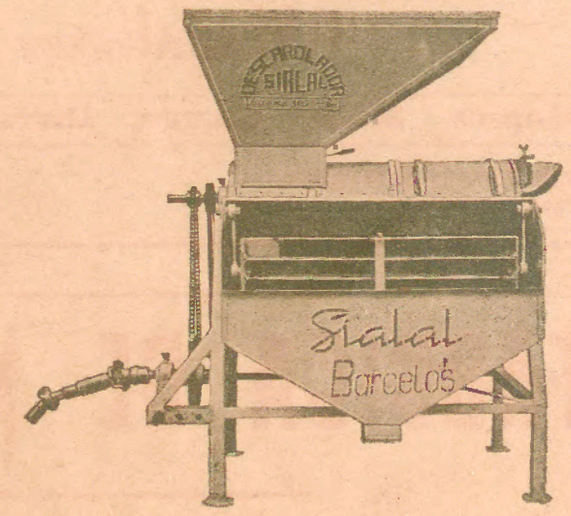
(R)

Secção de Vendas e Sede:
Av. Doutor Oliveira Salazar, 26
Telefone, 82486 P. P. C.

Fábrica:
Bairro S.ta Marta
(Junto à Estação)

Stand de Exposição:
Av. Dr. Oliveira Salazar, 45/46
BARCELOS

FÁBRICA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS E ACESSÓRIOS



Descarolador «Sialal» Ref. 107
(com limpeza completa)

SIALAL — UMA CASA ESPECIALIZADA EM TUDO PARA A LAVOURA

A. Eurico Soucasaux

Materiais Eléctricos, instalações em todos os géneros, motores eléctricos e de rega, rádios e electricidade.

Amplificações sonoras, oficinas de T. S. F., máquinas de escrever e calcular, fotografia, artigos fotográficos, óptica.

AGENTE «GRUNDIG»

154-Av. Combatentes da Grande Guerra-156 Telef. 82345 BARCELOS

MALHAS COMAX BARCELOS

FÁBRICA DE MALHAS COMAX

DE

Vieira & Vilas Boas, L.da

Avenida Dr. Sidónio Pais, 17-A Telef. 82835 BARCELOS

FIGUEIREDO & FILHOS, LDA.

FÁBRICA DE PASSAMANARIAS S. MIGUEL

Etiquetas Tecidas, em todas as larguras — Guarnições — Elásticos para Comércio e Indústria — Fitas de Seda e Sarjas — Fitas de Alça — Espiguilha — Franjas — Cintas — Suspensórios e Cordões

Rua S. Miguel-o-Anjo — Telef. 82878 BARCELINHOS — BARCELOS

Oficina de Reparações eléctricas em autos, reconstrução de baterias, instalações e bobinagens em dinamos e motores eléctricos

ELECTRO FLAR

DE

Flávio Ferreira da Costa

Compra e Venda de Automóveis usados com garantia, Carga de Baterias, Peças e Acessórios. Estação de serviço recomendada TUDOR

Representante da ELECTRO-SERVIÇO FENSA

Rua Dr. Manuel Pais Telefone 82872 BARCELOS

Casa de Saúde

de S. JOÃO DE DEUS

BARCELOS

Consultas Externas — Cirurgia — às quintas-feiras às 15,30 horas.

Oftalmologia — às quintas-feiras às 9,30 horas.

Ouvidos, Nariz e Garganta — às quintas-feiras às 15,30 horas.

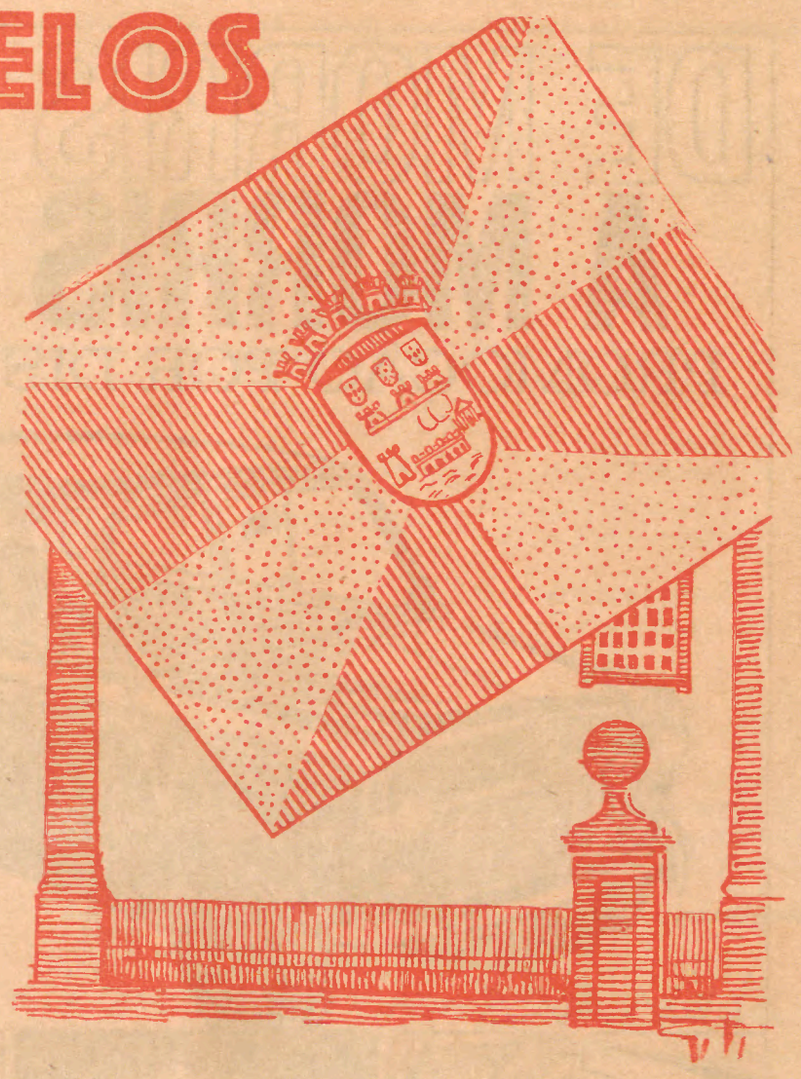
Neurologia — às terças-feiras às 11 horas e quintas-feiras às 15 horas.

Psiquiatria — todos os dias úteis às 11 horas.

Clínica Geral — todos os dias

BARCELOS

e as suas Festas tradicionais



FÁBRICA DE MALHAS «TEZI»

DE

Francisco Isolino Amaral Arantes

Telef. 82827

R. D. Diogo Pinheiro, 4 — BARCELOS

FÁBRICA DE MALHAS

Gelão

DE *Manuel Miranda Carvalho*

MALHAS PARA HOMEM SENHORA E CRIANÇA

Telef. 82926

Campo 28 de Maio BARCELOS

A história repete-se. Outro ano passou já, e de novo nos encontramos em maré alta da vida da nossa cidade, que todos os anos se agita com a realização das suas tradicionais Festas das Cruzes.

Não são apenas os dias de festa; é todo um período que os engloba e antecede, numa incontida azáfama que por toda a cidade irradia, estendendo-se aos confins do nosso vasto concelho, onde também estas festas se enraizaram na alma do nosso bom povo.

Aqui e além, tudo respira o clima festivo que esta tradição criou no espírito dos barcelenses, e não apenas dos que por cá vivem, mas ainda daqueles que, por motivo da sua vida particular, estão afastados da sua terra natal, os quais nesta altura vêm recordar o passado e matar saudades do tempo aqui vivido.

Isto só bastaria para que a tradição se mantivesse.

Mas a própria vida comercial da terra assim o exige, também, já que as Festas das Cruzes constituem factor primordial dessa mesma vida. Tudo com elas se movimenta: as gentes e o capital.

Há que continuar, portanto, na senda duma tradição que não pode acabar, dando anualmente realização condigna às tradicionais Festas das Cruzes, que em todos os tempos, e vincadamente de há uns dez anos a esta parte, têm constituído cartaz gritante da nossa linda Terra e dos costumes da nossa boa gente.

Fábrica de Tecidos

DE

Virgínia do Carmo Figueiredo

Rua Alcaides de Faria, 15 - Tel. 82438

BARCELINHOS ★ BARCELOS

MÓVEIS RESTAURADORA

DE

Magalhães & Senra

Maples, Sofás, Camas, Divãs, Plásticos, Tapetes, etc.

MERECES-BARCELINHOS
Telef. 82889

Filial: — Campo 5 de Outubro
BARCELOS

★ SINGER ★

Ainda este ano apresentará nova máquina de costura super-automática. Máquinas de escrever, tricotar, aspiradores, enceradores, frigoríficos linha azul, fogões a gás, panelas de pressão, ferros eléctricos, etc.

Tudo com a conceituada marca SINGER

Agente no Concelho de BARCELOS: ARTUR ALVES PINHO

Largo da Porta Nova Telef 82739 BARCELOS

FÁBRICA DE MALHAS DE Rodrigues & Vieira, L.da

Calçadas — Arcozelo Telef. 82285 BARCELOS — Portugal

CORREIA & IRMÃOS, L.DA

ARMAZÉM DE FAZENDAS BRANCAS E LANIFÍCIOS

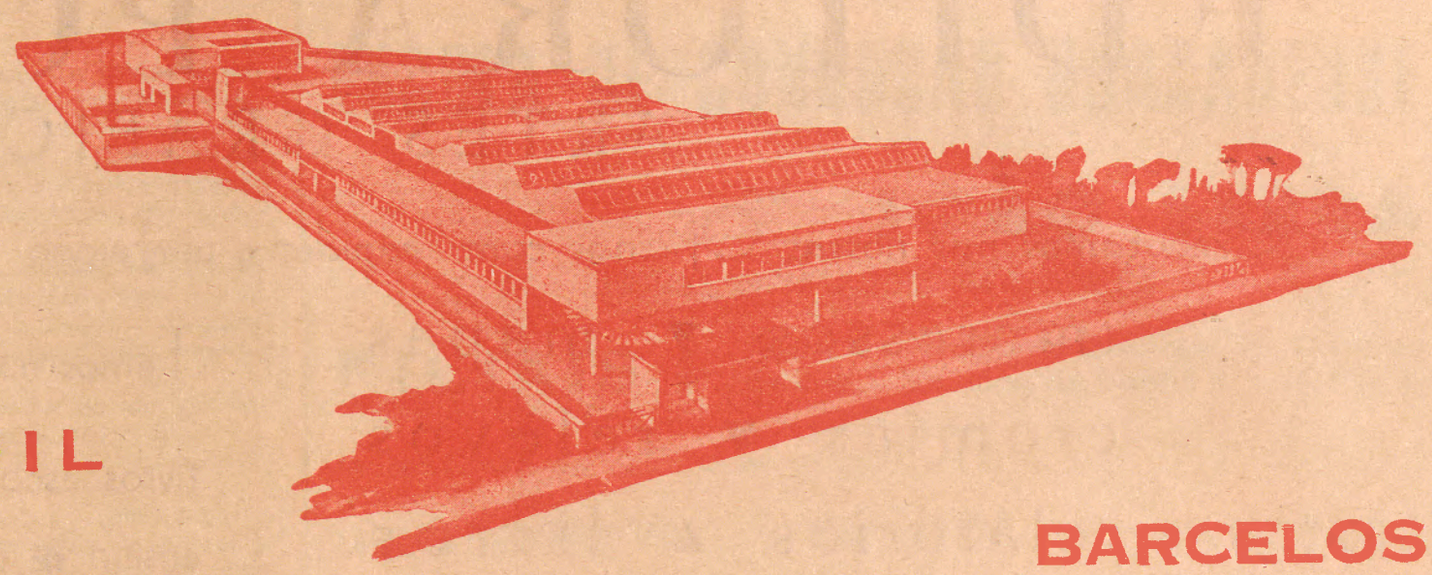
Av. Dr. Sidónio Pais Telefone 82634 BARCELOS

FÁBRICA DE MALHAS "GUIAL"

Guimarães, Alçada & Fonseca
LIMITADA

FÁBRICA DE MALHAS

interiores, exteriores e peúgas de algodão e nylon



CASAL DE NIL

Telefone 82284
Telegramas «GUIAL»

BARCELOS

A SOCIEDADE AGRÍCOLA DA

QUINTA DE SANTA MARIA

S. A. R. L.

Fornecimento de animais das melhores procedências rigorosamente seleccionados e acompanhados de registo genealógico. Gado Bovino Leiteiro (Holstein-Frisian) — Suínos da Raça Yorksire (Large-Whith)

Todos os fornecimentos de animais rigorosamente seleccionados. são feitos por encomenda prèviamente confirmada.

DEPARTAMENTO:

Quinta de S.ta Maria — Apartado 4 — Telef. 82340 — BARCELOS

OS MAIORES VIVEIROS DO NORTE DO PAÍS

A maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas arvoredo; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras. etc. Serviço de assistência técnica — Instalações de pomares — Ordenação de propriedades de surribas.
No seu próprio interesse visite os n/ viveiros. **PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS.**
Vinhos verdes e seus derivados em garrafas e garrafões. Grandes prémios nos concursos a que tem concorrido. Quinta do Tamariz, Casal de Pejeiros e Casa do Landeiro, três marcas de excepcional categoria, com outras tantas medalhas de oiro, Bagaceira Velhíssima e Bagaceira Seleccionada, Brandy Supe-Tamariz.

DEPARTAMENTO:

Quinta de S. Miguel — Carreira — Telef. 96271 — Nine — BARCELOS

Agência de Viagens

AVIBAR

Mudou para a Av. Dr. Oliveira Salazar, 49

(Em frente ao Campo da Feira)

Telefone 82923

Viagens Aéreas, Marítimas, Terrestres, Passaportes, Turismo, Excursões

Venda de bilhetes de combóios nacionais e internacionais

Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, L.da

FABRICO DE

Fios, Fibras artifíciais para Tecelagem, Malhas, Pesca e Passamanarias, etc.

RETORCEDURA ▲ TINTURARIA ▲ BRANQUEAÇÃO

Telefone 82313-82314

Lugar das Pontes — S. Veríssimo — **BARCELOS**

Escritório Central:

Rua da Fábrica, 2 — Telefone, 24526 — **PORTO**

Armazéns Senhor da Cruz

DE

ANTÓNIO BARBOSA EIRAS

Secção de Junto

Fazendas Brancas — Lanifícios — Camisas e Malhas

Secção de Retalho

ÚLTIMAS NOVIDADES

Telefone 82576

51 - Av. Dr. Oliveira Salazar - 52 — BARCELOS

MAGRIÇO

Café e Snak-Bar

Largo da Porta Nova
Telefone 82204
BARCELOS

Na decoração do *CAFÉ MAGRIÇO* foi aplicado perfil de P. V. C. Rigido, um produto da *Fábrica Valverde* — Marinha Grande.

Pelas suas características este material garante

MAIOR DURAÇÃO — MELHOR ASPECTO — MAIOR ECONOMIA

Decoração a cargo de: *EUGÉNIO GONZALEZ*

Agente em Barcelos: **Licínio Carlos da Costa dos Santos**

DROGARIA E FERRAGENS

Rua Miguel Ângelo, 173-181 — Telef. 82575 — BARCELINHOS

Restaurante do TURISMO

Salão de Chá

SERVIÇO DE RESTAURANTE

Telef. 82479 — *BARCELOS*

EDITORA POVEIRA
ARTES GRÁFICAS

Executamos nas nossas Oficinas com rapidez e perfeição

impressos ▼ mapas
cromias ▼ relevos
relatórios ▲ livros
revistas ▲ jornais

Temos na nossa secção de Livraria

Livros escolares para todos os graus de ensino ⌘ material escolar ⌘ artigos de escritório ⌘ sacas e malas escolares, etc.

RUA CIDADE DO PORTO, 18 TELEFONE 62257 PÓVOA DE VARZIM

CARTAZ DESPORTIVO

Futebol em Barcelos
EM 1967-68
Comentários

Cotejando a época desportiva do GIL VICENTE FUTEBOL CLUBE, até esta data, temos de convir que, se a mesma não foi totalmente brilhante, também não foi desencorajante.

É certo que a poderemos considerar deveras agradável, dado que o Clube ocupou sempre os lugares cimeiros e nunca correu o risco da baixa de divisão — o que sempre traz preocupados os adeptos e associados — o que no ano corrente se não verificou.

Assim, a actividade desenvolvida pela Direcção tem de classificar-se de proveitosa e não se lhe podem negar as homenagens merecidas, por quem soube orientar e tanto trabalhou para colocar a equipa no lugar a que tem direito e justiça.

Também o orientador técnico é credor da nossa admiração e simpatia, quer pela sua actuação e orientação firme e eficaz, quer, ainda e principalmente, pela forma desinteressada como trabalha sem recebimento de qualquer remuneração pelo seu valioso concontributo.

Aos atletas, especialmente àqueles que o souberam ser, na verdadeira acepção da palavra, dando-se ao Clube com todo o interesse e acrisolado amor clubista, sentindo a camisola que vestiam e pela qual lutavam, queremos também render a nossa homenagem e o nosso reconhecimento e pedir-lhes que continuem a trilhar a senda da vitória, para a sua íntima satisfação e o regosijo do dever cumprido.

Queremos mais significar a toda a Direcção que bom será que muito gostosamente aceite a sua recondução, uma vez que tão bem soube desempenhar-se da sua espinhosa missão, continuando a gerir os destinos do Clube com a clarividência e carinho sempre bem patenteados.

A todos, pois, as nossas sinceras homenagens e a expressão da nossa admiração, por bem saberem representar o nosso sentir e serem devidamente merecidas.

★

Aos outros clubes do nosso vasto concelho — Santa Maria Futebol Clube e Grupo Desportivo «OS GALOS» — que vêm mostrando comportamento meritório nas provas regionais em que se encontram envolvidos, com classificações que se podem considerar honrosas e dignas, queremos também significar a nossa indelével admiração e estima.

Que continuem a lutar com dignidade e aprumo, para coleccionarem triunfos que honram e dignificaram a sua e nossa Terra.

JOTA

Festival Desportivo Internacional

HOJE, 1 de Maio, às 21,30 horas, no Parque da Cidade, realiza-se o Grande Festival Desportivo Internacional, organização do Oquei Clube de Barcelos.

Em Oquei de Salão, exibir-se-ão as equipas femininas espanholas do Orey Desportivo Clube Traviessas e do Clube Desportivo de Vigo.

Em Oquei em Patins, a Selecção da Galiza defronta se com o Oquei Clube de Barcelos; e o Académico F. Club (Porto) contra o Futebol Clube do Porto.

GARAGEM MACHADO
DE
Emílio Teixeira Machado

SERVIÇO OFICIAL

Oficina de reparações de Automóveis, Camiões, Motores

Venda de Gasolina, Óleo, Pneus, Peças e Acessórios

VENDA DE AUTOMÓVEIS NOVOS E USADOS

Campo 5 de Outubro, 43-46 Telef. 82466
BARCELOS

Alumínio Ondulado Austríaco
próprio para coberturas
Importadores Directos:
METAIS
ALMADA
Manuel Teixeira Prata & C.ª
RUA DO ALMADA, 395
Telefones: 24325 29968 32241 24213
PORTO

Sapataria do
SAPATO GRANDE
DE
Benjamim de Sousa
TELEFONE 88142
CARAPEÇOS
BARCELOS

ATENA
de José Augusto
LIVRARIA
NOVIDADES
BAZAR
Rua D. António Barroso, 6
Telef. 82403
BARCELOS

Do alto da Franqueira

Por CARLOS BASTO

(Presidente da C. Munic. de Turismo)

DAQUI, do alto desta montanha sagrada da Franqueira, enquadrada num cenário de um bucolismo extasiante, Barcelos apresenta-se sob um ângulo maravilhoso.

Nesta época do ano, os campos, cobertos aqui de verde, ali de rôxo e mais além de amarelo, dão uma nota de alacridade.

Lá bem no meio desta luxuriante paisagem, junto à linha azul desenhada pelo Cávado, Barcelos é bem a Raínha do Minho, deste Minho cantante, vivo de tradições, mas bem voltado para o Amanhã. Daqui, Barcelos vê-se com os olhos e com o coração.

Assim o entendeu o barcelense ilustre Prof. Doutor Nunes de Oliveira quando, na Assembleia Nacional, traçando com maestria as coordenadas do turismo nortenho, deu à nossa terra a posição a que incontestàvelmente tem direito, ao mesmo tempo que definia as suas necessidades primárias.

Assim o compreendeu a Secretaria de Estado da Informação e Turismo integrando as Festas das Cruzes nas Festas da Primavera em Portugal.

Os turistas que nos visitarão na primeira semana de Maio poderão levar, para as suas terras distantes, a cor, o bulício e a alegria contagiante da primeira das grandes romarias minhotas.

Os espanhóis que virão até nós, no primeiro dia das festas, sentirão, também, o calor da nossa hospitalidade, ou melhor, da nossa amizade.

De braços abertos, bem abertos para os receber, façamos deste «Dia de Espanha» uma jornada inesquecível que cada vez mais cimente a união dos dois povos irmãos.

Daqui, do alto desta montanha sagrada da Franqueira, vemos e sentimos melhor Barcelos.

Saibam os barcelenses subi-la em religioso silêncio e saibam todos, mas todos, olhar a sua cidade.

SAÚDE PÚBLICA

Pelo DR. VALE MIRANDA

NOS últimos anos, no nosso País, tem-se avançado um pouco no que respeita a saúde e assistência. Não tanto quanto era preciso relativamente às nossas necessidades, nem ainda comparando com o que se passa noutros países, mas o suficiente para se ver com agrado esse passo em frente. Um dos sectores em que a assistência mais necessária se torna é no materno-infantil, não só porque a criança se apresenta com poucos meios de defesa, mas também porque, duma boa assistência à criança, depende, em grande parte, a saúde da população e o decréscimo da mortalidade infantil.

No nosso País, a primeira vez que um Plano intercalar de Fomento incluiu um capítulo referente à saúde, foi o de 1965-1967. Ao lado de outras matérias de grande interesse incluidas noutros Planos situa-se, sem dúvida, a da saúde e assistência, podendo, entre todas, graduar-se em primeiro lugar. No entanto, foi apenas em 1965 que ela mereceu a honra de ser considerada dado que, como no próprio Plano se lê, «o estado geral de saúde das populações é factor primordial de bem-estar e vai condicionar fortemente as possibilidades de desenvolvimento económico».

No que respeita à assistência materno-infantil, ela está a ser prestada através de creches, jardins de infância, estabelecimentos asilares, colocações familiares, dispensários materno-infantis, etc.

«Está demonstrado que os óbitos no primeiro ano de vida são devidos, principalmente, à falta de vigilância do recém-nascido, a par da falta de preparação das mães para cuidarem devidamente dos filhos. Ao dispensário materno-infantil incumbe modificar tal estado de coisas, em especial através da educação das famílias nos aspectos de índole sanitária. Ainda ao dispensário compete convencer as grávidas a aceitarem o internamento hospitalar por ocasião do parto».

Dentro deste plano de acção, o dispensário assegurará a assistência às grávidas e às mães durante o período de aleitamento e às crianças, desde o seu nascimento, até à idade escolar; efectuará imunizações; fará a educação sanitária promovendo e protegendo a saúde das mães e das crianças; desenvolverá e criará bons hábitos alimentares; fornecerá medicamentos e produtos de dieta àqueles que, de outro modo, os não poderiam adquirir.

A finalidade essencial dos dispensários é, sobretudo, de natureza profilática fazendo-se uma aturada vigilância nas crianças com menos de um ano de idade — altura em que a mortalidade é maior. E a sua acção terá lugar nas próprias instalações, no domicílio e em todos os lugares onde seja possível exercer-se.

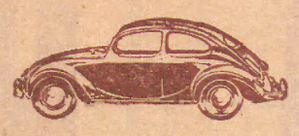
Tudo isto, para mostrar, resumidamente, como é útil e ampla a acção dos estabelecimentos em prol da assistência materno-infantil.

Essa acção tem-se feito sentir em Barcelos através de Senhoras dedicadas que, sem outro interesse que não seja o bem comum e a vida e saúde das crianças e das mães, nela gastam uma boa parte da sua vida.

E, dentro de algum tempo, passará a funcionar, na nossa cidade, um dispensário, com as actividades que acima ficaram referidas, para bem de todos.

Foi esta notícia, de que quisemos falar, que nos fez resumir as principais actividades dum dispensário como aquele que, entre nós, se vai abrir, e que vai trabalhar para salvar vidas humanas e para haver crianças sãs, sem diminuições físicas ou mentais que representam um peso para as famílias e para a sociedade.

TODAS AS CATEGORIAS DE CARTAS



LIGEIRO—PESADO—MOTO

Profissional para todas as categorias

ESCOLA DE CONDUÇÃO BRACARENSE

DE JOÃO SERRA

NOVAS INSTALAÇÕES EM BARCELOS

FILIAIS ▶ Arcos de Valdevez, Barcelos, Cabeceiras de Basto, Valença do Minho e Vila Verde

HABILITAM-SE ALUNOS PARA EXAME DE 1.º E 2.º GRAU

Largo da Porta Nova, 111 Telef. 82324 BARCELOS

José António Fernandes & Filhos L.da

Casa Fundada em 1898

ARMAZENISTAS DE MERCEARIA E SECÇÃO DE RETALHOS

Campo 5 de Outubro, 62 a 65

TELEF. 82303 BARCELOS

Joaquim A. Coutinho & Filho

LIMITADA

ARMEIROS

Estabelecimentos : Ferro, Ferragens, Tintas e Vidros

ARTIGOS DE CAÇA E PESCA

Armas de caça (várias procedências). Agente no Concelho de BARCELOS dos afamados carretos de Pesca FRANCESES marca BRETON

Av. Dr. Oliveira Salazar, 74 a 79

Rua Cândido dos Reis, 2 a 4

Telef. 82501 BARCELOS

Estabelecimentos ARANTES

Pensão — Óptimos quartos c/ casa de banho privativa e com água corrente quente e fria.

Restaurante — Completamente remodelado. Cozinha Regional

Bar, Café e Pastelaria

Especialidades: SONHOS

SABOROSÍSSIMOS VINHOS DA REGIÃO E OUTROS

Av. Dr. Oliveira Salazar, 32 a 36 Telef. 82366 BARCELOS

Garagem AVENIDA

Agências SHELL-MABOR

Compra, venda e troca de Automóveis novos e usados

Sub-Agentes da RENAULT

Telefone 82419 BARCELOS

Motores: Gasolina, Petróleo, Gasoil e Eléctricos.

Correias de: Couro, Borracha, Balata, Pêlo de Camelo, etc.

Óleos para: Motores, Transmissões, Travões, etc.

Massas e Valvulinas, Acessórios galvanizados, Mangueira nacional e inglesa

ARTIGOS ELÉCTRICOS

Luz fluorescente, Bobinagens, Instalações de Alta e Baixa Tensão

Corrêa & Cardoso

Rádios e Televisores «NORDMEND» «PONTO AZUL» e «SIEMENS» Motores «CO-TE-ENNE» Motores Eléctricos «SIEMENS» Distribuidores do GÁS MOB.L

TELEF. 82442 BARCELOS

FARMÁCIA OLIVEIRA

Directora Técnica:

Dr.ª Maria Antonieta Nunes Hall

FORNECEDORA DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS E DAS CASAS DO POVO

122, Av. Combatentes da G. Guerra, 124

Telef. 82820 BARCELOS

FÁBRICA BARCELENSE TÊXTIL JOÃO DUARTE S. A. R. L.

Peúgas para Homem e Criança
Soquetes para Senhora e Criança
Meias para Senhora e Criança

Rendas de Algodão e Seda
Elásticos e Passamanarias
Malhas exteriores ▲ Fiação de Lã

A Maior Organização de Peúgas do País

Representantes em PORTO - COIMBRA - LISBOA

TELEFONES: P. P. C. 82214-5 ✤ TELEGRAMAS: «TÊXTIL» ✤ APARTADO 1

BARCELOS PORTUGAL

Casa das Rendas

Novidades para Senhora e Criança

malhas
algodões
miudezas

Grande Sortido em artigos de Bébé

Rua D. António Barroso
BARCELOS

Quinta da Granja

Informações de tudo que existe de mais moderno em

Maquinarias agrícolas

BARCELOS

Fábricas de Serração e Moagem
de
Francisco Lopes da Silva
FORNECEDOR DE MADEIRAS APARELHADAS E EM PRETO

Nestas fábricas executam-se todos os trabalhos pertencentes à sua indústria

Carpintaria Mecânica

Lã vegetal para embalagem de frutas, louças, vidros e drogas.
Parquete mosaico e tradicional, pinho, eucalipto e de todas as madeiras africanas e estrangeiras.

Agente dos Cimentos «PATAIAS»

Avenida Doutor Sidónio Pais, 9 Telef. 82339
BARCELOS

VICENTE MÁXIMO

Oficina Especializada

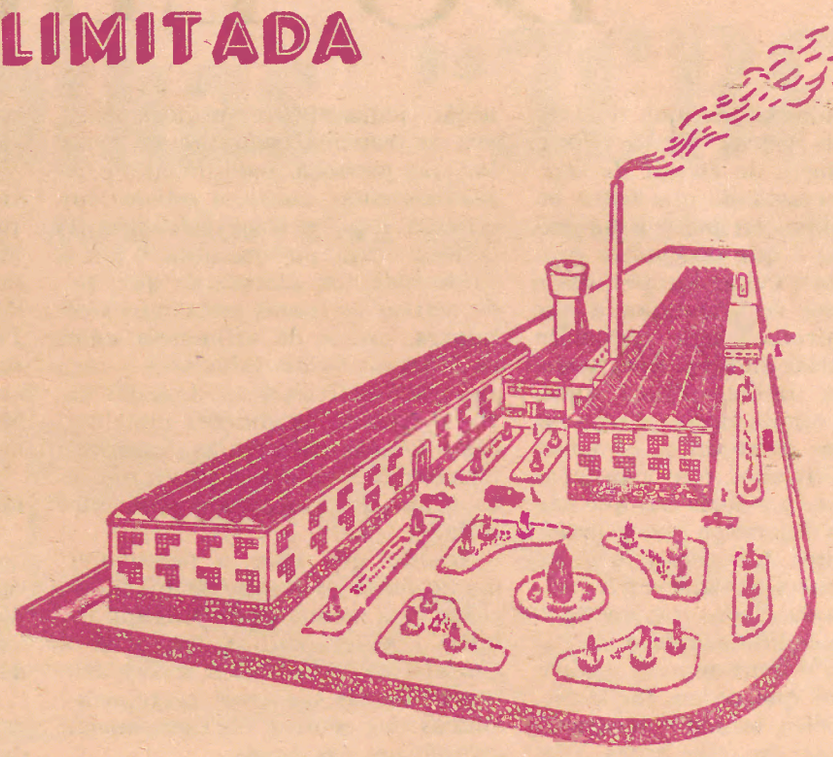
TV
RÁDIO
ELECTRICIDADE

CAMPO 5 DE OUTUBRO, 24
TELEF. 82566 P. F.
BARCELOS

FÁBRICA DE MALHAS ★TOR★

TORRES & COMPANHIA LIMITADA

Fabricantes e exportadores de artigos interiores
e exteriores em malha de algodão, seda
e nylon para senhora,
homem e criança



Telef. 82288/9 Apartado 25 Telegramas *TOR*

Santa Marta **BARCELOS**

Adélio Fernandes Serra

ILUMINADOR

As Iluminações das

FESTAS DAS CRUZES

foram confiadas a esta casa

Nome bem conhecido no país, neste género de trabalhos

Rua 5 de Outubro, 44 Telef. 62074 Póvoa de Varzim

Fábrica de Fogos de Artifício

DE

Libório Joaquim Fernandes, Sucr.

Execução perfeita de todos os trabalhos da moderna pirotécnia

Fornecedor dos fogos para as FESTAS DAS CRUZES

PREMIADO COM MÉRITO INDUSTRIAL

TELEG. { Libório Fernandes / Lanhelas } TELEF. { Fábrica: 92257 / Residên. 92255 }

LANHELAS MINHO PORTUGAL

Centro Comercial Barcelense

DE

CECÍLIO CACHADA DE MAGALHÃES

LIVRARIA

PAPELARIA

ARTIGOS RELIGIOSOS

Rua Infante D. Henrique, 46-48 Telef. 82573

BARCELOS

Auto-Reparadora

DE

VALE & CRESPO

OFICINA DE REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS

E MOTORES INDUSTRIAIS

TELEFONE 82849

RUA CÂNDIDO DOS REIS BARCELOS

MERCEARIA E VINHOS

de — João Baptista Gomes Ferreira

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ADUBOS

Sub-Agente do GAZCIDLA

RORIZ Telef. 88116 BARCELOS

RÁDIOS E TELEVISORES

Oficina de reparações de Rádios
e Aparelhagem Electro-doméstica

Electro-Barcelense, L.da

Instalações eléctricas em todos os géneros

MATERIAL ELÉCTRICO

TELEFONE 82512

Av. Dr. Oliveira Salazar, 69 BARCELOS

CONSTRUARTE BARCELENSE

DE

António Lopes Monteiro

A organização de construção civil melhor aptrechada no norte

SECÇÃO DE CARPINTARIA MECÂNICA

SECÇÃO DE MARMORITE

DROGARIA AVENIDA

A melhor em sortido de tintas, drogas, materiais de construção civil

Agente em Barcelos das afamadas tintas Dyrup.

Escritório: Avenida dos C. da Grande Guerra, 64-66 Resid. Arcozelo

Telef.: Escritório e Drogaria - 82455 Resid.: e Oficinas - 82611

BARCELOS

Recauchutagem Barcelense

DE

Francisco Pinto Fernandes do Vale

FÁBRICA EM GALEGOS — S. MARTINHO

FILIAL Av. Combatentes da Grande Guerra, 98-100

BARCELOS

AS TERMAS DO EIROGO

a maior riqueza de Barcelos

Pelo
Dr. Mário A. Viana de Queirós

Satisfazendo os desejos do bom amigo Luís Pedras, vamos dizer, para os leitores de *Jornal de Barcelos*, da necessidade que todos temos de nos submetermos a tratamento termal, se é que desejamos prolongar a vida e evitar inesperados e bem dolorosos contratempos a que não conseguiremos fugir apesar de todos os extraordinários progressos da medicina contemporânea, constantemente verificados e reclamados em todos os recantos do orbe.

Factores diversos, que não vêm para aqui agora referir e a que não é estranha a descrença que se arreigou em muitos dos nossos médicos — que não querem ponderar as realidades e modalidades das vastíssimas situações clínicas que os medicamentos não curam nem sequer remitem, mas que cedem fàcilmente à terapêutica termal — levaram-nos ao atraso em que agora nos encontramos, com sério prejuízo para a Nação e para a Grei, atraso que se não admite, sabendo-se que Portugal é das nações mais ricas em águas minero-medicinais e em doentes delas carecidos, atraso que nos diminui aos olhos dos estrangeiros, tantas vezes desejosos de encontrar em nós motivos bastantes para apregoarem a nossa incultura e mediania.

Também nada diremos do que teria sido Barcelos se alguns anos mais pudera ser vivida por essa extraordinária e lúcida inteligência do seu mais representativo filho — o Conselheiro José Novais — um homem que, há tantos anos já, soube incutir no ânimo dos seus sequazes e de todos os barcelenses, a premente necessidade do desenvolvimento e da divulgação da riqueza termal de Barcelos.

Nada que possa ferir susceptibilidades, tanto mais que sabemos, infelizmente, que o problema não é apenas local.

Pode dizer-se, sem receio de desmentido — escreve o Doutor Bruno da Costa, Lente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra — que a terapêutica termal é medicação eficaz, capaz de curar ou de dar, pelo menos, grandes e duradoiras remissões em múltiplos estados de sofrimento, tais como: — perturbações funcionais, disquinésias de várias localizações, predisposições genéticas ou adquiridas, isto é, capacidade reaccional de carácter anómalo; afecções crónicas recidivantes, leves e médias insuficiências de órgãos, estados dismetabólicos, tais como diabetes e gota; inflamações crónicas das mucosas dos aparelhos digestivo, respiratório e urinário, distonias neuro-vegetativas, esgotamentos físicos e psíquicos, sequelas post-operatórias, em especial nos aparelhos respiratório, digestivo e urinário; estados alérgicas por sensibilização não específica, intoxicações crónicas de várias proveniências e até *por drogas receitadas pelos médicos*, isto é, doenças iatrogénicas.

Quem há por aí capaz de dizer que há medicações para os estados mórbidos mencionados? De resto, as medicações novas têm limites nas suas acções; nenhuma delas é capaz de ter, como a terapêutica pelas águas minero-medicinais, influência no terreno constitucional; têm ainda insuficiência nos seus efeitos, e a grande maioria não é isenta de acidentes ou mesmo consequências graves, pelo seu emprego continuado, criando a iatrogénese, a qual atinge já, nos Estados Unidos, a percentagem de 33%, das actuais doenças... e pode e deve ser aumentada, se o bom senso terapêutico não vier.

Considero a terapêutica termal valiosa, por vários motivos: — pela acção ionizante renovadora, através da transionização humero-celular que provoca, modificando e rejuvenescendo, assim, o estado iónico geral; pelos seus poderes energéticos, como, por exemplo, o poder óxido-reductor, através do qual pode activar as trocas metabólicas celulares, mercê da influência sobre os sistemas óxido-reductores; pela sua rádio-actividade, podem dar nova actividade às funções metabólicas e iónicas das células; pela sua termalidade, calma e regula muitos aspectos da vasomotricidade alterada.

Admito que com o desenvolvimento da medicina nuclear e molecular — a medicina do próximo futuro — a terapêutica termal será ainda e cada vez mais valorizada, tantas são as possíveis correlações iónicas das células, com os poderes energéticos das águas.

A Europa não perdeu ainda o bom senso; as países socialistas aceitam a crenoterapia, talvez, por uma aguda e penetrante observação do fenómeno bio-clínico humano, e, através das facilidades que lhes permite a sua doutrina social, fazem a sua aplicação a grande número dos seus habitantes.

De Portugal aos confins da Rússia, a frequência termal está em contínuo crescimento.

Várias entidades poderiam e deviam colaborar no progresso da crenoterapia portuguesa.

O Ministério da Educação Nacional, dotando largamente a cadeira de Terapêutica Hidrológica ou a de Farmacologia, para que elas possam fazer investigações; os Ministérios das Corporações e da Saúde, aceitando — porque é verdade incontestável — o valor da terapêutica termal na saúde dos povos, portanto, promovendo e facilitando o tratamento, em regimen de colónias ou individualmente, a todos os indivíduos abrangidos pelas Caixas de Previdência Social e por todas as modalidades colectivas de segurança social, aos funcionários dos seus Ministérios, aos operários e aos funcionários do Estado.

Enfim, é necessário criar o termalismo social em Portugal.

O termalismo português, se for actualizado e modernizado, representa grande riqueza para a saúde dos portugueses e pode representar, no futuro, engrandecimento notável do turismo estrangeiro.

É forçoso confessar que a riqueza crenológica portuguesa é ainda desconhecida, em parte, até no próprio Portugal... diz-nos ainda aquele notável Professor Catedrático das Universidades Portuguesas.

Quanto ao que a Barcelos concerne, os barcelenses sabem-no, e desde há muito, que a sua terra possui... se não as melhores águas minero-medicinais do mundo, *umas das melhores da Europa* (Chernowikz); e sabem também que: ...se estas águas — as das Termas do Eirogo, evidentemente — *fossem em um local com autoridades mais solícitas, seriam famosas em toda a Europa.* . . . . . .

...é que assim se pronunciaram os sábios que as examinaram e premiaram aquando da Exposição Mundial de Paris.

Dr. Manuel Henriques Moreira

Agradecimento e Missa do 30.° dia

Sua esposa, filhos e mais família, extremamente sensibilidados pelas penhorantes provas de afecto e deferência que receberam durante a doença e depois no falecimento do saudoso finado, e embora já tenha demonstrado por directo cartão de agradecimento a testemunhar a sua indelével gratidão, sentem o dever de renovar o seu mais expressivo reconhecimento, pedindo desculpa de alguma falta que hajam praticado.

Celebrando-se na próxima segunda feira, (5) pelas 19 horas, no Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, a Missa do trigésimo dia, desde já se confessa muito grata às pessoas que assistam a tão piedosa cerimónia religiosa.

Barcelos, 1 de Maio de 1969.

Em verdade vos digo...

...Que há quem aceite como lógico e lugar comum que, numa terra em festa, o Jornal ou jornais da mesma engalanem em arco, digam mais ou menos o que se afirma todos os anos, se revistam de fachada mais brilhante, de fato domingueiro, de festa, de ver a Deus. Em parte e até em determinado ponto, a coisa não deixa de estar certa; mas mais para aqueles que vêem as realidades de longe e de fora, num sentido material, dado que só a curiosidade os pode mover e chamar a atenção. E é isso mesmo que se pretende, porque os de casa, não deviam de precisar de tal...

Mas as circunstâncias, regra geral, não correm desta maneira; porque quando éramos menino, lá na nossa aldeia, que é minhota e que nós, na saudade, ternura e evocativismo, por mais que uma vez o temos dito e até a Senhores Ministros, que «Loivo. é uma Grande Nação», quinze dias antes da «Festa Grande», que era a «Nosso Senhor dos Aflitos», mesmo na bifurcação que lhe dava acesso com a Estrada Nacional, «levantava-se a bandeira», ao som de meia dúzia de foguetes de bataria e bomba final.

O que significava isto que se repetia todos os anos? O «turismo» era coisa de que não se falava, no entanto erguia-se em local bem visível e onde se chamava a atenção de naturais e passantes (seriam os tais turistas de hoje?), um mastro, quanto mais alto melhor, ornado de buxo e flores até lá acima, bem a tope, uma bandeira geralmente azul e branca, mas horizontal... Cremos que não havia maldade, nem pimenta lhe deitamos agora, dado que respeitamos toda a gente e suas crenças desde que, respeitem evidentemente as nossas. E daí, podia haver...

Então é que troava a foguetaria, normalmente vinda do Zé de Lanhelas.

Todos os anos era a mesma coisa. mas a verdade é que era tradição e vergonha seria não a continuar. Os tempos evoluíram e mudaram. Barcelos, como linda cidade que é, que enamorou o Cávado, que tem tanto historial em qualquer campo, embora não seja, ou seja mesmo uma tal «Grande Nação», tem a sua Imprensa moderna, dinâmica, essencialmente regionalista e patriótica que ora e muitíssimo bem, ergue bandeira.

Pois é a ela que lhe cabe, com antecedência e sensivelmente em cima ma da hora, levantar o tal estandarte que se agite à brisa dos nossos ventos e grite, proclamando bem do alto das ameias do Castelo dos seus Alcaides, que é Festa, Festa das Cruzes, sempre remoçada e linda, sugestiva na graça das suas raparigas e na imponência do seu «Galo» que tão longe leva o seu nome, de crista encarnada e bem cantante, de poleiro, soltando aos prados do mundo, na alvorada, afinal o nome de Portugal. Levando na sua senda, bem à portuguesa, a lenda.

Tão vaidoso, talvez o da Catedral anciã do século XII, mistura de gótico, plateresco e barroco, de velhíssimo estilo românico, das primeiras que os cristãos erigiram no Ocidente. na Cidade de Salamanca, num similar de orgulho e no mais alto da sua torre, famosa por todo o orbe, o «Gallo de Salamanca», tendo a seus pés, sentinela eterna da Fé e da Ciência, a estátua de Frei Luiz de Leon.

Para quê? «Para indicar a los cristianos que debian velar y orar, porque el gallo es el simbolo de vigilância».

Ora aí está! O «Galo de Barcelos», tão imitado, mais cobiçado e não dizemos roubado porque é difícil assaltar os galinheiros minhotos por mór do rafeiro que os guarda e temor a alguma chumbada de caçadeira, para além da lenda que lhe é adrede, simboliza a vigilância. Ainda bem que anda por todo o mundo. E Barcelos vela, provando-os os seus filhos no Portugal Ultramarino, escrevendo narrativas e narrativas heróicas de patriotismo, destemor e valentia. Barcelos, ora na sua Festa das Cruzes, tão antiga, não excluindo o profano característico, tudo privilégio das nossas gentes tão alegres, como tementes a Deus.

Símbolo de Vigília! Qualidade que lhe vem de longe, que não nega, nem engeita. Se há terras onde a portugalidade tem expressão definida, sabe-se lá se 320 anos Antes de Cristo, barcino-cartagineses? Se Águas-Cellenas, dos romanos? Do Capitão de Cartago Amílcar Barcino?

Dos galo-celtas, 290 anos Antes de Cristo? Será a corrupção de Barca-Celani. Barracellos do Marquez de Monte Belo?

Será por ter havido uma barca que atravessava o Cávado-Barca-Cellli, daí.

«Barca-Celi. Baracelus nomine dicem», episcopal, ou por ter sido fundada ao mesmo tempo que a cidade espanhola de Barcelona?

Seja como for, Barcelos está em festa; o historial fica para os eruditos; a sua beleza, para os poetas, sonhadores e visitantes. Para nós, muito da saudade da terra distante que é um tanto nossa, com a última recordação do Padre Belchior da Graça, regeitando a Mitra do Funchal, por lhe ser ofertada e de nomeação dum Rei usurpador: Filipe III de Castela.

Dr. Abel Varela e Seixas

Vai ao Porto fazer compras?

VÁ À

CONFIANÇA

onde encontra tudo que precisa.
Não se esqueça de visitar o seu **SUPERMERCADO** que tem os melhores produtos.
Se quer almoçar bem, vá ao seu **SNACK-BAR.**
Se quer lanchar, tem os seus **SALÕES DE CHÁ**

A CONFIANÇA é um estabelecimento de categoria Internacional

Rua S.ta Catarina, 181 PORTO

«JORNAL DE BARCELOS»

Em virtude do trabalho e encargos dispendidos com este número especial de 28 páginas, dedicado à Cidade no dia das suas Festas das Cruzes, informamos os nossos prezados assinantes, colaboradores, anunciantes e leitores que não se publicará o *Jornal de Barcelos* na na próxima quinta-feira, dia 8 do corrente.

Aproveitamos a oportunidade para, uma vez mais, expressarmos a todos a nossa muita estima e sincero reconhecimento.

FILATELIA

COMPRA — VENDA

Álbuns - Classificadores, no
Mercado Filatélico

R. Santo António, 190-1.°—PORTO

A EMPRESA TÊXTIL DE BARCELOS

S. A. R. L.

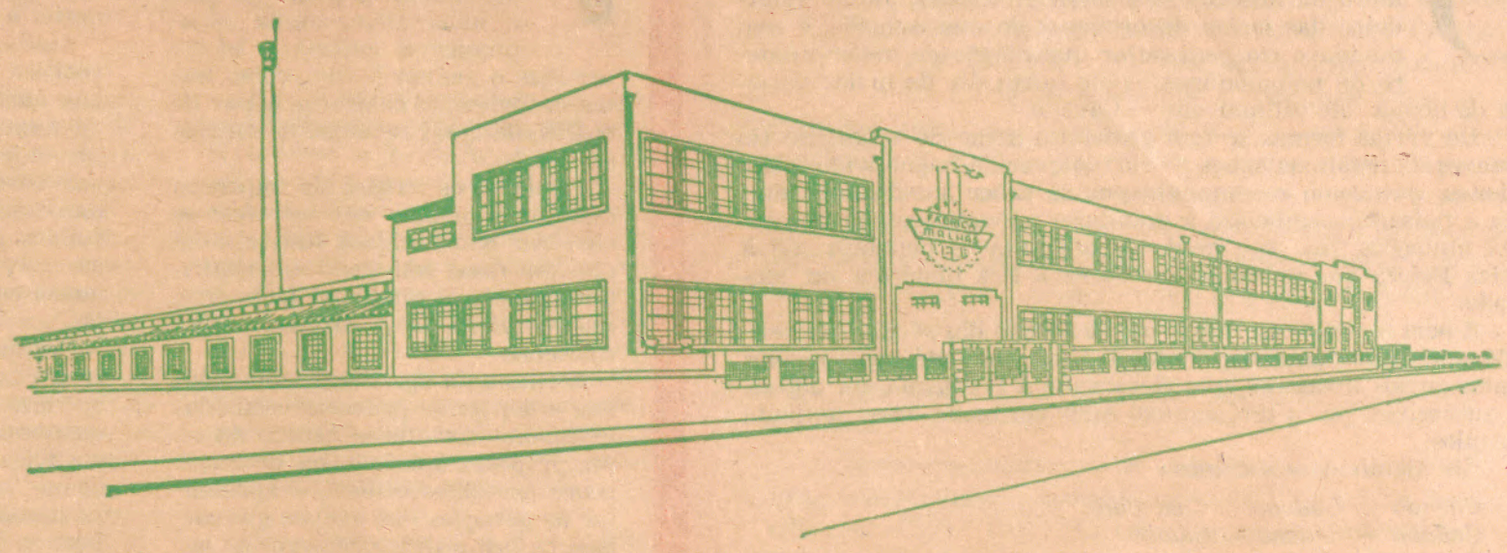
Fábrica de Malhas "TEBE"

honra a Indústria Nacional mercê do alto nível dos seus conceituados artigos

A TEBE continua na vanguarda da distinção. Por esse facto os seus artigos são sempre preferidos pelas pessoas de gosto requintado.

A TEBE estudou um artigo para cada indivíduo. Desde o artífice ao intelectual, todos procuram nas Malhas TEBE a distinção e o bom gosto, aliados a um preço sem confronto.

Dada a enorme gama de padrões e variedade de artigos, as Malhas TEBE marcam o RUMO CERTO.



Vestir TEBE é vestir melhor

MALHAS TEBE... distintas em todas as latitudes

FÁBRICA DE MALHAS «TEBE»

BARCELOS PORTUGAL

TELEFONES: **BARCELOS** 82385—82386 P. P. C. e 82411 Gerência ✣ **PORTO** 22933 ✣ **LISBOA** 43106 ✣ TELEGRAMAS: **TEBE**

Armazéns de Tecidos S. PEDRO, Limitada

FAZENDAS BRANCAS

E LANIFÍCIOS

142-Avenida Combatentes da Grande Guerra-146

Telef. 82257 — Apartado 21 ✣ BARCELOS

Fábrica de Malhas DOCAR

EXTERIORES PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

ESPECIALIDADE EM VESTIDOS

Telefone 82856 ✣ Apartado N.º 5 ✣ Telegramas «**DOCAR**»

CASAL DE NIL BARCELOS

SAMPEX

Peúgas — Homem e Criança

Malhas — Exteriores em todas as fibras

FÁBRICA DE MALHAS SAMPEX, L.DA

Casal de Nil Telef. 82851 BARCELOS

Fábrica de Malhas Montilhão, L.da

FABRICO DE MALHAS EXTERIORES

Rua Alcaides de Faria, 7 e 9 *Telef. 82943*

BARCELINHOS BARCELOS

Quantos nomes teve o Cávado?...

por

MANUEL DE BOAVENTURA

O «nosso rio», como carinhosamente chamam ao Cávado os ribeirinhos das duas margens, desde o apojadoiro da nascente, na serra laroucana, até ao sumidoiro das ondas devoradoras do mar salgado, é sem dúvida o rio peninsular que dispõe de maior número de potomónimos, como quem diz de maior variedade de nomes, até ultimar em — Cávado.

De várias formas se tem grafado o nome do virgiliano rio de suaves e cristalinas águas — rio tão querido à emotividade dos minhotos, que como recompensa por se saber amado, lhes dulcifica a paisagem, embeleza a grandiosa panorâmica com imprevistas mutações, que vão desde os alcantilados pendores até à edénica Beleza que se alonga do Gerez à Foz pletórica de alacridade.

É bem — «O Nosso Rio !» que, ao longo dos séculos foi baptizado por inúmeras gens, desde os aborígenes até aos romanos e tantos outros invasores, que vieram até à Península em digressões guerreiras, por o turismo não estar em moda nessa lonjania de séculos.

Eis alguns desses nomes :

Cabado — Cadabo — Cadabon
Cadaba — Cádava — Catabo
Catabon — Catavo — Catabon
Celaudo — Celaudus — Caelanus
Caelenus — Celenis — Celinis
Selinis Scelenis.

Em alguns documentos aparece *Kadavo* e *Katabo.*

No poema *«Ave Peregrina»*, de Simão Vaz de Camões, designa-se o rio que banha Vilar de Frades — O Prado.

Em duas estâncias o poeta se refere ao Cávado, dando-lhe o nome de Prado :

«...Leguas duas de Braga...
Uma só de Barcelos afastado.
(Cant. I estrofe XI)

Refere-se ao Convento de Areias de Vilar.

Mais abaixo :

«O pé lhe lava o Prado cristalino
.....
Torno a dizer que o Prado ao pé lhe ata
Fivela de cristal cinto de prata.»
(Cant. I estrofe XIII)

E na estrofe XVI, sem citar o nome :

«Ali do manso rio no ruído...»

Chega-se à conclusão que o poeta ignorava o nome do «nosso rio»...

Não admira : era de Castelo de Vide, terra transtagana, bastante distanciada da terra Minhota.

Cávado ou Cádabo, no *Dicionário «Gallego Castelau»*, de Alvarellos são assim definidos :

«Tronco de tojo chamuscado, que queda en pie despues de haverse quemado el monte.»

E o «Dicionário da Real Academia Espanhola», insere : — «Cádava Tronco de argoma, ó de Tojo que chamuscado queda en pie, en terreno onde ha havido una quema.»

Cadaval é de igual raiz :

— «Terreno donde quedam en pie muchas cádavas.»

Afigura-se-me que a origem do potomónimo *Cávado* está em Cádava, por motivo de, nas suas margens serem frequentes as queimadas para afugentar as feras — lobos, ursos, javalis — que infestavam os matagais.

A velha *«Prosódia»*, de Bento Pereira, regista Celaenos, com o significado de escuro, negro : «...o rio que passava por terras escurecidas por efeito das queimadas.»

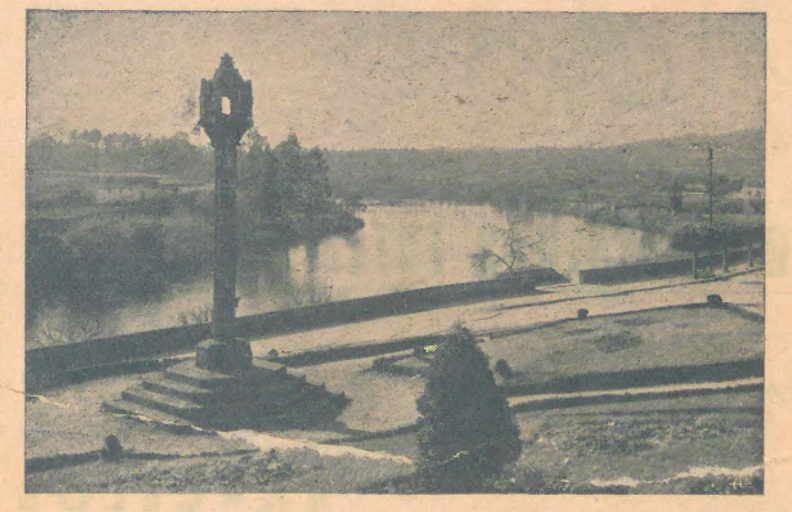
Leite de Vasconcelos ortografa *Cádavo* e Cádavo e informa ser palavra de origem asturiana.

O falecido arqueólogo, Dr. Joaquim da Silveira, informa que o vocábulo *Cádavo* e *Cádevo* (pron. Cadvo) existe em Arouca e significa «...o que fica dos troncos mais grossos das plantas depois da queimada.»

De onde se conclue que é boa a irmandade das Línguas Peninsulares.

Vai para além de vinte anos um padre com pretensões, mas por completo alheio às leis da filologia, aventou a hipótese de o

(Conclui na página 24)



BARCELOS — Em curva graciosa desce o Cávado, de águas cristalinas

BARCELO

FESTAS DAS CRUZES ! Movimentam elas toda a região barcelense, o norte do País e mais além, numa compreensível euforia a oferecer-lhes o melhor brilho, como festas de primeira categoria, a par de outras, de igual ressonância através da Nação.

Também os órgãos de imprensa costumam primar em valorizar-se com esta oportunidade festiva, e daí que me fosse solicitado um contributo literário, mas com tema fixo, *«sobre Barcelos»*, *«apenas sobre Barcelos»*.

Aceitando a agradável incumbência, e depois de provocar o amadurecimento das ideias àcerca do tema proposto, optei por me debruçar sobre os velhos códices, e apresentar às gerações dos tempos que correm os fastos dos *barcelanos* de outrora, as suas proezas e heroísmos, as suas lutas e sacrifícios, os acontecimentos e andanças, os costumes e a panorâmica, mesmo as lendas e tradições desta tão velha e pequena urbe que se chama Barcelos, do seu concelho e região desde sempre bela e atraente.

Para mim, e julgo que para a quase totalidade da população, o estudo das nossas velharias, dos tempos idos, dos antepassados, tem bem mais interesse e produz maior atracção do que tagarelar para aqui sobre a Barcelos de hoje, que todos conhecemos de sobejo, sem necessidade de se queimarem as pestanas sobre os periódicos, tantas vezes bem custosos de ler.

Aliás não falta quem isso faça frequentemente, ora tecendo loas sem fim a esta terra que bem as merece, ora denegrindo-a com perfídia na pessoa e nos actos dos seus filhos, numa atitude mesquinha que muito a desdora e diminue.

Ainda será de acrescentar que se verifica estar a nossa geração em boa parte voltada para as velharias de antanho, comprando por exemplo objectos e móveis a desfazer-se por verdadeiras loucuras de fortuna, e pela simples razão de serem velhos, pagando-se apenas a velhice, que, quanto maior for, mais riqueza empresta ao objecto em questão.

Nestas contingências certamente ficará bem debruçarmo-nos sobre o outrora longínquo do nosso povo e da nossa terra, observando-a como ela foi, como nasceu e como se fez, como existiu e cresceu, como se desenvolveu, modificou e transformou, e nesse ambiente arcaico e histórico nos sentiremos bem, ilustrando o espírito e afeiçoando o coração.

Noutras oportunidades já abordámos os templos da cidade nas suas origens históricas, arrancadas das páginas curiosas de *«O Minho Pitoresco»*.

Ocupemo-nos daqui em diante da cidade em si, começando pelas origens interessantes do seu nome. Não usaremos na transcrição a grafia da época, para que a actual não seja prejudicada.

«A barca Celi Barcellos nomen dicunt». A tradução desta legenda é a seguinte : *Da Barca do Celo se formou o nome de Barcelos.*

«Seria assim talvez. É pelo menos uma opinião, como qualquer outra para explicar a origem provável de *Barcelos*, do nome da *Barca do Celo*, onde se atravessava o rio antes de nele existir a ponte.

É verdade que D. Rodrigo da Cunha a julga fundada pelos gregos, que a chamariam *Ambracia* mais tarde *Bracia do Celano*, e logo *Barcelano*, e por fim *Barcelos*, e que Rodrigo Mendes da Silva, fundando-se na analogia com o nome de *Barcelona*, atribue a sua origem aos cartagineses *Barcinos*, uns 230 anos antes de Cristo, ou ao seu chefe *Amílcar Barca*, nesse mesmo período.

Outras opiniões discordam. Há quem suponha, como António de Vilas Boas Sampaio, Barcelos fundada pelos gallo-celtas, tribu dos *Celenos*, que povoara este território no ano 930 antes de Cristo, chamando-se desde então *Celano* ao rio e *Barcilenos* à povoação da margem esquerda, hoje *Barcelinhos*, composto da dicção *Bar* e *Cilenos*, que quer dizer *filhos dos Cilenos.*

Félix Machado arranja, porém, uma outra origem. Segundo este escritor, *Barcelos* viria de *Barracelos*, *Barra Celi*, isto é, *Barra do rio Celano*, que lhe banha os muros.

Agora são os romanos que aparecem trazidos à tela por Fr. Gregório Argaiz, que na sua *Poblicion Eclesiástica de Hespanha* pretende ter sido Barcellos fundada pelo

Barcelos e Vilar de Frades

POR N. FILIPE

A cidade de Barcelos e o seu concelho têm monumentos de grande importância, pelo seu valor histórico e artístico. O palácio dos Duques e a igreja Matriz, a igreja do Senhor da Cruz e o castelo são documentos de capital importância que todo o historiador olha com carinho e admiração.

A cidade adquiriu recentemente mais um monumento que muito embeleza o largo fronteiriço à igreja do Senhor da Cruz — o artístico fontenário que para ali foi «transplantado» de Vilar de Frades, há pouco mais de dois anos. Barcelos e Vilar ficaram assim mais unidos, contraindo uma «aliança» selada na «pedra viva» daquele artístico fontenário. Ao passarmos junto dele, lembramo-nos sem querer do velho mosteiro de Vilar, habitado durante séculos, primeiro por monges beneditinos e depois pelos cónegos de S. João Evangelista, também chamados Frades Loios. O antigo cenóbio, sacralizado durante tantos anos pela sombra de almas orantes, e hoje hospital de recuperação de doentes mentais, vai ser o tema principal deste breve apontamento.

Os cónegos de S. João Evangelista — os «Bons homens de Vilar», como lhes chamou o povo — tiveram um grande apoio em Barcelos, nos momentos de crise. Cerca do ano 1435, levantou-se uma contenda entre eles e o arcebispo de Braga, depois que o papa Eugénio IV declarou o mosteiro isento da jurisdição do prelado bracarense.

Este delicado assunto levantou fortes contendas entre o arcebispo e os cónegos de Vilar. No auge da crise, os religiosos pediram auxílio a D. Afonso I, duque de Bragança, que nessa altura vivia na sua vila de Barcelos e era amicíssimo dos cónegos de Vilar, a quem visitava com frequência. Sabendo que o arcebispo tencionava vir sobre o mosteiro com gente armada, escreveu-lhe a dizer- que não cometesse tal atrevimento, pois era contrário a todas as leis e à decisão do Sumo Pontífice.

O fogo pareceu apagar-se de momento, mas depois acendeu-se novamente e — segundo narra o cronista dos Loios — o arcebispo resolveu partir de Braga com gente armada em direcção a Vilar de Frades. O duque, sabendo isto, saiu também do seu palácio de Barcelos, acompanhado de grande número de vassalos e criados. Entrando no convento de Vilar, mandou um mensageiro ao arcebispo com o seguinte recado : que se não voltava para Braga lhe havia de colocar na cabeça, em lugar da mitra, um capacete de ferro em brasa, pois, sendo arcebispo, se fez soldado. «Foi esta bala tão poderosa que o fez não só parar, mas retroceder».

A tensão entre o prelado bracarense e os cónegos de Vilar foi abrandando até ser possível chegar a um acordo, no reinado de D. Afonso. V.

Se o leitor quiser saber outros pormenores sobre esta curiosa contenda, pode ler a narrativa do cronista dos Loios na Enciclopédia Luso-Brasileira, no vocábulo «Vilar de Frades».

Agora os tempos são outros. Já não há lugar para contendas desta espécie. Em Vilar vive gente pacífica e em óptimas relações com o pastor da Igreja bracarense. Já não se regateia jurisdição sobre paróquias nem privilégios de isenção. O que os «Bons homens de Vilar» e toda a freguesia em peso desejam neste momento, e que há muito lhe foi prometido, é isto : que a estrada de acesso do lado poente seja consertada o mais depressa possível.

Barcelos deve muito a Vilar de Frades. Bastaria apenas o lindo chafariz de que justamente se orgulha e que era propriedade do mosteiro de Vilar. Adquiriu-o sem despesa nem trabalho. Se o mal alguma vez se deve pagar com o bem, seguindo a mesma lógica, o bom só se pode pagar com o óptimo...

Mas a freguesia de Areias de Vilar não pede uma estrada óptima. Pede apenas uma estrada boa, calcetada ou asfaltada. Assim como está não presta. Estreita e cheia de buracos, nem parece caminho de gente, quanto mais para carros !

Uma Confraria Rura

A ECONOMI SANTÍSSIMO

Pelo Doutor

EM artigos precedentes, analisámos não só as condições históricas em que surgiram no orbe católico e, nomeadamente, em Portugal, as irmandades quinhentistas do Santíssimo Sacramento, como ainda os objectivos visados pelos seus fundadores. Além disso, estudamos a origem, os órgãos e o processo de gestão da Confraria de Vilar de Frades, tal como vêm explicados nos *Estatutos* de 1714. Hoje, vamos tratar das bases económicas da instituição à luz da mesma fonte.

A documentação refere que a fábrica da irmandade possuia ricas vestes e alfaias, ou seja trajos, insígnias e objectos sacros indispensáveis à dignidade e decência do culto. Entre outras coisas, de somenos importância, os Estatutos aludem a cruzes, lanternas, varas do pálio e do Juiz — tudo em prata — e bem

assim a guiões co
vários, etc. A p
era, todavia, con
doados à instituiç
excedente dos seu
Entre as rec
avultam, a par d

ANTIGA

ORIGEM DO SEU NOME

soldados do império, que lhe deram o nome de *Barcellis*, cidade da Lombardia. O mesmo acrescenta que no ano 230 era já Barcelos cidade episcopal, categoria que parece prolongar-se por largo tempo, visto que em 363 Eusébio era seu bispo, e, em 424, por ocasião da invasão dos suevos, se refugiou em Viana um outro bispo, de nome Maximiliano.

Com esta opinião vão em parte de acordo alguns outros historiadores, explicando, porém, que não se denominava *Barcellis*, mas sim *Águas Celenas* a cidade episcopal, onde em 400 se celebrou um concílio presidido por S. Paterno, arcebispo de Braga, e logo em 412 outro, presidido por S. Balcónio, arcebispo da mesma diocese.

Esta opinião, que supõe Barcelos a antiga cidade romana de *Águas Celenas*, do nome do seu rio *Celano* ou *Celando*, que os árabes parece terem mudado para o actual *Cávado* (Ptolomeu já lhe chamava *Cavus*), é a que tem sido adoptada com mais facilidade, e a que passa por menos fantástica.

Todavia há também razões para supor que não fosse pròpriamente em Barcelos a cidade romana de *Águas Celenas*, visto que os itinerários antigos de Braga a Astorga marcam a cidade de Águas Celenas a 165 estádios, ou seja 30 kilómetros, quando a distância é apenas de uns 16.

Nesta variabilidade de opiniões não faz ao caso uma de mais ou de menos, e por isso também me permito acreditar, em minha fé, que a primitiva Barcelos não foi no sítio actual, onde as investigações arqueológicas nada têm apresentado como prova, mas talvez?... no alto da Citânia de Roriz, monte que fica sobre a margem direita e a cavaleiro do Cávado, uma légua quando muito da vila, para nascente.

Nesse monte, mistério de terra e granito, ainda por explorar, encontram-se evidentíssimos vestígios de uma população antiquíssima, celta ou romana, quem o sabe?, talvez uma e outra, como na Citânia de Briteiros, mas que em todo o caso deverá ser considerável, atendendo à extensa área que esses vestígios ocupam.

Daí viriam as famílias, que fundaram a Barcelos actual, e assim se explica a etimologia de *Bar Cellos*, que significa *filhos dos Cilenos*, como um desdobramento daquele núcleo celta, assim como *Barcelinhos* o foi da povoação de Barcellos, o que a tradição conserva ainda na cantiga popular:

O seu filho Barcelinhos...
Tão infame lhe saiu!...
Viu cair seu pai ao rio...
Nem por isso lhe acudiu.

Quadra esta que um etnólogo talvez aproveitasse para nela ver o antiquíssimo e bárbaro costume da morte dada aos velhos pelos filhos, que os precipitavam da altura duma rocha sobre a corrente dum rio, como se vê no capítulo Arcos de Val de Vez no primeiro volume desta obra, a não ser, e mais me inclino a esta hipótese, que a quadra seja contemporânea do grande terramoto de 1755, em que o monumental palácio dos duques de Bragança e outros edifícios particulares foram em derrocada até ao Cávado.

Mas, leitor amigo, que a minha opinião te não comprometa, mesmo porque, cerrada a nebulose da noite dos tempos, como se diz nas memórias descritivas, eu não estou lá muito seguro de que fosse dessa ou doutra maneira a origem de Barcelos. E quase também pouco importa saber isso ao certo, sendo de sobra o que se vem dizendo para demonstrar a antiguidade da vila, embora seja nada para revelar a sua formosura.»

UM PEREGRINO
PASSA EM BARCELOS

Por JOSÉ ROSA DE ARAÚJO

Barcelos ficava numa das rotas dos peregrinos de Santiago de Compostela que vinham do sul do País.

Assim, saídos de Lisboa, tomavam a infalível estrada que os conduziriam ao Porto, numa média de nove jornadas para percorrer aquelas infalíveis cinquenta e duas léguas como minuciosamente nos relata o *Roteiro Terrestre de Portugal* do padre João Baptista de Castro, em 1767.

Dali, rumariam a Moreira, a Azurara, a Vila do Conde e, um pouco acima desta vila, abandonando a «estrada do mar», meteriam o nariz a Rates e dali a Barcelos.

De Barcelos iam a Braga.

E da cidade dos Arcebispos não havia mais que enfiar pela estrada romana balizada por marcos miliários, construída em tempos de Augusto, que ia de Ponte de Lima até Valença.

Atravessavam o rio fronteiriço e, até à Cidade Santa da Galiza, sempre para norte, calcurriando o chamado «caminho português de Santiago» por Porrinho, Redondela, Pontevedra, Padrão, Compostela à vista do alto do Humilhadouro.

Por Barcelos passou, por exemplo, Confalonieri em 1591 e da viagem temos uma pitoresca notícia.

O padre João Baptista Confalonieri, jovem doutor em Filosofia e Teologia, veio para Portugal no séquito de Monsenhor Fábio Biondo de Montalto, Patriarca de Jerusalém, como secretário, quando este eclesiástico foi nomeado pelo Papa Clemente VIII Colector seu em Portugal.

Chegaram a Lisboa em 11 de Março de 1593, depois de longa e pachorrenta viagem iniciada cerca de dois meses antes.

Um ano depois, Monsenhor Biondo e seu secretário empreenderam a peregrinação a Santiago de Compostela, de que Confalonieri, como lhe competia, redigiu minuciosa memória, com preciosas anotações da sua incidente maneira de ver.

Os manuscritos foram encontrados no Arquivo Secreto do Vaticano pelo padre senhor José Guerra Campos, que dele nos dá a primeira versão em espanhol.

Os viajantes saíram de Lisboa em 20 de Abril de 1594.

Ignoramos como seria constituída a caravana para tão longo trajecto, em país estranho, havia pouco dominado por estrangeiros e, de mais a mais, metido em guerras que não lhe interessavam, arrastado pela política do invasor castelhano.

Nada nos dizem os documentos que conhecemos sobre essa minudência de organização que se nos afigura de particular curiosidade.

Mas é de prever que o séquito de Monsenhor Biondo seria farto de vitualhas carregadas ao dorso de animais de tiro, competentes arrieiros, criados, pelo menos uma liteira para Sua Excelência Reverendíssima, cavalos de sela e quadrilheiros armados até aos dentes e sem frio nos olhos, prontos a dar violenta resposta ao que desse e viesse.

Baús, caixas e alcofas não faltariam nessa expedição às longínquas terras da Galiza, tudo porém organizado de modo a que o mínimo objecto preciso, aparecesse mal fosse requisitado.

De certo, a expedição seria minuciosamente preparada e a Confalonieri teria cabido a missão espinhosa de se informar do percurso com qualquer texto existente para tal emergência ou com o testemunho do capitão polaco Erich Lassota de Steblovo, militar ao serviço de Filipe II que, com seus companheiros, fizera a mesma viagem 13 anos antes e lhe escrevera o relato.

O Colector papal não poderia deixar de levar com ele grossa dinheirama para a despesa do caminho e as consequentes cartas que o acre-

(Continua na página 19)

...aos primórdios do Séc. XVIII

...IA IRMANDADE DO ...O LAR DE FRADES

...tor E OLIVEIRA RAMOS

...esco, opas, paramentos ...importante do património ...r propriedades e foros ...r ela adquiridos com o ...tos.

...Confraria do Santíssimo ...e dos foros, as contribuições devidas por confrades à irmandade e o fruto dos peditórios realizados em favor do Santíssimo, que se promoviam em tempo próprio.

Por outro lado, os serviços religiosos prestados à instituição pelos cónegos azuis de Vilar a título gracioso e as dádivas com que eles a beneficiavam, tal como o trabalho a que se submetiam, sem remuneração, o Juiz e os mesários, constituiam regalias que desoneravam o erário da irmandade.

Visto que falta o cadastro das propriedades e das terras foreiras deste grémio sacro, e os livros onde se especificava seja o montante das rendas e foros recebidos, seja os dinheiros entregues pelos confrades, seja ainda as verbas que se recolhiam em peditórios, não é possível estabelecer mapas indi-

(Continua na página 27)

O Centro de Artesanato de Barcelos e as Exposições de Arte Popular

Por FELICIANO LOPES GOMES

A indústria popular da região, não sendo próspera atravessa um período sofrível em produção e venda. Mas tão modesta actividade não basta. Ninguém arrisca afirmando que a procura é fruto duma moda, logo efémera. Não têm pensado assim muitos países da Europa, cientes que a sociedade moderna é uma sociedade industrial, que tudo exige em quantidade (fabrico e mercado) e os objectos devem ser concebidos em função das novas condições sociais. Para atingir tal fim, rodearam-se de artistas e criaram desenhos, baseados nas tradições nacionais, nas necessidades e hábitos do seu país, relegando as peças ultrapassadas, depois de convenientemente estudadas, para os mesmos.

Como fruto desses métodos foi-nos possível admirar, ainda recentemente, a maravilhosa «Exposição do Artesanato Alemão» apresentada em Portugal, nas salas do Museu Soares dos Reis.

Tenho na minha frente a tradução da conferência («Design» e Artesanato), proferida no nosso País em 24 de Junho de 1965, por OLOF GUMMERUS, director da FINNISH SOCIETY OF CRAFTS AND DESIGN, de Helsínquia, promovida pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial. Pelas citações, podemos avaliar, como alguns países através das *exposições* têm conseguido tão profícuos fins. Na Inglaterra, Alemanha, Bélgica, e sobretudo nos países escandinavos, estabeleceram Centros de «Design», dos quais GUMMERUS considera o mais famoso a exposição «Den Permanente», de Copenhaga, já fundado há mais de 30 anos. Informa ainda que nos estatutos dessa sociedade se pode ler: «Devem estabelecer-se e manter-se locais para uma exposição destinada à propaganda e à venda, tanto no próprio país, como no estrangeiro, de produtos de arte artesanal e industrial dinamarqueses».

Em Portugal, estamos a tentar através dos centros de artesanato, exposições permanentes, numa melhoria dos artigos e dos mercados. No início não envergonha a sua modéstia, mas vai sendo tempo de os oficializar, pois já provaram a sua utilidade, dando-lhes estatutos, laboratórios e pessoal especializado. Diga-se de passagem e extraído da citada conferência que o «Den Permanente», além de Assembleia Geral e Direcção, tem uma administração composta de administrador delegado, com um chefe de vendas, um chefe de contabilidade e um chefe de exposições, rodeados de pessoal especializado.

Em Copenhaga os artigos são apreciados por um júri composto de arquitectos, artistas e «designers», e só os objectos de qualidade elevada são admitidos à exposição. Os concorrentes são inúmeros, mas esta rigorosa selecção estimula uma melhor produção, na ambiciosa honra de ser admitido e consequentemente a garantia de valor e venda assegurada do seu trabalho.

Os nossos centros são obrigados a ter «stoks» e para a sua sobrevivência funcionam como empresa comercial, enquanto na Dinamarca se vendem sob comissão, pagando o expositor uma percentagem para despesas de administração e manutenção.

O Centro de Artesanato e Arte Popular de Barcelos, relativamente aos outros centros do País e na opinião das entidades oficiais que o estimulam e subsidiam, nomeadamente o Fundo de Fomento de Exportação, funciona como um dos mais úteis. E com os parcos recursos de que dispõe continua a apresentar, de vez em quando, além do variado e rico mostruário permanente, uma exposição variada e até comparativa.

Desta feita e por ocasião das Festas das Cruzes, organizamos, com a ajuda da Junta Distrital de Braga, uma exposição de «Fiação e Tecelagem Popular», da região.

Que esta iniciativa estimule as vendas, e que a procura da nossa tecelagem atraia mais visitantes a Barcelos, não pelo seu primitivismo, mas por algum valor real e artístico.

Barcelos, Abril 1969.

BARCELOS — A Feira, repositório de valores etnográficos e artesanais

FIL

FIL—FIAÇÃO DO LEÇA, S. A. R. L.

Fiação ▲ Tecidos ▲ Estamparia

Malhas ▲ Camisaria ▲ Acabamentos

TELEFONES 901091-2-3-4 END TELEG. «FIL» APARTADO 12

Fiação de Algodão

CARDADO, PENTEADO
MERCERIZADO

Fiação de Mousse

NYLON E DRALON

Tecidos

NOVIDADES, ALGODÕES

Estampados

SOURAH, CETINS
DRALON, DECORAÇÃO

Malhas Interiores

CAMISOLAS, SLIPS
CUECAS, FELPAS

Lingerie

POPULAR, DE LUXO
ESTAMPADOS

Malhas Exteriores

CAMISETES
FATOS DE BANHO
VESTIDOS DE SENHORA
SAIAS

Camisaria

V2 e DC 8

POPELINE ALGODÃO
POPELINE MOUSSE
POPELINE NYLON
TRICOT

Rua Santos Dias — S. Mamede de Infesta

MATOSINHOS PORTUGAL

RESTAURANTE

PÉROLA DA AVENIDA

SERVIÇOS DE

CASAMENTOS
BAPTIZADOS
JANTARES
DE CONFRATERNIZAÇÃO

Telefone 82416 BARCELOS

FILIAL

Pérola do Atlântico — APÚLIA

Telefone 89482

Irmãos Vilaças, L.da

DECORAÇÕES

BRAGA

A. Gomes, Filhos & Sá

OURIVESARIA — PRATAS
JOALHARIA - RELOJOARIA
ANTIGUIDADES

Diplomados com a Medalha de Ouro

AVALIADOR OFICIAL PELA CASA DA MOEDA

Rua 5 de Outubro, 68 Telefone, 62038

PÓVOA DE VARZIM
PORTUGAL

Filiais nas Feiras Semanais de:

Barcelos, Vila Nova de Famalicão, Vila do Conde, Fontainhas, Castelo da Maia, Trofa e Anual de Chaves.

A DUQUESA DE SALDANHA NA FREGUESIA DA SILVA

Pelo Padre Aviz de Brito

D. Júlia Pereira Alves de Sousa Guimarães, esposa do 2.º Duque de Saldanha, João Carlos Saldanha Oliveira Daun, foi uma das mais ilustres damas do Reino de Portugal, no fim do século passado. Ilustre por ser nora, e única, do grande Marechal Duque de Saldanha, figura plurifacetada de estadista que pertenceu ao grupo dos militares mais distintos da Europa, no seu tempo; ilustre por ser filha dos Condes do Bolhão, D. Maria Francisca Fausto do Vale Pereira Cabral e António Alves de Sousa Guimarães, riquíssimo proprietário e comerciante do Porto, cavaleiro fidalgo da Casa Real. Foi no seu palácio, da rua Formosa, que a Rainha D. Maria II se hospedou, em 1852, na sua visita oficial ao Porto; ilustre, principalmente, por ser a mãe do Conde de Almoster, figura heróica da nossa epopeia em África e que nasceu em Barcelos, no Campo da Feira, em 11 de Agosto de 1858, sendo baptizado no Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, em 6 de Setembro do mesmo ano. Os Duques de Saldanha eram proprietários de algumas das melhores casas da Vila de Barcelos. Não cabe nesta ligeira crónica assinalar toda a sua passagem pela vila de Barcelos, que pode ir de 1858 a 1905. Pretendo apenas referir alguns acontecimentos que se prendem com a estadia, na Silva, da referida Duquesa de Saldanha. Foi na Quinta da Cotovia, prazo antigo desta freguesia, que foi pertença da família Nunes Freire, da família Pereira do Lago e, mais recentemente, da família Pais de Vilas Boas. Hoje, é pertença do Ex.mo Senhor Miguel Pereira Pais de Matos Graça. Tendo o Duque de Saldanha falecido em 1880, esta nobre Senhora consorciou-se, em segundas núpcias, com o Dr. Manuel Pais de Vilas Boas, ilustre barcelense. Este casamento realizou-se na Igreja paroquial da Silva em 26 de Abril de 1882, sendo ministro assistente o Rev. António Pais de Vilas Boas, abade de Roriz e pertencente, como o noivo, à família proprietária do Prazo da Cotovia.

A despeito da boa harmonia conjugal que sempre transpirou deste casamento, não foram, porém, auspiciosos os dias e os anos em que esta Senhora aqui residiu. Ainda não tinha decorrido um ano e a Duquesa de Saldanha sofre um tremendo desgosto, pois que seu filho José, o mais novo dos filhos do primeiro matrimónio, uma tenra criança de sete anos, morre, em consequência de uma queda, quando brincava e corria, pelos caminhos ajardinados da já frondosa Mata da Cotovia, montado numa jumentinha. Isto deu-se em 22 de Março de 1883.

Os seus restos mortais estão sepultados, em campa de pedra, na igreja paroquial da Silva, ao lado esquerdo da Capela Mor. No ano seguinte, em 20 de Março, nasce o primeiro filho do segundo matrimónio, o Rui Manuel, que a providência de Deus permitiu que nascesse defeituoso de uma mão, pelo que se tornou conhecido pelo apelido de «maneta».

Estes contratempos não demoveram, contudo, a fé abnegante da Duquesa que continuava a implorar a Deus melhor sorte para si e para a sua família. E a testemunhá-lo está a instituição de um Sagrado Lausperene na igreja da Silva, em 19 de Março, festividade de São José. Porque ali se encontrava sepultado seu filhinho José, porque no mês de Março ocorriam tristes aniversários da família, a Duqueza quis que fossem celebrados em respeitosa prece de Adoração a Deus. Ainda não estava esquecido o desastre de 22 de Março de 1883 e outra espada de dor se lhe vem cravar também no coração, com a morte trágica também do Conde de Almoster.

Nas vésperas do Natal de 1897, recebe a notícia que seu filho João Carlos, o Conde de Almoster, tenente de cavalaria, que se tinha oferecido como voluntário para a defesa da Pátria no Ultramar, morria com o pelotão dos seus Dragões, bàrbaramente chacinado, ao sul de Angola, no Planalto de Moçâmedes, pelos ferozes e rebeldes cuamatas. Os seus restos mortais vieram para a Metrópole, por conta do Governo, em 7 de Dezembro de 1898 e foram depositados em jazigo de família. A Duquesa assiste em Lisboa, com toda a coragem, à cerimónia desta deposição. Era para si uma glória ter um filho que morreu defendendo a integridade da Pátria, mas era sem dúvida doloroso, contemplar quatro ou cinco netos que ficaram órfãos em tão tenra idade.

Na Silva, porém, o Lausperene mantém-se e, em 19 de Março de 1899, a Duquesa de Saldanha reza ainda sobre a campa de seu filho José. Não faz, certamente, orações de sufrágio, porque tanto a criança inocente, como o bravo soldado caído nas terras inóspitas de África, vertendo sangue e sofrendo martírio, pela civilização do gentio, são almas de justos, almas eleitas como a de S. José, o Santo da sua devoção.

Com eles e na lembrança de todos eles, ela quere fazer chegar até Deus os anseios de seu coração dolorido, invocando a felicidade para si e para os seus.

BARCELOS — Mercado de jugos na Feira Semanal

Alguns momentos de reflexão

Há dias, depois de ler um jornal diário fiquei, como de costume, alguns momentos a meditar no que ele me oferecera. Tinha lido também os jornais da nossa terra, da nossa cidade de Barcelos.

Tinha lido notícias várias.

No meu pensamento, desfiou-se então a guerra do Vietnam, os movimentos estudantis, o momento político nacional e fechei as minhas considerações, entrando no ambiente da nossa cidade.

Afinal, tudo tinha interesse, pois tudo faz parte do nosso dia a dia, tudo se incorpora nele e constitui um bocadinho de nós próprios. Mesmo quando nos pretendemos alhear, esse alheamento é constantemente interrompido pelo que, ao nosso redor ou à distância, nos toca a sensibilidade ou acode à mente. E, na realidade, não me é indiferente, a guerra do Vietnam; sim, não me é indiferente que os bombardeamentos e as ofensivas continuem, que os homens se reúnam em conferência para solucionar o conflito e não cheguem a uma conclusão.

As partes em litígio pretendem soluções honrosas que só a boa vontade pode iluminar a inspirar; qualquer que venha a ser a solução do conflito, sempre a boa vontade terá de presidir a uma das partes.

Em seguida, pensei nos movimentos estudantis e esses alastram, sucedem-se e constituem mesmo um problema que actualmente muito preocupa os governos de algumas nações. Na base de todos eles, há uma juventude instruída de ideologias pouco esclarecidas, desorientada na procura dos seus fins e escolhendo, para os alcançar, os piores meios. A perturbação da ordem, a subversão e o ataque às autoridades legitimamente estabelecidas não são, de modo algum, meios idóneos para solucionar problemas, sejam eles de que natureza forem.

Entre nós, esse vírus parece não ter entrado e, em boa hora, a nossa juventude o compreendeu. E quanta boa vontade, quanta generosidade, quanto heroísmo temos de lhe reconhecer! É vê-la no Ultramar, dando conta de tudo quanto se lhe pediu e pede e oferecendo-nos todos os dias nacos de glória, a atestar que podemos confiar orgulhosamente nela.

Em seguida, passou na minha mente o momento político nacional. Esse é de rejuvenescimento, de revitalização, e despontam já, em muitos sectores, novas estruturas económicas, novas organizações administrativas que trarão, com toda a certeza, uma elevação do bem estar social e uma promoção das camadas sociais até então menos favorecidas.

O momento é, pois, de ânimo, de confiança no futuro, o qual também não poderá fazer-se sem a boa vontade, a colaboração honesta e laboriosa de todos os portugueses.

E, como disse, fechei as minhas considerações, vergando-me a contemplar Barcelos. Decididamente, também não tem faltado aqui labor e boa vontade.

Creio que, verdadeiramente, se está a caminhar bem, no sentido de se elevar Barcelos ao lugar que merece entre as cidades portuguesas.

Vêem-se obras, vêem-se realizarealizações, para além dos projectos a concretizar.

Pela extensão do seu concelho, pela sua situação geográfica, pela colaboração de todos, Barcelos pode efectivamente, dentro de poucos anos, transformar-se num importante centro e numa grande cidade.

O que é preciso é querer; o que é preciso é acreditar em alguma coisa que deve ser alcançada, custe o que custar.

E, com este pensamento, fechei os jornais, arrumei-os e, como sempre, fiquei à espera de novas notícias.

V. C.

Auto-Mecânica
de *João Alvelos Lamela*
Reparações em Automóveis, Máquinas de todas as espécies e Molas.
R. Elias Garcia, 4 . Tel. 82730 . BARCELOS

CASA DAS MOTOS
de *José Felgueiras dos Santos*
Motos, Scooters, Motorizadas
Acessórios para as mesmas
Agente oficial nesta cidade do ciclomotor MOTALLI
R. Barjona de Freitas, 25 BARCELOS

Garagem NEVES
de Manuel Pombal Neves
REPARAÇÕES EM AUTOMÓVEIS
Av. D. Nuno Álvares Pereira . BARCELOS

MANUEL ESTEVES, L.da
Materiais de construção, Tintas, Óleos, Vernizes e Pincéis
Adubos Químicos, Sal, etc.
Av. Combatentes da Grande Guerra
Telef. 82316 BARCELOS

Móveis Evangelista Cardoso
Mobílias em todos os estilos
Colchoaria e Tapeçaria
Rua Dr. Manuel Pais - 2 BARCELOS

EDMUNDO SIMÕES DA CUNHA
Rua da Madalena, 18 BARCELOS
Compra e venda de móveis usados
Oficina de restauros

LAVANDARIA A SECO
DE Lindalva do Nascimento
Rapidez, Perfeição e Preços Acessíveis
Campo 5 de Outubro - 38 - A
BARCELOS

Casa de MÓVEIS SOCORRO
Móveis em todos os estilos, Tapeçarias
Colchões de todas as Marcas
RUA CÂNDIDO DOS REIS, 13 A 17 BARCELOS

Oficina Mecânica
DE
José Joaquim Torres e Rocha
Reparação e reconstrução de máquinas, Forno mecânico
Rua D. Diogo Pinheiro, n.º 3
Telefone 82829 *BARCELOS*

Jorge
OCULISTA
Técnico especializado
OFICINA PRÓPRIA
Rua D. António Barroso, 199
BARCELOS

A NOVA MERCEARIA
DE
RIBEIRO & REIS, L.DA
Mercearia Fina Especializada em Salsicharia - Congelados - Frangos - Vinhos Finos - Café
R. Barjona de Freitas, 29 a 31 Telefone 82543 BARCELOS

COSTAS & QUINTELA, L.DA
Fábrica de Serração ★ *Carpintaria Mecânica*
Materiais de Construção - Palha de Madeira, Etiquetas de madeira em branco e impressas. Parquetes, Madeiras, Tacos, Lenhas, Toros, Telhas, Tijolos, Cimento, etc.
Telefone, 82742 **BARCELOS**

A Cerâmica na Região de Barcelos

A REGIONAL DE BARCELOS

DE

José Brás d'Afonseca

Louças da Região — Jugos — Mantas
Cangas — Artesanato
Revenda e Exportação

GALOS DE BARCELOS

Largo Bom Jesus da Cruz, 9 — BARCELOS

Estatuária Barcelense

de ALBERTO CARLOS DA SILVA PINTO

Louça Regional

TELEFONE 84121

Galegos, S. Martinho — BARCELOS

A Sociedade Decorativa de Louças de Barcelos, L.da

é uma Fábrica de Olaria que se impõe entre a indústria concelhia,

- pela variada colecção de Estatuária,
- pelo fino gosto,
- e pelo perfeito acabamento.

Tem um fabrico esmerado de imagens em terra-cota

FÁBRICA — EXPORTAÇÃO

GALEGOS SANTA MARIA

TELEFONE 84158

BARCELOS

Fábrica Cerâmica

DE

Durães, Ferreira & Durães

(CASA FUNDADA EM 1918)

Louças Regionais e Artísticas
EXPORTAÇÃO

TELEFONE 84114

Galegos - S. Martinho Barcelos

A Louça vidrada pode ser tóxica

IV

COMO será possível, aos louceiros de Barcelos, empregar um vidrado apropriado às suas louças e que esteja dentro das condições legais? Um vidrado que não seja tóxico, mas sim de inteira confiança para todos os fins e usos domésticos?

Já sabemos que um vidrado, para apresentar as condições necessárias de um bom vidrado—no nosso caso, para ser higiocerâmico—, tem, primeiro que tudo, de ser suficientemente ácido; pelo menos manter a relação 2/1 na sua composição de ácido/base. Consequentemente as louças de Barcelos têm de ser cozidas a maior temperatura, e esta condição exige uma especial preparação da pasta e fornos capazes de a atingir e aguentar.

Mas os fabricantes das louças de Barcelos são pequenos industriais e as suas fábricas não possuem o necessário apetrechamento fabril para essas inovações. Além disso, não sabem fazer o dito vidrado. Carecem, pois, primeiro que tudo, dos necessários ensinamentos, e não se trata duma simples lição que se aprenda em dois dias. São necessarios anos.

Existe ainda outro problema; disse que são pequenos industriais os louceiros de Barcelos. Isto quer dizer que o fabrico do vidrado se torna quase impossível para cada fabricante, pois a produção em pequenina quantidade torná-lo-á muito mais oneroso. Seria necessário a formação duma empresa que se encarregasse do fabrico dos vidrados e das cores, para fornecer todos os fabricantes.

Barcelos já tem, desde 1934, uma organização de ceramistas que foi criada para esse fim. E' a Sociedade dos Ceramistas de Barcelos. Sociedade por cotas, de responsabilidade limitada. Esta sociedade prestou já serviços inestimáveis numa altura de grandes dificuldades nesta indústria das louças. Mas hoje, inteiramente desactualizada e desorganizada, a sua existência... «está a dar a alma ao Criador». Os louceiros não estão mentalizados para organizações nem para associações de espécie alguma. Não possuem conhecimentos intelectuais, teóricos, nem técnicos de qualquer espécie.

Caímos, assim, na mesma conclusão: sem escola, sem instrução, nada será possível. O ceramista sente as dificuldades, mas não sabe a maneira de as resolver, não compreende os problemas e vê tudo com pessimismo e desconfiança, como uma perseguição à sua existência, já tão difícil.

Por isso, já no dia 17 de Dezembro do ano findo a Direcção do Centro do Artesanato de Barcelos pediu a criação duma escola para o ensino da Cerâmica em Barcelos. Uma escola itinerante, auxiliada

por uma fábrica-piloto, para ir a todas as fábricas interessadas levar os necessários ensinamentos teóricos e práticos. Na memória descritiva e justificativa que

(Conclui na página 22)

CERÂMICA REGIONAL

DE

João Vasconcelos do Vale

O mais varido e completo sortido em louças para todos os fins

AREIAS, S. VICENTE TELEF. 841115 BARCELOS

ARMAZÉM DE LOUÇAS E VIDROS

Grande e variado sortido de LOUÇAS para uso doméstico e ornamentação

J. Gonçalves Faria

Sucessor de ARTUR DA FONSECA FARIA

Areias, S. Vicente Telef. 84131 BARCELOS

Cerâmica Magrou

A MODELADORA DE LOUÇAS DE BARCELOS, L.DA

O único estabelecimento de Barcelos que possui fornos eléctricos de alta temperatura.

Fabrico esmerado de todos os tipos de Galos Estatuária e Louças Regionais * Pintura de alta categoria * Vidrados resistentes

Exportação para a Europa, Américas e África

CORREIO DE GALEGOS, SANTA MARIA — Telefone 84017 BARCELOS

Tijolo, Tijoleiras para pavimentos e artigos de barro vermelho

UCHERÂMICA

Cerâmica da Ucha, L.da

Escritórios no PORTO: Rua da Trindade, 15 — Telefone 25733 p. f.

S. Romão da Ucha Telefone 84122

BARCELOS

UM PEREGRINO PASSA EM BARCELOS

(Conclusão da 15.a página)

ditariam junto dos superiores dos conventos onde tencionava aposentar-se.

Diga-se, porém, e já o sr. padre Guerra Campos o notou, que a viagem foi tão rápida quanto poderia ser.

Faziam jornadas à mata cavalo, habitualmente de oito, nove, algumas de seis, cinco ou quatro léguas, conforme a aspereza do caminho e até algumas, bem raras, de duas léguas sòmente.

Paravam apenas para pernoitar e, só em Santiago, se deram ao luxo de permanecer durante cinco dias.

Sairam de Lisboa a 20 de Abril de 1594, numa quarta-feira.

Vieram por Loures, Tojal, Vila Longa, Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira, Póvos, Castanheira, Vila Nova da Rainha e Azambuja.

Isto no primeiro dia.

No imediato, passaram pelo Cartaxo, indo ficar a Santarém.

A viagem prosseguiu pela Azinhaga, Golegã, Atalaia e Tomar.

No dia 24, ouviram missa no Rabaçal e a caminhada continuou por Mealhada, Águeda, Mourisca, Albergaria a Nova, Grijó, mosteiro de Moreira (já a duas léguas do Porto), seguindo por Mindelo, Azurara, Vila do Conde, S. Pedro de Rates e Barcelos.

São muito curiosas as notas de viagem, tomadas, é verdade, ao correr da pena, mais para, um dia, recordar os dias passados neste confim do mundo do que para deixar deles memória mais duradoura.

Será curioso verificar que, tendo regressado a Lisboa quase pelo mesmo caminho da ida, Confalonieri descreve duas vezes os lugares visitados, dando da segunda vez mais pormenores como se uma nova visão de cada terra lhe descobrisse coisas insuspeitadas, ou obtivesse, no intervalo, mais amplas informações.

Assim, a partir de Moreira, diz o seguinte:

«Comemos em Moreira. Em seguida, vem a freguesia de S. João de Mindelo (ele diz *Mondelo*) de muitas cabanas e não casas agrupadas. Vem a seguir Azurara, aldeia do território do Porto, muito bela e agradável, com uma grande e bonita igreja e boas casas.

«Muito povoada, para cima de quinhentos fogos.

«A sua situação é belíssima, pois está numa colina junto do mar e ao pé de um rio. Na outra margem, no alto de outra colina, uma vila muito maior. O rio chama-se Ave. Em outra parte, onde passamos no regresso, há duas pontes para dois braços deste rio, que aqui se juntam. Um chama-se Este; o outro Ave. Porém aqui dizem apenas Ave, por ser o maior. Move Moinhos e presta todo o género de serviços. Está a tratar-se de fazer uma ponte grande que una estas duas povoações, sem a incomodidade da passagem da barca.

«A outra vila chama-se Vila do Conde.

«Tem Juiz e é uma das principais de Portugal com mil fogos.

«Está ali o mosteiro de monjas mais nobre, antigo e rico de todo o reino. Antigamente as monjas eram donas de todo o lugar.

«São do hábito de Santa Clara; têm quize mil escudos de renda.

«Agora a vila é do rei. A Igreja das freiras é grande e bem fornecida. Há também na vila uma igreja que passa por ser talvez a mais formosa do reino em beleza, grandeza e proporções. Construiu — o rei D. Manuel sob a invocação de S. João Baptista quando, indo para Santiago de Compostela, se enamorou deste sítio pela sua situação na praia do mar, onde tocam todas as naus que vêm das Índias para tomar provisões e por ser lugar dotado de nobreza, urbanidade, boas casas e ruas, abundância de jardins, frescos e de água. O tecto da igreja é de abóbada, todo de madeira de cedro que se fez vir da ilha da Madeira; é também de cedro a porta da igreja.

«Sexta-feira, 29 de Abril.

«Celebrada a missa em S. Francisco, mosteiro pequeno, onde Monsenhor se alojou com os frades, passamos pela freguesia de S. Pedro de Rates, igreja com antiguidade de setecentos ou oitocentos anos, como bem o demonstra o lavrado de antigas pedras.

«É comenda de mil escudos, apesar de o cura não receber mais de cento e cinquenta. À volta da igreja tem umas noventa casinhas. Está ali o corpo de S. Pedro, primeiro discípulo de Santiago Maior, além de muitas outras relíquias. Este santo obra muitos milagres, especialmente sobre mulheres em dificuldades de parto.

«Segue-se Barcelos, vila do duque de Bragança, rodeada de muros, com ponte muito grande, de arcos larguíssimos sobre o rio Cávado. Em redor da vila há arrabaldes e um belíssimo souto de carvalhos.

«As casas são pequenas, a maior parte delas de barro, a parte superior sobressaindo à maneira de pórticos. Ruas largas e direitas.»

Casas de *terra (ha case picciole di terre per lo piú)* em Barcelos?

Certamente Confalonieri quereria dizer: casas construídas de barro cozido, ou seja, de tijolos.

Não existe hoje em Barcelos, nem na memória dos homens, nenhum exemplar antigo de construções deste tipo.

Posto que em Barcelos seja antiquíssima a indústria do barro, as casas fazem-se de pedra, como de resto em todo o Alto Minho.

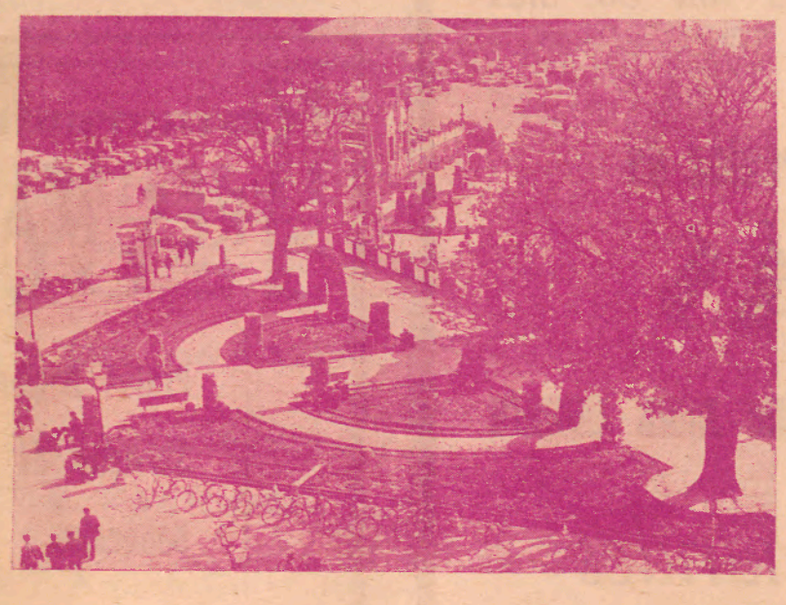
A utilização do tijolo para a construção civil é recentíssima e devido apenas à carestia da mão de obra e da ajuda da rapidez do cimento armado.

Igualmente aquele tipo de casas com os andares salientes ao rés do chão e apoiados em colunas ou arcos — portici — desapareceu quase completamente no norte do país.

Os seus principais inimigos foram os municípios desde meados do século passado.

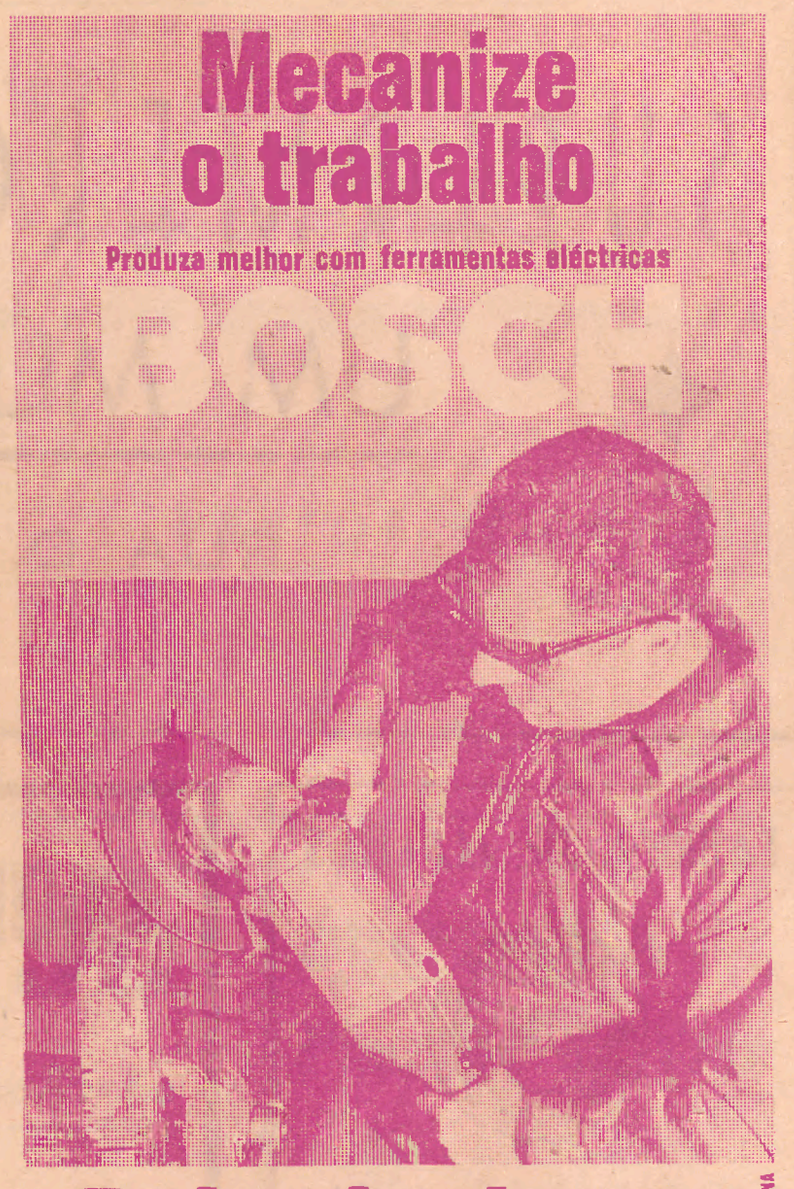
Sob o pretexto de que os arcos e as colunas impediam o trânsito, implicaram com elas — com esse pormenor arquitectónico que tanto cunho imprimia às velhas casas portuguesas — e foi um ar que lhes deu!

José Rosa de Araújo



BARCELOS

Um recanto arborizado do Largo da Porta Nova



Rebarbadoras e Polidoras

Grande poder de desbaste e corte, quer em ferro, quer em pedra.
Maior potência e rendimento numa ferramenta de peso reduzido.

MÁXIMA DURAÇÃO • MÁXIMA SOLIDEZ • MÁXIMA ECONOMIA

AGENTE
Auto Acessório Barcelense
Rua D. António Barroso 70-72-74 Telef. 82759
BARCELOS

LOUÇAS DE BARCELOS
de Francisco Ferreira Bogas
Louças Artísticas e Regionais * Grande variedade em Presépios
GALEGOS, SANTA MARIA BARCELOS

DEPÓSITO DE
LOUÇAS E VIDROS
CASA FUNDADA EM 1909
António Vasconcelos do Vale
Grande e variado sortido de Louças para os fins domésticos e ornamentação
Stand nas Feiras de Barcelos e Braga
Areias — S. Vicente Telefone 84215 BARCELOS

SUPERMERCADOS CUNHA

UM MUNDO DE CALÇADO

RUA D. ANTONIO BARROSO, 120

BARCELOS

FÁBRICA DE MALHAS

CM

Carlos Augusto Carvalho de Matos

PEUGAS
para homem e criança

MEIAS
de mousse p/ senhora

Rua Cândido dos Reis, 10 — Tel. 82874
BARCELOS

PHILIPS Qualidade
PHILIPS Garantia
PHILIPS Progresso

Ao comemorar mais um Aniversário da Agência Oficial em Barcelos, o **Sr. Armando Faria Fernandes** *apresenta a todos os seus Clientes e Amigos os mais respeitosos cumprimentos.*

Aproveita para lembrar que já tem em armazém todos os modelos PHILIPS de 1969. — Descontos especiais até ao fim do mês de Maio.

Agente distribuidor no concelho de Barcelos do

SONAPGÁS

...uma chama mais quente

Armando Faria Fernandes

Avenida Combatentes da Grande Guerra — Telefone 82602
BARCELOS

O melhor Café é o da

CAFEZEIRA DE BARCELOS

DE *Manuel da Cruz Pias*

Inscrito no Grémio dos Armazenistas de Mercearia

A casa que dispõe do maior e mais completo sortido em artigos de MERCEARIA FINA

Grande Sortido de
CONSERVAS

13 - Av. Dr. Oliveira Salazar - 14
Rua Barjona de Freitas — Telefone 82410
BARCELOS

CASA DO CAFÉ

armazenistas e torrefactores

Centro de distribuição da GELMAR

Produtos Congelados

Rua D. António Barroso, 61-63
Telefone 82390
BARCELOS

Restaurante
TRÊS MARIAS

Pratos Regionais
Serviços de Casamento
Banquetes

Rua Barjona de Freitas
Telefone 82756
BARCELOS

Restaurante
NOITE-E-DIA

António de Araújo Ramos

PRATOS REGIONAIS

BONS VINHOS

TELEFONE 82834

Rua Filipa Borges BARCELOS

MÓVEIS GOMES

MOBÍLIAS
em todos os estilos

Carpetes, Passadeiras e Plásticos
Colchões de todas as qualidades

FACILIDADES DE PAGAMENTO

Rua Barjona de Freitas, 55 — Telefone 82877
BARCELOS

A CONSTRUTORA METÁLICA

Esta oficina encarrega-se de todos os trabalhos de serralharia mecânica e civil

Henrique Lopes Pereira

Lugar das Pontes—Tamel S. Veríssimo

Telefone 82350

BARCELOS

BAGOEIRA

Café-Bar e Bar do Parque

DE *António Teófilo Carvalho*

2 ESTABELECIMENTOS 2
sempre bem sortidos

Bons lanches
Rico café
Vinhos deliciosos

BARCELOS

GALO NEGRO

CONFEITARA • CAFÉ • SALÃO DE CHÁ • BILHARES

Casa especializada em serviços de:
Casamentos, Baptizados, Aniversários
Portos d'Honra
Doce Regional, Doce Caseiro

Sousa Vieira & Costa, L.da

Largo da Porta Nova **Telef. 82361** **BARCELOS**

CAFÉ-RESTAURANTE

PORTA NOVA

COM NOVA SECÇÃO DE CERVEJARIA

SNACK BAR

PRATOS REGIONAIS

Telefone 82792

Largo da Porta Nova BARCELOS

V.a MARTINS & FILHO

CASA FUNDADA EM 1868

LANIFÍCIOS
TECIDOS
MALHAS
CONFECÇÕES
MODAS

Bom Sortido

Bons Preços

TELEFONE 82516

R. D. António Barroso BARCELOS

ANÍBAL ARAÚJO

Importação ◄► Exportação

Representantes das Bicicletas

MELFEIRA

e das Motorizadas

FLÂNDRIA

Telefone 82524

96 - Rua Barjona de Freitas - 104 BARCELOS

DROGARIA

Pimenta do Vale

DROGAS
PERFUMARIAS
TINTAS
VERNIZES

AGENTES DOS ESMALTES
«DUCO» E «DELUX»
Pesticidas e insecticidas «BAYER»

Rua Infante D. Henrique, 34-36—Telef. 82312

BARCELOS

Armazéns de
S. JOSÉ

CAMPO DE S. JOSÉ, 118 A 123

Casa especializada em
Bordados Regionais

IMPORTAÇÃO
E
EXPORTAÇÃO

Descontos para revenda

FILIAL: Av. dos Combatentes da Grande Guerra

Telefone P. P. C. 82304 **BARCELOS**

Auto-Acessórios
BARCELENSE

DE

Manuel Elias da Costa Lima

Distribuidor das Baterias BOSCH
Rolamentos S. K. F.
Pneus Nacionais e Estrangeiros
Recauchutagens
Correias trapezoidais
Lubrificantes
Filtros e Velas A C
Tudo para Automobilismo

Rua D. António Barroso, 70-72-74
Telef. 82759 **BARCELOS**

GIRASSOL

Brinquedos

Utilidades

Carlos Alberto Vieira de Sousa Basto

Avenida Combatentes da Grande Guerra, 176

Telef. 82304 *BARCELOS*

DANIEL DA SILVA

Adubos e motores Agrícolas

Agente nesta cidade:

Companhia de Seguros Império
Motores Eléctricos «Rabor»
Motores Diesel «Lister» a gasoil
Máquinas de sulfatar a jacto
Motorizados e a pressão
Motores a petróleo «Slanzi» para rega, marca Italiana

Rua Duque de Bragança, 41 e 45 **Telef. 82533**

BARCELOS

Talvez não saiba...

A MORTE DO ALCAIDE DE FARIA

(Reconstituição histórica — Pintura de Condeixa)

Que — na Franqueira — se realça desde sempre a mais nobre constante da história nacional: a aliança da Cruz e da Espada. A Cruz — lábaro da fé cristã; a Espada — símbolo da determinação e dos destinos da Pátria. A Fé de Egas Moniz, ao erigir a ermida votiva no cume do monte e da peregrinação das gerações através dos séculos; a Espada, bramida, desde tempos imemoriais, aqui, na vertente nordeste, no Castelo de Faria.

A altos e insondáveis desígnios, juntaram-se os favores da Natureza, que na Franqueira fez uma das mais surpreendentes maravilhas.

Razões, mais que suficientes, para alguém escrever da Franqueira:

— Surpreendente visão do mar e da terra;

Reviver de idades remotas;

— Renascimento de uma fé viva, que não quebra nem esquece.

A tríplice presença da Fé, da História e do Turismo, mais sublimou as realidades da Franqueira, que, por um motivo ou por outro, ou por todos simultâneamente e sem qualquer mal para ninguém, tem constante presença de visitantes, que, maior seria, se nós realmente tivéssemos estado à altura das responsabilidades.

O visitante, na medida em que vai subindo a Franqueira, sente-se agradàvelmente dominado pelo feitiço de uma visão de maravilha, que lá no alto, com o estender do olhar por horizontes fascinantes e imensos, mais se enleia, desejoso, se possível, de ficar inebriado de tanta suavidade e tanto encanto.

O espírito sente-se bem na Franqueira e o físico revigora-se neste sossego, tonificado pela pureza do ar e a ausência de preocupações, deixadas para lá do sopé do monte. Aqui, regalará o coração e, se quiser, o estômago também.

É sempre agradável a impressão do visitante, quer do levado pela devoção piedosa, que da ermida fez santuário afamado, há perto do milénio; quer do movido por espírito de cultura ou patriótico, espevitado pela presença das ruínas do que foi o glorioso Castelo de Faria. Quer do simples curioso, que a Franqueira a ninguém exclui.

Acertado e consciente anda o visitante que, ao subir a Montanha, tem a certeza de pisar chão sagrado.

Aqui, no alto, tem mansão a Mãe de Deus, em presença amorosa de quase mil anos, acolhendo devotos, aos milhares.

Ali, a poucos passos e em pleno alcance da vista, derramou-se sangue generoso de heróis, para quem menos é morrer que ser perjuro.

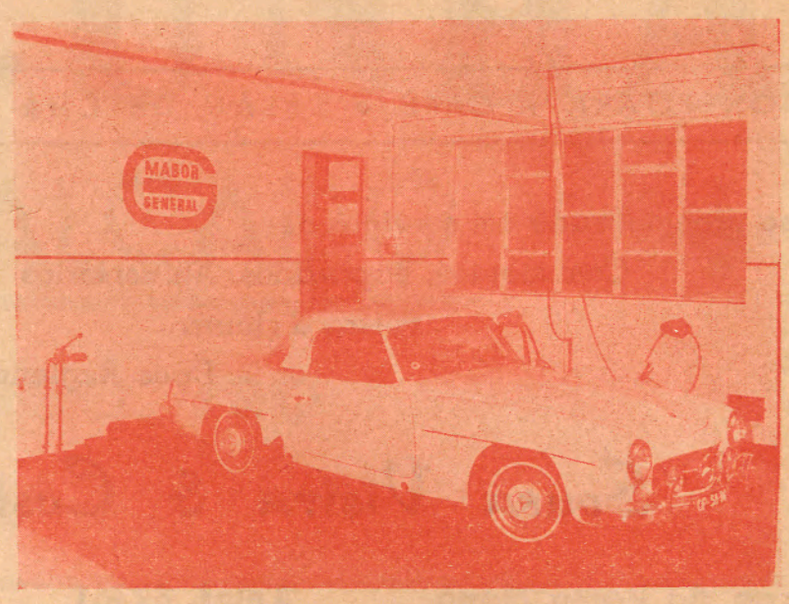
Quando aqui nos encontramos, parece-nos ainda ouvir ecoar pelas quebradas — tonificando-nos para a vida de todos os dias e todos os momentos — o brado:

— Maldito sejas, no inferno, como Judas, o traidor, quando, os que me cercam, entrarem no Castelo sem tropeçar no teu cadáver!

Esta uma das grandes e palpitantes lições da Franqueira.

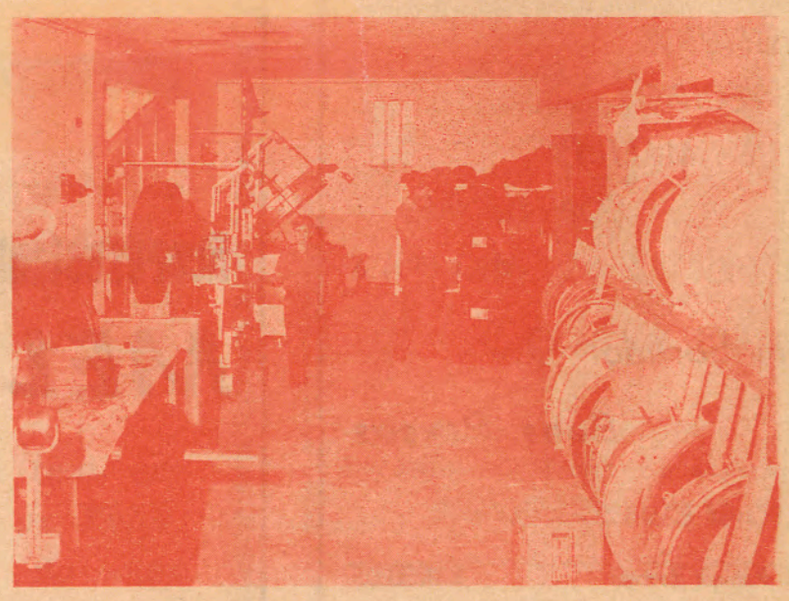
C.

Estação de Serviço TURISMO



18, Rua Duque de Bragança, 22 BARCELOS

RECAUCHUTAGEM CORREIA



Uma das secções da Recauchutagem Correia

18 — Rua Duque de Bragança — 22 BARCELOS

CAMPINHO & DURÃES

Ofinica de Serralharia de Construção Civil

RUA DR. MANUEL PAIS, 24-A BARCELOS

CESTARIA DE BARCELOS

DE Margarida Amélia Ferreira da C. Vilaça

Oficina e depósito de artigos de verga, vime, junco e chapéus de palha

EXPORTAÇÃO

Campo 5 de Outubro e Av. Nuno Alvares Pereira BARCELOS

A LOUÇA VIDRADA PODE SER TÓXICA

(Conclusão da página 18)

acompanhou o pedido, houve o cuidado de referir-se, além de muitos outros problemas, também o da toxidade do vidrado. Como o sr. Presidente do Grémio dos industriais da Cerâmica esta a ver, o problema não era desconhecido em Barcelos, nem tão pouco, menosprezado. Simplesmente, Barcelos, não tem possibilidades de o resolver pelos seus meios exclusivos. Por isso se aguarda, com enorme interesse, as determinações superiores.

Quanto a nós, é a única maneira de se conseguir que os louceiros de Barcelos abandonem o emprego dos vidrados tóxicos. Não posso compreender como o Grémio da Cerâmica viu o problema e a sua eficácia pela resolução da força que, a ser executada, representaria um verdadeiro desastre nacional. Impedir todos os fabricantes populares do País de utilizar os sais de chumbo nos seus vidrados, assim de um momento para o outro, era a mesma coisa que impedi-los de fabricar, de ganhar o seu pão de cada dia. Era a miséria e a fome em muitos milhares de bocas.

Insisto, pois, no ensino profissional

Mentalize-se o povo para que ele comprenda a necessidade de evoluir e aceite de boa vontade os melhoramentos que se lhe querem dar. E ensine-se-lhe a técnica e a teoria necessárias para ele ser capaz de produzir boas louças, não esquecendo a modelação.

O centro oleiro de Barcelos tem todas as possibilidades de evoluir e tornar-se rico e considerado, mas só depois de escola, e para isso, é necessário o auxílio do Estado.

M.

Fábrica Cerâmica

DE

Martins & Irmãos, Limitada

Tijolos para Construções

TELEFONE 82344

S. VERÍSSIMO BARCELOS

Fábrica de Tubos de Grés e Tijolo Refractário

e Louças Decorativas em Grés

Cláudio Ferreira & Filhos, L.da

TELEFONE 84135 LAMA — BARCELOS

Fernandes do Vale

LIMITADA

Fábrica de Louças Regionais e Artigos em Vime

COMÉRCIO INTERNO — EXPORTAÇÃO

Continua na vanguarda apresentando as melhores novidades

Sede: **Galegos — S. Martinho # Telef. 84113**

BARCELOS

BARCELINHOS
—ASPECTOS INTERNOS

Por Adriano Faria

O Cávado, um formoso rio que se estende desde a Serra do Larouco até Esposende, onde se confunde com a imensidade das águas do Atlântico, beija, na sua margem esquerda e em considerável extensão do seu percurso, uma terra humilde mas graciosa, a quem os poetas e prosadores intitularam de *Princesa do Cávado — Barcelinhos.*

Lado a lado, com a cidade de Barcelos, na sua margem direita, e unidas por uma ponte românica e pelos laços fraternos dos seus habitantes, estas duas terras situam-se no *coração pitoresco do Minho*, numa situação geográfica privilegiada, apenas a vinte quilómetros de Braga, trinta de Viana do Castelo, quarenta do Porto e quinze da praia de Ofir.

Centro de passagem para estas grandes localidades, o turista encontra aqui tudo quanto se pretende para um descanço ameno e um deleite visual em paisagens maravilhosas desde o correr constante e não muito caudaloso das águas do rio que move as rodas das velhas azenhas e beija os muros dos históricos palácios dos Duques de Bragança, até ao Parque da Cidade e ao cimo das montanhas do Facho e da Franqueira, de onde se disfrutam panoramas encantadores, num horizonte cheio de beleza pela verdura dos campos, do serpentear do rio, dos conjuntos urbanos e das águas do Oceano a espelhar o sol brilhante.

Porém, simplesmente por agora vou fazer algumas considerações sobre Barcelinhos, do seu povo nas artes e costumes, das suas festas e romarias, da sua vida interna e do seu folclore.

No meio concelhio, o povo de Barcelinhos é no geral conhecido como essencialmente bairrista e trabalhador.

Dedicado antigamente ao pequeno comércio local, às artes de marcenaria e serralharia, à indústria caseira e à vida da lavoura, hoje em dia a sua actividade vai muito mais longe com a mecanização dessas indústrias, verificando-se já a existência de algumas fábricas de malhas e passamanarias, de tecidos de seda e algodão, metalo-mecânicas e oficinas de construção civil, onde algumas centenas de operários encontram o permanente trabalho para um nível de vida melhor.

O comércio, já bastante desenvolvido, estende-se a todos os ramos, com lojas devidamente apetrechadas e a fino gosto, capazes de servir os mais exigentes. No que se refere a cafés e restaurantes, não chegou, porém, ainda o momento preciso para considerarmos actualizados os existentes, mas espera-se que brevemente os proprietários dos mesmos os modernizem.

A lavoura, com a frequente emigração que se faz sentir para os países do centro da Europa, luta com a falta do braço trabalhador, recompensada em parte pelos utensílios modernos e mecanizados, que vão do tractor à simples máquina de sulfatar. O lavrador, porém, não encontrou ainda novos processos para a poda das suas vinhas que, aqui no Minho, só é possível com o auxílio da escada, o que lhe absorve muito tempo.

Aqui como em toda a parte, o problema habitacional é preocupação para aqueles que pretendem e merecem viver num lar condigno, com o conforto necessário para uma vida sã.

Felizmente que os barcelinenses não se têm deixado adormecer neste aspecto, porquanto por toda esta localidade se espalha a construção de grandes blocos residenciais com bairros em diversos lugares e cada um deles já com mais de três dezenas de habitações, não esquecendo os grandes edifícios que, ùltimamente, se têm levantado junto ao Cávado.

Graças à sua acção, os barcelinenses vão contribuindo para um conjunto populacional grandioso, tornando-se com Barcelos numa cidade moderna e extensa.

Nos aspectos moral, educativo e físico, o homem barcelinense não descura um só momento a sua própria preparação e a de seus filhos. Para isso, vai o seu valioso contributo para a construção de um Centro de Formação Cultural que, orientado nas melhores normas cívicas e morais, servirá para formar o jovem e adulto com leitura educativa, jogos instrutivos, filmes de formação, teatro e cursos diversos.

Para o desenvolvimento físico estão na base as agremiações desportivas, como o Desportivo «Os Galos», na prática do futebol, o Vitória Sport Clube, nas modalidades do Oquei em Patins, atletismo e voleibol, e o Clube Desportivo de Barcelinhos, com as actividades de atletismo, remo e natação. A esta colectividade se deve a montagem anual de uma bela piscina e praia fluvial que tanta graciosidade oferecem a este trecho do rio Cávado e onde centenas de jovens aprendem a natação, praticam o remo e executam desportos na areia sob a orientação de técnicos competentes e dedicados, num espírito sadio de camaradagem, com verdadeira admiração dos adultos e pais das crianças, num aproveitamento de horas de ócio em benefício do desenvolvimento físico e da saúde.

Com fins humanitários e verdadeiro altruismo de abnegação por amor do próximo, dando Vida por Vida, o Corpo Voluntário de Salvação Pública Barcelinense — Bombeiros Voluntários — instalam-se num excelente quartel, próprio, com pronto-socorros de nevoeiro e campanha, jeeps e ambulâncias para sinistrados, com um corpo activo de quarenta homens e uma excelente fanfarra, bem como o indispensável material para o dever a cumprir.

Na parte cultural, fica-nos um pouco de tristeza em certo ponto.

Quando a criança na sua tenra precisa de conforto, comodidade e uma preparação cultural e educativa para o futuro, vê-se privada destes benefícios pela falta de salas de aula suficientes, modernas e capazes de proporcionar ao professorado facilidade de acção.

Voltemo-nos um pouco para o povo nas suas festas e romarias tradicionais.

Nos primeiros domingos de Fevereiro, temos as romarias de S. Brás, com solenidades religiosas em honra do Santo, e tanto quanto o aficcionado adora, as bandas musicais em despiques constantes, os divertimentos variados e a beleza do próprio local onde se situa a Capelinha rodeada de frondosas mimosas em flor e donde se vislumbra um panorama maravilhoso em redor, convidativo aos poetas e pintores.

Vem depois o Carnaval que parece ter já caído no esquecimento, deixando-nos a recordação daqueles cortejos carnavalescos de alto nível que os nossos antepassados sempre souberam organizar com motivos alegóricos, demonstrando a arte, vida e costumes da sua terra, servindo, muitas vezes, para fazer crítica construtiva.

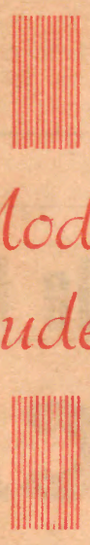
Que dizer das Festas Sanjoaninas?... Vividas com entusiasmo durante largos anos com programas aliciantes, quedaram-se por algum tempo para surgirem em bom nível, atraindo até nós grande número de forasteiros para apreciarem as belas ornamentações, iluminações, marchas luminosas, concertos musicais, procissões ricas de figurado, etc., etc.. Mas como continuar, se a mocidade não colabora para que se mantenha esta tradição? Os seus ânimos dispersam-se, e até nos parece que a tradicional fogueira de Santo André, patrono da freguesia e os festejos usuais vão diminuindo de ano para ano, talvez para um esquecimento total.

No ano transacto, no recinto do Montelhão, foi inaugurada a Feira Popular que funcionou durante os meses de Verão.

(Continua na página 25)

Salão
TOFINE
CABELEIREIROS
Distinção * Beleza * Juventude
Rua D. António Barroso — Telef. 82729
BARCELOS

sb
CASA
SOUSA BASTO



Modas
Miudezas

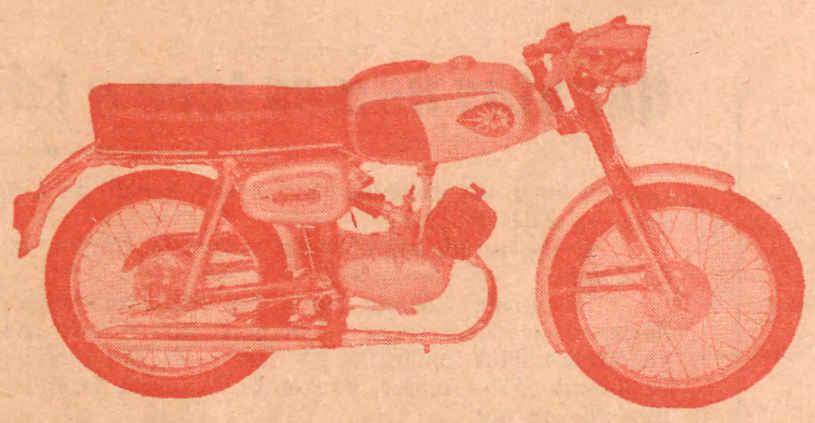
Uma Casa diferente

Campo de S. José, 85-90
BARCELOS

Móveis LONGRA
PARA ESCRITÓRIO E OUTROS FINS

Exposição permanente na CASA PEIXOTO
Rua D. António Barroso - 110 - 112
Telefone 82454 BARCELOS

MOTOCICLO
BARCELENSE
— DE —
José Augusto
da Silva Alves



Motos; Motorizadas; Acessórios e Oficinas Especializadas
Motos Serras Pioneer e Acessórios
Correntes e Barras, para todas as marcas de Motos-Serras
RUA DR. MANUEL PAIS
APARTADO 35
TELEF. 82560
BARCELOS

Senhores
Passageiros:

No seu próprio interesse, consultem sempre para viagens marítimas, aéreas e terrestres — inclusivamente excursões — a

Agência de Viagens Irmãos Cunha
AVIC
de Viana do Castelo

Informador
LICÍNIO DA COSTA
PINHEIRO DURÃES

na Agência da Companhia de Seguros Bonança.

Campo 5 de Outubro
Telefone 82337
BARCELOS

FÁBRICA DE MALHAS DO AMEAL

S. A. R. L.

709, Rua do Ameal, 745 # PORTO

TELEFONE 43041-3

ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MEIAS DE SENHORA

e de artigos em Malha interiores e exteriores para Homem, Senhora e Criança

AGENTES EM LISBOA

Alfredo Fonseca & Companhia, Limitada

Avenida Almirante Reis, 30-2.°

Quantos nomes teve o Cávado?

(Conclusão das páginas centrais)

Cávado ter ainda um nome « . . . desconhecido de todos os estudiosos : — o ZENDE ! . . .

E Esposende significaria «filho do Zende», ou «à margem do *Zende*».

Disparate. Zende, em si, é a explicação das doutrinas de Zoroastro ou Zaratustra. Em português é desinência ou terminação de vários topónimos : — Aldozende, Antuzende, Barrozende, Esposende, Esposendes, Fruzende, Gozende, Ozende, Pravezendé, Rezende . . ., etc.

Em Arouca há, ainda, o topónimo Zende-Zendo, primitivamente Ozendo.

Zende, deriva do *Sinths* germânico, que significa Caminho.

Esposende, no parecer de Leite de Vasconcelos e Joseph Piel, vem de dois vocábulos germânicos : — *SPANUS* — Hispânia (a Península Hispânica) e *SINTHS* — Caminho ; à letra — «os que procuravam os caminhos da Península, vindos do Centro da Europa. (1)

Se a terminação dos topónimos acima, vem de *Sinths* — devem todos grafar-se com S e não com Z.

MANUEL DE BOAVENTURA

(1) Recentemente, em 22 de Março findo, o nosso distinto colega «O Cávado», de Esposende, publicou um artigo sobre ZENDE, bastante elucidativo.

Perfeito José Soares

Construtor Civil (Diplomado)

projectos e construções

Avenida Combatentes da Grande Guerra

Telefone 82719 BARCELOS

Fábrica de Malhas

FALCÃO

DE

António Falcão

CALÇADAS — ARCOSELO

Telefone 82596

BARCELOS

DINHEIRO!...
APLIQUE-O EM
J. PIMENTA, S. A. R. L.
obtendo juros ou rendimentos de 7 a 10%
ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS
Informações: Rua Conde Redondo, 53 — 4.º / Esq. em LISBOA — Telefones: 45843 — 47843

Terapêutica Ocupacional nos hospitais psiquiátricos

A PROPÓSITO DUMA EXPOSIÇÃO

Por **AIRES GAMEIRO**

Integrada nas Festas das Cruzes desta Cidade a Exposição — Venda de trabalhos de Terapêutica ocupacional da Casa de Saúde de S. João de Deus, convém aproveitar esta oportunidade para ajudar os leitores — visitantes da dita exposição a reflectir para além do simples estendal de objectos, quadros, figuras, etc. É este o fim das considerações que seguem.

Todas as instituições estão em contínuo processo de humanizacão e e o hospital psiquiátrico não faz excepção. Este processo tem sido acelerado nos últimos tempos, e só é pena que esta aceleração nos hospitais psiquiátricos portugueses tenha sofrido um certo atraso em relação aos estrangeiros, devido certamente a vários factores que não vou agora examinar em pormenor.

De entre as ideias que mais têm concorrido para humanizar estes hospitais está o valor reabilitador da ocupação e o reconhecimento crescente da dignidade do doente.

A ocupação a que o doente se entrega com satisfação é criadora de saúde e vida.

Estar ocupado num trabalho ou tarefa que se adapta às aptidões e interesses profundos da pessoa é condição indispensável para viver *mais e melhor*.

Esta descoberta de que a ocupação vital (exterior e interior) do doente constrói a sua própria personalidade e equilíbrio, levou a desenvolver as possibilidades de trabalho e actividades várias (jogos, reuniões, entretenimentos vários) nos hospitais psiquiátricos.

Hoje já não se compreende um hospital destes que não dê oportunidade de ocupação a todos os seus doentes. Não basta porém fornecer uma ocupação e de qualquer maneira.

A ocupação só será terapêutica quando responder aos três requisitos seguintes:

— Estar à altura das aptidões e interesses do doente;

— Dar-lhe satisfação;

— Prepará-lo para dar o salto do do hospital para a vida social e profissional.

Não obedecem a estes requisitos: as ocupações que só têm e mira o rendimento utilitário; os que não contam com a pessoa do doente, com a sua dignidade, as suas habilitações, aspirações e interesses; aquelas que não lhe trazem satisfação de ordem social e de ordem económica; e finalmente aquelas que estão desligadas da vida real.

Sob o aspecto terapêutico tanto valor pode ter o trabalho utilitário na agricultura, na construção civil ou em serviços domésticos, como os trabalhos de artesanato ou mesmo as belas artes, pintura, escultura, etc.

Por outro lado as ocupações que não trazem satisfação humana aos doentes que se ocupam, concorrem para frustrar e não para curar.

Um doente pode sentir grande satisfação por ver que os seus trabalhos são admirados por um largo público, outro gosta de saber que a sua obra tem venda, outros ainda, e são a maior parte, só ficam satisfeitos quando a sua fadiga e esforço é compensada monetàriamente. E nisto mostram que são como nós todos.

Deixai-me referir uma experiência do meu longo contacto com doentes mentais. Quando um doente não deseja aceitar nada pelo seu trabalho, nem mesmo a título de gorjeta, pode ser muito mau sinal. A sua saúde pode estar realmente bastante afectada. Quando ele vibra com a gorgeta com que compra os cigarros, bebe um refresco ou amealha para um fato novo, ou um passeio, podemos dizer que o seu estado vai melhorando.

O aspecto de compensação dos trabalhos dos boentes mentais que se ocupam é realmente um dos mais árduos de algnmas casas de saúde. Pois se é certo que alguns doentes rendem, outros ocupam-se não só sem rendimento mas até com despeza em roupas, tintas, pessoal de instrução, etc. Mas ganha a sua saúde. Enquanto a ocupação não for equiparada em todo o sentido, a um tratamento não é possível resolver esta situação.

Aqui em Barcelos, e também em muitos casos, em Vilar, não se está presentemente em condições de desenvolver muito a terapêutica ocupacional, enquanto as diárias dos doentes da Assistência não forem revistas adequadamente.

Os 20$50 por doente em Portugal é situação exclusiva e discriminativa para os hospitais particulares que não ajuda nada a humanizar as Casas de Saúde como as descobertas da terapêutica ocupacional o exigem.

As exposições de trabalhos de terapêutica ocupacional não devem pois ser olhadas como fácil fonte de lucro. Basta dizer que só em despesas de instalação se atingiu cerca de 20.000$00 e em compensações adiantadas aos doentes que expõem os seus trabalhos e outro material se está a chegar aos 10 000$00.

A venda dos objectos expostos por mais risonha que seja, e oxalá que nos enganemos, dificilmente cobre estas despesas. Pode alguém, pois, parguntar: «...Então, porque a realizaram?»

Só temos como resposta o que dizia S. João de Deus aos seus benfeitores: — porque «nos dói o coração de ver os doentes a sofrer» e a apodrecer psíquicamente no hospital — e porque confiamos que vale a pena abrir o hospital a um público que o desconhece para que assim se comece a realizar a reabilitação e integração social do doente e a mentalização de que é preciso fazer-se mais pelo doente mental.

A. G.

Abade do Neiva

ABRIL, 27

Falecimento

Pelas quatro horas da madrugada do dia 26 do corrente, faleceu, na sua residência, no lugar do Barreiro, a Senhora Rosa Ferreira de Matos, solteira, de 68 anos idade.

O seu funeral teve lugar no passado domingo, com grande acompanhamento de pessoas, para a Igreja Paroquial e daí dara o Cemitério desta freguesia onde ficou sepultada.

Na passada segunda-feira, houve missa e ofício por alma da defunta.

Á familia enlutada, apresentamos as nossas sentidadas condolências

Baptizado

Na Igreja paroquial desta freguesia, foi baptizado, recebendo o nome de Francisco Manuel Mendes de Brito, um filhinho, do Sr. Francisco Ferreira de Brito e da Sr.ª D Maria Celeste da Silva Mendes.

Foram padrinhos o Sr. Francisco Manuel Gonçalves Arantes de Faria e Sr.ª D. Rosa Mendes Abilheira.

Que Deus acompanhe durante toda a vida o bebé, são os nossos sinceros votos.

Cambeses, 21

Casamento

Realizou-se há dias o casamento da simpática menina Maria Cândida Fonseca da Silva Santos, sobrinha da Sr.ª D. Maria Cândida Fonseca Lemos e do Sr. José Manuel Gonçalves de Faria, abastados proprietários nesta freguesia, com o Sr. Aires Campos dos Santos, filho da Sr.ª D. Maria da Silva Campos e do nosso prezado amigo e assinante, Sr. Manuel Olindo dos Santos Morais muito digno Regedor e ajudante do Posto do Registo Civil de Cambezes.

Celebrou o casamento o Rev.º Cónego Rodrigo Alves Novais, arcipreste de Barcelos.

Finda a cerimónia religiosa, na casa dos pais do noivo foi servido um almoço aos numerosos convidados. Aos noivos desejamos as maiores venturas — C.

BARCELINHOS

Aspectos internos

(Conclusão da página 23)

Não faltaram as barracas de diversões, serviços de bar e restaurante, bem como programas recreativos com a colaboração de Grupos Folclóricos, conjuntos típicos, tocatas e rusgas, que proporcionaram um ambiente alegre a esta população nessas noites calmosas.

Oxalá que esta iniciativa continue no futuro.

Na expansão dos usos e costumes do seu folclore, surgiu, há anos, o Grupo Folclórico da Casa do Povo de Barcelinhos que, em boa oportunidade se lançou na recolha e divulgação das lindíssimas danças e cantares de outrora, exibindo-os em espectáculos, aqui e além fronteiras, permitindo que, assim, não se perdesse para sempre esta preciosidade do folclore nacional.

Com saudade se recorda o Orfeão e Grupo Cénico que tantos aplausos receberam pelas suas brilhantes exibições, compostos por homens de todas as categorias sociais, dando exemplo de verdadeiros amantes da arte, mas ficamos cientes que, por conversas encetadas com muitos dos ex-componentes, brevemente se verificará a reorganização dos mesmos e, então, sim, surgirão boas representações nos melhores palcos do país.

Reportando-me ao plano educativo, formação moral e cultural, é justo salientar o Instituto Missionário de La Salle, instalado na Quinta do Galo, onde quase uma centena de alunos se prepara para vencer o futuro, convenientemente instruídos. Numa extra missão, os seus professores atraiem ao grande colégio a juventude da nossa terra, facultando-lhes os seus préstimos para uma melhor formação cultural, moral e física.

Quanto ao aformoseamento de Barcelinhos, por parte das autoridades administrativas, sabe-se que vários benefícios estão projectados para o corrente ano, no que se refere à remodelação dos pavimentos de algumas das nossas principais ruas, alteração na iluminação pública, abastecimento de água para os lugares de Mereces, Medros, Areal e, talvez, a construção de um novo edifício escolar.

De todos os predicados do povo barcelinense, o que mais o caracteriza é, sem dúvida, a fidalguia com que recebe os seus amigos e o ambiente agradável que lhes oferece.

Se analisarmos atentamente o nosso conjunto urbano e o enquadramento paisagístico de que se rodeia, poder-se-á dizer que, no coração do Minho, Barcelinhos é uma localidade progressiva e encantadora.

Adriano Faria

Tribunal Judicial da Comarca de Barcelos

Anúncio

Editos de 30 dias e de 6 meses

(.2a publicação)

Para os devidos efeitos se faz saber que nos autos de acção especial de justificação de ausência e de qualidade de herdeiro, distribuída à primeira secção do tribunal Judicial desta comarca e proposta por António Gonçalves Pereira, casado, guarda de segurança pública, da freguesia de Roriz, desta mesma comarca, correm éditos de trinta dias, citando os interessados incertos e éditos de seis meses, citando José Gonçalves Pereira, também conhecido por José Gonçalves, viúvo, ausente em parte incerta da França e com o último domicílio na freguesia de Roriz, referida, para no prazo de vinte dias, depois de decorrido o prazo dos éditos, que se contarão da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem, querendo, o pedido feito nesses autos, nos quais se pede que se julgue justificada a ausência por mais de dez anos daquele José Gonçalves Pereira ou José Pereira, presumindo-se morto, para efeitos da sucessão ou entrega dos seus bens aos seus únicos herdeiros António Gonçalves Pereira, acima referido e irmã Maria de Jesus Gonçalves Varela, viúva, (filhos do presumido morto) e Maria do Céu Gonçalves Vintena, Manuel Gonçalves Vintena, João Gonçalves Vintena, Augusto Gonçalves Vintena, Adelino Gonçalves Vintena, Rosa Gonçalves Vintena e Maria Goreti Gonçalves Vintena (netos do mesmo e todos menores).

Barcelos, 15 de Abril de 1969.

O Escrivão de Direito da 1.ª secção,
Aires Augusto da Silva

Verifiquei.
O Juiz de Direito,
António da Costa e Sá

(Jornal de Barcelos, n.o 993, de 1-5-169)

Tribunal Judicial da Comarca de Barcelos

Anúncio

(1.ª publicação)

Para os devidos efeitos se faz saber que por sentença de 21 do corrente e em processo pendente na 1.ª Secção do Tribunal Judicial desta comarca, foi declarada em estado de falência a sociedade por quotas «V.ª de Juan B. Domenech L.da», com sede no lugar das Torgas, freguesia de Arcozelo, desta comarca, tendo sido nomeado administrador da massa falida, o Snr. Anibal Carvalho Araújo, solicitador desta comarca, e marcado o prazo de 40 dias, que se contará da publicação deste anúncio, para a reclamação dos créditos por que a mesma sociedade seja responsavel. Devem, pois, no dito prazo, os credores da falida, reclamarem a verificação dos seus créditos, por meio de petição, quer comuns, quer preferenciais, indicando a natureza, montante e origem e alegando, se o desejarem, o que entenderem acerca da falência.

Barcelos, 25 de Abril de 1969.

O Juiz de Direito,
António da Costa e Sá
O Escrivão de Direito,
Aires Augusto da Silva

radiadores
FABRICO E CONSERTO DE TODOS OS SISTEMAS
Fábrica LANDOLT
A mais antiga do País
Manuel Teixeira Prata
Avenida Camilo — 144 Telefones: 51966 • 59875 PORTO

Coberturas e empenas
DE ALUMÍNIO ONDULADO AUSTRÍACO
METAIS ALMADA
MANUEL TEIXEIRA PRATA & C.ª
Telefones: 24 325 • 29 968 • 32 241 • 24 213
RUA DO ALMADA, 395 — PORTO

Arrendam-se
Casas próximo à ponte do Caminho de Ferro, em Rio Covo de Santa Eugénia.
Falar com Manuel Ferreira Dias, em Barcelinhos.

CONFIANÇA

Rua Santa Catarina, 181

PORTO

Salão de Modas
da Cidade do Porto

HONRA-SE COM A SUA VISITA

A GERÊNCIA

CASA AGUIAR

LANIFÍCIOS

MALHAS

MIUDEZAS

R. D. António Barroso, 88

Telefone 82205

BARCELOS

PAPEIS E CARTOLINAS
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

A. M. Soares & Gonçalves, L.da

ARMAZÉM DE PAPELARIA

TELEFONES 64143-64144-64145 * END. TELEG. ESSEGÊ

RUA DE CÍRIACO CARDOSO, 287 # PORTO

VINHOS CAMPELO

Joaquim Miranda Campelo & F.os, Limitada

Sede: AREOSA — PORTO

Telefones: 970231-970631

Filiais: Silveiros — Barcelos

Telefone: 69156 — NINE

Rua Diamantina, 4 — PORTO

Telefone: 44222

ADEGA REGIONAL ▶ Moure - Barcelos

Telefone: 82399

Uma Confraria Rural dos primórdios do Séc. XVIII

A Economia da Irmandade do Santíssimo de Vilar de Frades

(Conclusão das páginas centrais)

cando a situação e grandeza das propriedades, nem quadros discriminatórios e esclarecedores, concernentes à natureza e importância dos réditos. Pode-se, quando muito, referir dados doutra natureza que passamos a significar.

Quanto às anuidades devidas pelos irmãos, sabe-se que em Areias e na Madalena cada chefe de família entregava anualmente na caixa da confraria uma raza de pão ou 100 reis e os visivos metade dessa soma.

Nas outras paróqias, as cotas eram idênticas, simplesmente na altura da entrada para a irmandade os sócios pagavam uma *jóia*, cuja importância variava conforme a idade do candidato. Também os confrades solteiros de Vilar estavam sujeitos a esta obrigação inicial.

Enquanto membros natos da confraria, os cónegos azuis do convento de Vilar ajudavam a instituição prestando-lhe, sobretudo, determinados serviços de natureza espiritual. E assim celebravam de graça a missa do terceiro domingo de cada mês, destinada aos membros da irmandade, bem como a missa solene da grande festividade anual em louvor da Hóstia Consagrada e o ofício que todos os anos se realizava em memória dos irmãos falecidos.

Demais, os conventuais de Vilar presenteavam, todos os anos, a irmandade com 1 arroba de carne de vaca, 2 alqueires de milho e 3 almudes de vinho para consumo durante um almoço anual que reunia não só os dignitários da irmandade, mas também outras entidades paroquiais.

Nas receitas da instituição há que acrescentar aos réditos apontados, o fruto das esmolas e, nomeadamente, as dádivas recolhidas durante o grande peditório que pelo S. Miguel se fazia em benefício do Santíssimo nas aldeias onde viviam membros da irmandade.

Entre as despesas da Confraria do Santíssmio, destaca-se a grande verba dispendida em azeite e cera para a iluminação do templo. Aliás, gastavam-se também muitas velas nas procissões, nos cortejos e nas cerimónias fúnebres.

Outros dinheiros aplicavam-se no pagamento de missas por alma dos irmãos falecidos.

Mais caros ficavam, porém, os sermões proferidos nos dias de notória solenidade por oradores de renome. O preço das prédicas de qualidade variava entre 1 000 e 1 500 reis.

Segundo os *Estatutos*, a irmandade tinha ainda por obrigação entregar, todos os anos, à Igreja de Vilar 1 000 reis, metade para o azeite da lâmpada do Senhor, metade para as velas do Santo Sepulcro. No orçamento, às despesas pedidas pelos actos religiosos, somavam-se as decorrentes de funções sociais. E neste domínio imperam os gastos com 2 pitanças que, por determinação estatuária, a irmandade oferecia aos cónegos azuis e ainda os do almoço de confraternização dos mesários no dia da festa anual do Santíssimo.

Quer os proventos da irmandade, quer os seus gestos, quer ainda as suas compras, figuravam cuidadosamente descriminados nas contas apresentadas pelo vice-reitor de Vilar que, como sabemos, era também Juiz, Secretário e Tesoureiro da irmandade.

Quando ao fim de três anos a comunidade cenobítica de Vilar substituia o vice-reitor, este, antes de abandonar o governo da Confraria, apresentava o balanço financeiro da sua gerência trienal. As contas, devidamente aprovadas eram, por fim, proclamadas do púlpito, perante os irmãos no dia da Festa Anual do Santíssimo.

Como se verifica não são muitos os dados de natureza económico-financeira que possuímos sobre a Confraria de Vilar. São, no entanto, suficientes para nos apercebermos da respectiva estrutura e das bases económicas que suportavam o funcionamento da instituição.

(continua)

Luís de Oliveira Ramos

BARCELOS DIA-A-DIA

Barcelos, vestida de gala para receber os seus ilustres visitantes, nas Festas das Cruzes, entre os quais os ilustres homens públicos dos Ministérios das Obras Públicas, Corporações, Trabalho e Previdência

por LEAL PINTO

Barcelos, com os seus jardins floridos e ruas vistosamente ornamentadas, está preparada para receber com fidalguia todos aqueles que a honrem com a sua presença, especialmente nos seus dias festivos.

As autoridades e o seu povo, viverão irmanados, em congénere sentimento, na vivência das suas horas mais altas, num clima de beleza, que a tradicional salva de vinte e um tiros assinalará neste primeiro dia festivo .

São para os barcelenses motivo de júbilo, os belos tapetes de flores no templo do Senhor da Cruz, com uma combinação de cores que só a gente da nossa terra sabe apresentar.

Além dos vários atractivos possuimos a feira, cheia de grandiosidade, com o inconfundível «Campo da Feira», que se presta admiràvelmente para palco de exposições de artesanato agrícola e industrial e simultâneamente de lugar de festa e de feira de inesquecíveis tradições populares.

Barcelos, cidade de tradições históricas, com as suas ruas apertadas, modestas habitações encostadas, como que orgulhosas a outros imóveis de condição desproporcional, mas que se enquadram numa típica diversidade de elementos arquitectónicos, característicos numa cidade de aspectos coleantes, e que dizem indesmentìvelmente do esquecimento a que infelizmente tem estado votada esta terra de gloriosas tradições, capital do Artesanato Nacional, o maior concelho de Portugal.

Efectivamente Barcelos tem vivido uma posição injusta, um tanto arredada do progresso, que, por ordem natural todos os povos o aspiram.

A alma dos barcelenses, nos dias das suas festas, vai iluminar-se de esperança, esperança que é simultâneamente um apelo de justiça aos seus mais ilustres hóspedes, Engenheiro Rui Sanches, Ministro das Obras Públicas, que oficialmente inaugurará o Mercado Municipal e por certo não deixará de considerar outras obras, que se impõem realizar com urgência.

Mais que as palavras falam as razões, as quais não são indiferentes ao ilustre filho de Barcelos, Ex.mo Sr. Dr. Luís Nogueira de Brito, Subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência que não deixará de distinguir a sua e nossa terra, tão carecida de empreendimentos, nomeadamente no aspecto habitacional, ao alcance das classes trabalhadoras.

Aqui fica expresso o nosso sentir, e esperamos a nossa gratidão.

Notícias de SILVEIROS

26 DE ABRIL

A nossa Terra e as Festas das Cruzes

Silveiros, donairosa freguesia do vasto concelho de Barcelos, habitada por gente ordeira e laboriosa, em ano algum fica alheia à realização das grandes festas da concelho; as suas suas «Festas das Cruzes» !...

Assim, e interpretando o sentir unânime deste povo e, ainda, aproveitando a ocasião em que «Jornal de Barcelos» desde há anos a esta parte lhes vem dedicando um número especial, nós não deixamos de estar presente numa altura em que todo o bom barcelense, esteja onde estiver, sente fervilhar em si o amor e a dedicação à terra que lhe foi berço e que jamais deixa de lhe ser querida, está bela cidade formosa pelos seus numerosos monumentos, pela sua indústria e agricultura e não menos pelos seus lindíssimos jardins !... Barcelos, que para nós, barcelenses, tudo vale, prepara-se afamosamente para as suas grandiosas festas de renome internacional, às quais não faltaremos com nossa presença e, se Deus quizer, com a nossa alegria que, nos dias festivos que a cidade irá viver, a todos há-de certamente contagiar e atrair aos seus cargos e suas sempre engalanados com as mais atraentes ornamentais até lá, pois, se a Divina Providência o permitir !...

Pelos Caminhos de Ferro — Agradável notícia

— Após demorada diligências, junto da Ex.ma Administração da «Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses», acaba de ser estabelecida paragem no apeadeiro da visinha freguesia de S. Miguel da Carreira à automotora semi-directa N.º 5 019, que parte do Porto às 19,25; de Nine às 20,13 e chega à Carreira às 20,18, com destino a Monção

— De igual modo, também em nome de todos os habitantes desta vasta região, nos sentimos na obrigação de agradecer pùblicamete às entidades adiante mencionadas o facto de, há pouco, terem conseguida junto da mesma Administração a paragem no citado apeadeiro da carreira à automotora com os N.os 5 311 5 111 que parte do Porto às 23,45, estabelecendo rápida ligação do «Foguete» vindo de Lisboa, para as cidades de Braga e Viana do Castelo. Devemos, ainda, esclarecer os nossos estimados leitores que esta rápida e cómoda circulação ferroviária parte de Nine às 0,42, passando no apeadeiro de S. Miguel da Carreira às 0,47. Efectua-se diàriaments, tal como aquela circulação a que nos referimos em primeiro lugar.

Está, pois, de parabéns, o nosso prezado amigo, Sr. J. Pereira, da visinha freguesia de Moure, o Ex.mo Sr. Eng.º Américo Costa, Digníssimo Chefe de Movimento da Zona Norte, pois só devido ao empenho e persistência de um e outro ficamos a dever o grande benefício de que agora passamos a gozar, bem como as populações de S. Miguel da Carreira, S. Romão de Fonte Coberta, Rio Covo, S.ta Eulália, Silveiros e outras localidades visinhas que, até aqui, eram forçadas a desembarcar dos combóis e automotoras em Nine ou Midões, conforme as distâncias entre estas estações ferroviárias e as suas residências.

O nosso reconhecimento, pois, para a Ex.ma Administração da C. P. e para os Homens Bons que se interessaram, e com pleno êxito, pela satisfação de uma velha aspiração de todos nós. — C.

Elementos para a história do Couto de S. Martinho de Manhente

(Continuação da segunda página)

Julgamos que a data que o documento patenteia no escatocolo deve tomar-se como antecipada.

Ante a incompatibilidade e incoerências entre os seus elementos de validação (topográficos, cronológicos, consenso, subscrição e assinaturas) e a existência da cúria de D. Afonso Henriques simultâneamente com a de D. Teresa, há que concluir-se que o documento teria sido elaborado em data bem mais aproximada da Batalha de S. Mamede.

É de reputar que o documento de doação é falso ou, pelo menos, deturpado, embora se ignorem os fins da contrafacção.

Mas quanto ao Couto de Manhente, embora não se tivesse alicerçado em documento com força de validade inicial, o certo é que o senhorio existiu de facto, independentemente da contrafacção que contra a Carta em apreço possa aduzir-se.

Mesmo falsos, documentos houve do Século XII que foram confirmados no século seguinte, no exercício de um direito inerente aos monarcas que, confirmando-os, lhe transmitiram «de pleno jure» toda a força jurídica indiscutível.

Quando outras razões de real relevância não pudessem sobrepor-se, admitir-se-ia como que uma espécie de prescrição aquisitiva «longi temporis» ou «usucapião», como figura que pudesse dar à tradição força de título suficiente para transmissão de direitos senhoriais e até um processo para os legitimar.

No entanto não só a prescrição encarada como revelante, mas os actos expressos dos monarcas ou por eles ordenados, fizeram conceituar a legitimidade da doação que sucessivamente se foi transmitindo desde o donatário inicial.

E as dificuldades avolumam-se ainda mais ao proceder-se à leitura e análise de diversas publicações e libelos no tocante à data divergentemente atribuída à doação a Gomes Ramires. Fazem-se variar estas desde 6 a 26 de Julho de 1126, de 1128 e de 1129. Não se fundamentam, porém, as razões de umas ou de outras.

Na sequência das medidas tendentes a fazer voltar à Coroa os seus direitos, foram ordenadas e iniciadas em 1220 as Inquirições. Destinaram-se estas à indagação sobre a legitimidade dos títulos de propriedade. E o Couto encontra-se já, nelas, referenciado :

«De Sancto Verissimo de Cauto de Manente», J. de Prado ; «In Couto de Sancti Martini de Magnente», J. de Prado ; «Couto de Sam Martîo de Manhente».

Nem mesmo no decurso dos séculos, nem antes, nem a partir das inquirições de 1220, nenhuma dúvida foi oposta à validade e legitimidade da doação inicialmente feita a Gomes Ramires e, consequentemente, de todo o conteúdo da Carta de doação de D. Afonso Henriques e as mercês, honras e privilégios dela decorrentes.

Acresce que foram muitas as demandas interpostas contra os donatários em matéria de jurisdição, principalmente pelos senhores do Julgado de Prado. Não consta que os litigantes tivessem invocado a relevância da arguição da letigimidade ou validade da Carta nem contra os abades donatários do Mosteiro de Manhente, primeiro, nem contra os do Convento de Vilar de Frades.

As medidas centralizadoras para a defesa dos direitos da Coroa, iniciadas por D. Afonso II, e a que já nos reportamos, vieram a concretizar-se a partir de 1216 com as confirmações régias. Estas sancionaram ou revogaram muitas fruições e mercês de classes privilegiadas.

Da providência encetada não se exceptuaram muitas aquisições do clero. Os bens eclesiásticos, até então isentos, passaram a ser incidentes do imposto de colheita. Tais actos produziram reacção enérgica do clero. O próprio Arcebispo de Braga e outros bispos opuseram-se, clara e ostensivamente, contra tais medidas. O reino chegou até a estar interditado. As tropas de El-Rei, de Coimbra e Guimarães tiveram ordem, que executaram, para invadirem as terras arquiepiscopais, arrasando-as, incendiando-as e destruindo-as.

D. Afonso II, mesmo obediente à orientação de centralizar o poder, não lhe interessava alargar a inquietação geral dos donatários dos senhorios.

As confirmações gerais de 1216 a 1221 foram interrompidas para se reiniciarem com D. Afonso IV na execução do «édito ou chamamento geral de 1335» (este circunscrito a matéria de jurisdições) e depois as de «rei a rei», vieram dar todo o carácter de existência legal ao Couto de Manhente, como veremos.

Não podemos abstrair-nos de que não foram revogados os privilégios da comunidade religiosa que administrava este Couto, mesmo depois da vitória de D. Afonso II na Revolta das Princesas que abriu caminho a uma série de medidas centralizadoras que em 1216 se iniciaram com aquelas confirmações e que trouxeram à dependência do Rei a fruição de terras e mercês das classes privilegiadas.

D. Afonso IV, mandando proceder a confirmações gerais para cumprimento do édito ou chamamento geral de 1335, como se disse, no caso concreto do Couto de Manhente encarregou João Annes Melcon e Lourenço Calado das diligências, averiguando as jurisdições dos donatários. Veio a dá-las por confirmadas em 8 de Novembro de 1335.

Aqueles ouvidores de El-Rei constataram assim as jurisdições que no Couto tinham os Abades do Mosteiro de Manhente.

E dos livros da chancelaria deste monarca, a fls. 256 constava uma carta de confirmação extraída da Torre do Tombo, em que era trasladada a doação de D. Afonso Henriques, escrita em latim e traduzida em língua portuguesa.

(Continua)

MÊS DE MARIA na Igreja de Santo António

Maio, Primavera na natureza, consagrado também à Virgem Maria.

Fátima, altar do mundo, microfone de Deus, Evangelho do século XX proclamado pela Senhora do Rosário.

Mês de Maria — caminhos de encontro com Deus, contas do Terço, implorando à Mãe de Deus paz, justiça e amor para todos os homens.

Aqui vai o Convite. Dize presente todos os dias na igreja dos Padres Capuchinhos:

21 h. — 1.º **Encontro com Maria** através do Terço — essa chave maravilhosa para nos abrir as portas da paz.

2.º **Encontro com Cristo**, pois os caminhos de Maria, levam a Jesus. Na Santa Missa teremos na Mesa da Palavra uma Mensagem especial de Nossa Senhora para cada dia; na Mesa da Eucaristia repartiremos o Corpo e Sangue do Senhor.

Sê generoso. A Virgem recompensar-te-á.

Serviço Nacional de Emprego

Divisão Regional de Braga

Transferiu a sua sede para a Rua Engenheiro Arantes e Oliveira, N.º 457-1.º — BRAGA.

Novos Assinantes

Deram-nos a honra da sua assinatura os Snrs. João Rodrigues de Oliveira e António Pereira Neiva.

Gratos pela deferência.

Redacção e Administração:
Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras
Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 82462
BARCELOS

Jornal de Barcelos
Católico e Regionalista

Composição e Impressão
EDITORA POVEIRA—Póvoa de Varzim
Telefone 82287
Visado pela Censura

«Uns Olhos Verdes»

Por JERÓNIMO DE CASTRO

BARCELOS, ao menos para mim, não é só cidade sede de concelho, bem situada e desde que anexou Santo André de Barcelinhos, com duas margens no Cávado — sempre poético ali, nem que tenha de passar por Braga para lhe lavar os pés...

Barcelos, não. Tem-no ali à mão, põe-lhe barracas quando o calor aperta e arranca-lhe peixe que dá para tainas, no Pérola ou na Bagoeira, regadas a moscatel de fazer ourar a cabeça dum santo.

Nem é só a dos barros, dos bonecos bizarros e alegóricos, do Castelo, dos Paços Ducais, do Solar dos Pinheiros, do Pelourinho, e da Igreja Matriz.

Para além da fama de seus valentes — o Alcaide de Faria que o diga — e para além de seu folclore, do seu artesanato, e de todas as belezas naturais com que o Senhor a brindou em dia de boa inspiração, Barcelos é, também, séde dos olhos mais verdes e mais lindos que eu vi.

Serão como os da Joaninha?!

Perguntei a mim mesmo quando ao vê-los, em Carvalhal, por detrás duma sebe de verdes que dava para um quintal humilde.

A dona teria quinze anos. Os cabelos caíam-lhe livremente sobre os ombros, que não eram fortes nem minguados, metidos numa blusa azul, sem decote, e túrgida, no tronco, de uns seios que se adivinhavam frescos. O pescoço alto, de gazela, sem veias e branco, duma brancura estranha, que nem de cera era, antes de véu de noiva, permitia-lhe ver o que se passava na estrada sem fazer um esforço, e quase também sem ser vista.

Mas um descuido havia de traí-la. E foi quando se deu: — «Que olhos verdes!» — O resto veio depois.

Fiquei ali preso como de um olhar mágico impossível de descrever. E descortinei-lhe o que ia atrás daquele olhar. Olhar magoado, digamos já, para não acelerar qualquer curiosidade mórbida que possa haver por aí...

Era magoado, triste, aquele olhar. Nem o verde que os debruava conseguia destauxiá-los do roxo da dor profunda que lá morava.

Ao lado, era um cômoro, a abrir na primavera que tinha poucos dias. E ela brincava torcendo entre os dedos uma haste de hibisco, ao mesmo tempo que choutava com os pés irrequietos erva-hortelã a que rescendia. De vez enquando, os cabelos, soltos e macios que não revoltos por canseiras, tapavam-lhe as faces onde se notava um vermelhidão da pureza, ao passo que avançámos — como quem anda às borboletas.

Que quadro pastoril! — Só lhe faltava gaita de fauno, para ser maravilha e sonho.

Nós cá temos a curiosidade de perguntar sempre: — como se chama?

Num soslaio de pureza, furtou-se a responder. Teimei, procurando suavizar ao máximo a minha interrogação.

— Maria Branca!

Eu ainda estava do lado de cá da sebe. E havia de continuar. Mas a aproximação, sempre cautelosa, não fosse afugentá-la de mim que queria vê-la ao de perto, foi-lhe iliminando arreceios que porventura tivesse. E desaparecia o rubor, para ficar só branca, de um branco estranho que nem era de cera.

Que mimo!

Em frente, em casa rica, uma multidão de convivas, espreitava pela gelosia, o quadro, ao mesmo tempo que também se interessavam por ele. Mas sem se mexerem. Dir-se-ia que estavam pendentes da minha sorte. Uma gargalhada ou outra chegava até nós, quente e estrépida — a fazer de pègada no chão a amedrontar aves no ninho.

Tudo isto eu sentia. Mas era mais forte o desejo de me aproximar. De ver bem aqueles olhos verdes — de amêndoa ainda por cima, e brilhantes. Doutra forma, teria recuado. Teria fugido, não fosse escangalhar as felgas onde a avezinha pouco mais fazia que pipilar...

Falei, então, com a Maria Branca. Pareceu-me ténue como um lírio daquela cor. Dela emanava um odor maravilhoso e casto, que tive medo de lhe apertar a mão. Deixei-a assim livre, e nostálgica. Só pude passear os olhos até à cintura — de abelha sem zunidos — muito longe dos páramos onde se fabrica o mel.

*

Tive vontade de fugir. De me esconder fosse onde fosse. Mesmo debaixo do chão. Mas fiquei. Aquele quadro romântico ia-se, aos poucos, transformando em tragédia.

De repente, vejo-lhe duas lágrimas enormes a escantoar. A tremeluzir como pérolas de orvalho em haste seca. Quis apanhá-los na concha da mão. Ainda me atrevi. Deslisaram, porém, até o chão. Quis ver onde pousaram. E foi que descobri: — não tinha pernas!

Mas foram os olhos verdes mais lindos que eu vi!

AS FESTAS DAS CRUZES

O QUE PENSA UM FORASTEIRO

AS terras são como as pessoas: se ao calendário da sua vida chega uma folha de festa ou romaria, logo se enfeitam ou arraiam, se requebram e miram as espelho, se ajeitam e alindam, para contemplação própria e desfrute alheio.

Barcelos é, durante as suas Festas, donzela garrida ou princesa donairosa, toda enamorada do seu Cávado, que se disfarça de camponesa exuberante e divertida, toda adornada de luzes e festões, saltitante de ritmos e taful de cores.

E, se me agrada contemplá-la e defini-la como moça garrida e bailante, é porque, nas Festas das Cruzes, o que mais fala à minha sensibilidade de forasteiro ávido de sensações diferentes, é precisamente o que elas têm de telúrico, de minhoto, de local e regionalista.

O que é pròpriamente urbano, requintado, estandardizado, inspirado em figurinos *made in* grandes centros, pode dar uma nota de «chiquismo», de sentido moderno, de inspiração elegante; pode até corresponder a uma necessidade. Mas o que me encanta e prende, nas Festas de Barcelos, é o sentido popular, ou melhor, é a presença do povo, com o que o caracteriza: do povo que vende e compra, que folga e baila, que anda no carrocel e atira ao alvo, que se senta na relva ou dorme nos passeios, que come bolinhos de bacalhau e entorna o verde do garrafão... O povo que enche as ruas, que ajoelha reverente à passagem da procissão, que comenta graciosamente o «anjinho» que ficou para trás; o povo das barracas, onde a típica e antiga olaria barcelense convive com os mais modernos e mais atípicos e incaracterísticos motivos; o povo que aparecia sem saber que é apreciado, que julga ser apenas espectador e é, afinal, personagem central de qualquer romaria.

Folgo de ver a Cidade abrir os braços à aldeia, deixar-se ocupar e possuir por ela, encolher-se e arrumar-se para que ela folgue e viva a festa que é de todos, que é dela também.

Folgo de ver que as Festas das Cruzes continuam a ter a sua feira franca, a sua exposição artesanal, a sua festa religiosa, a sua tradicional procissão, as suas barracas e até o carrocel (cujo barulho detesto): tudo isto «alimenta» o povo e o povo é a alma das festas. E as suas noitadas, e as luzinhas do rio, as sessões pirotécnicas (o povo não conhece a palavra mas dá palmas quando a girândola é de assobios).

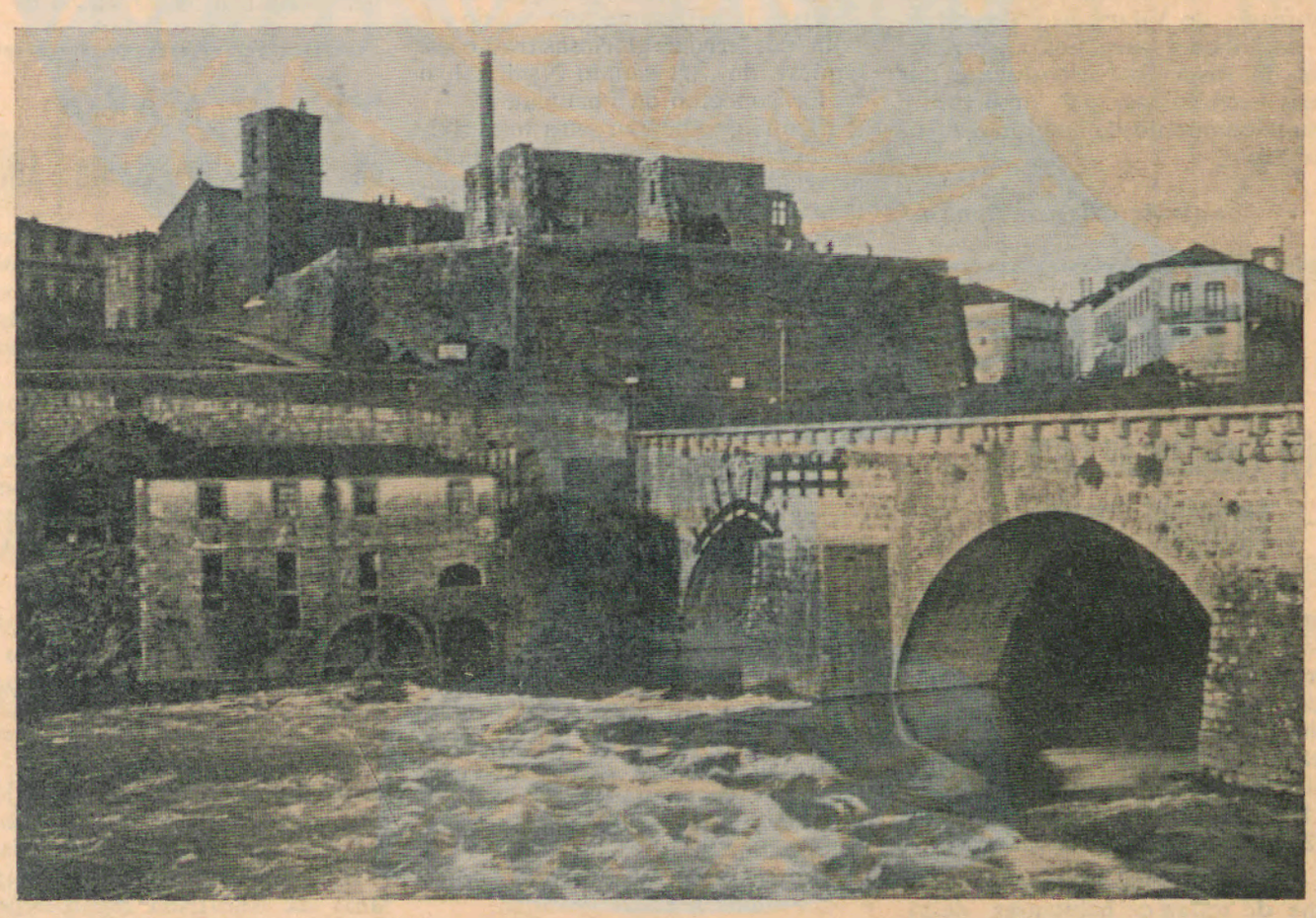
É preciso actualizar as Festas? Mas não lhes roubem o que têm de mais apreciável, de mais autêntico, o sumo, a alma: o povo.

É preciso interessar os turistas, chamar os estrangeiros? Dêem-lhes colorido, artesanato, folclore, povo e música, espectáculo, divertimentos, comércio, recepções, obséquios — mas tudo condimentado com molho popular.

As Festas de Barcelos serão inconfundíveis, serão diferentes de quaisquer outras, terão lugar marcado num calendário festivo nacional, contanto que se não descaracterizem, não cedam à tentação das imitações, mantenham e defendam o que é típico, o que é tradição, o que é povo.

E digam as Festas: viva o povo!, que o povo se encarregará de dizer: viva Barcelos!

Um Forasteiro



BARCELOS — Ponte sobre o Cávado, vendo-se ao fundo o Paço dos Duques de Bragança e a Matriz

O nosso número especial

Seguindo uma tradição que desde há anos vimos mantendo, é com viva satisfação que editamos mais um número especial de «Jornal de Barcelos» no dia em que se iniciam as Festas maiores da nossa querida terra — as *Festas das Cruzes*. E de tal modo elas atingiram interesse e projecção, tanto no País como no estrangeiro, que a Direcção Geral do Turismo as integrou nas denominadas «Festas da Primavera».

Com este número especial nós temos o prazer de dar a conhecer, aos nossos estimados assinantes — quer vivam em terra portuguesa ou no estrangeiro, e a muitos dos que nos visitam, uma ideia das potencialidades do nosso comércio e da nossa indústria e ainda das belezas desta encantadora terra, cujo passado histórico a coloca entre as primeiras de Portugal! E como sem a colaboração de dedicados amigos — e nestes incluimos fundamentalmente os distintos colaboradores e anunciantes — não seria possível levar a efeito este número especial de homenagem a Barcelos, aqui lhes expressamos o nosso profundo e sincero reconhecimento.

A todos aqueles que nos honram com a sua visita e admiram a nossa terra, em nome dos barcelenses, os saudamos e dizemos: *Sejam bem-vindos!*

PEQUENOS ANÚNCIOS

Maria Angelina Correia
Médica Especialista de Crianças
Clínica Geral de Senhoras
Consultório: Campo 5 de Outubro
Residência: Av. Comb. G. Guerra, 114
Telefs.: Consult. 82396 - Resid. 82288

O melhor Café
é do CAFEZEIRA DE BARCELOS
de Manuel da Cruz Pias
Inscrito no Grémio dos Armazenistas de Mercearia

Casa Sialal
NOVA SECÇÃO DE
Laboratório de Análises de Vinho
Telef. 82486 BARCELOS

ALTO-FALANTES
...prefira sempre a
Casa Soucasaux
Fotografias - Rádios - Óculos Artigos fotográficos
Telefone 82345 — BARCELOS

GARAGEM MACHADO
Telef. 82466
BARCELOS
Venda de automóveis novos e usados
Reparações de automóveis, camiões e motores

PARA PRESENTES...
Ide sòmente este Casa:
Ourivesaria Milhazes
Filial: Rua D. António Barroso
BARCELOS
Sede: Rua 5 de Outubro, 35
PÓVOA DE VARZIM

Casa Sialal
NOVA SECÇÃO DE
Drogaria e Perfumaria
Telef 82486 BARCELOS

Casa Sialal
TUDO PARA A LAVOURA
BARCELOS

Moveis TELES
MAIS BONITOS
MAIS BARATOS
MELHOR SORTIDO
Todo o género de Colchoaria, Maples, Sofás-camas, Divãs de fasco art. e Mobiliário metálico
Tapetes, Carpetes e Alcatifas
Campo da Feira — Telef. 82453 BARCELOS